UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

VIVIAN DE SOUZA E SILVA PEREIRA
WERIDIANA MARIA ALMEIDA ARAÚJO SANTANA

BNCC E O ENSINO INTERDISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS

Goiânia- Goiás
2021

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, as autoras e a orientadora firmamo compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nomes completos) das autoras: Vivian de Souza e Silva Pereira, Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Título do trabalho: *BNCC E O ENSINO INTERDISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS*.

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[5]

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Vivian de Souza e Silva Pereira

Weridiana M. A. A. Santana

Assinatura das autoras

Wellria Carla Dias

Ciente e de acordo: Assinatura da orientadora

Goiânia, 16 de Junho de 2021.

[5] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

VIVIAN DE SOUZA E SILVA PEREIRA
WERIDIANA MARIA ALMEIDA ARAÚJO SANTANA

BNCC E O ENSINO INTERDISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Artes Visuais – Ensino à Distância - da Universidade Federal de Goiás para a obtenção do título de Licenciadas em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.ª Ma. Welbia Carla Dias.

Goiânia - GO
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira, Vivian de Souza e Silva
BNCC E O ENSINO INTERDISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS [manuscrito] / Vivian de Souza e Silva Pereira, Weridiana Maria Almeida Araújo Santana. - 2021.
132 f.

Orientador: Prof. Welbia Carla Dias.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2021.

1. BNCC. 2. Ensino. 3. Artes Visuais. 4. Interdisciplinaridade. I. Santana, Weridiana Maria Almeida Araújo . II. Dias, Welbia Carla , orient. III. Título.

CDU 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA EAD

VIVIAN DE SOUZA E SILVA PEREIRA
WERIDIANA MARIA ALMEIDA ARAÚJO SANTANA

BNCC E O ENSINO INTERDISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Defendido e aprovado publicamente em 25 de Maio de 2021, pelos seguintes membros da banca:

Profª. Ma. Welbia Carla Dias - Orientadora
Universidade Federal de Goiás - UFG

Profª. Drª. Nayara Joyse Silva Monteles – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás - UFG

Profª. Drª. Leda Maria de Barros Guimarães - Avaliadora
Universidade Federal de Goiás - UFG

Goiânia – GO
2021

RESUMO

A pesquisa em questão, promove uma discussão sobre a presença da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino interdisciplinar nas Artes Visuais nos anos finais do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio em algumas escolas públicas e privadas de Goiás. Além da Pesquisa Bibliográfica utilizada para o desenvolvimento dos capítulos que discorrem sobre a História do Ensino de Arte e a formação de professores no Brasil; a importância da criação ou reformulação das Políticas Públicas para o ensino das Artes Visuais no nosso país; e, principalmente, sobre a relevância ou não desse documento para a Interdisciplinaridade no Ensino de Artes, foi realizada uma pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário com questões abertas, para um número de 17 professores formados em Artes Visuais, e, também, junto àqueles que não possuem formação em artes, mas ministram tal componente, atuantes nas escolas nos anos indicados, a fim de, conseguirmos entender como que a BNCC pode contribuir ou não para o ensino da Arte nos currículos escolares e, consequentemente, para as possibilidades do ensino interdisciplinar sob o ponto de vista dos entrevistados.

PALAVRAS-CHAVE: BNCC; Ensino; Artes Visuais; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The research in question, promotes a discussion about the presence of the Commom National Curricular Base (BNCC) and the interdisciplinary teaching in Visual Arts in the final years of Elementary School II and High School in some public and private schools in Goiás. In addition to Bibliographic Research used for the development of chapters that discuss the History of Art Teaching and teacher training in Brazil; the importance of creating or reformulating Public Policies for the teaching of Visual Arts in our country; and, mainly, on the relevance or not of this document for Interdisciplinarity in the Teaching of Arts, a field research was carried out, with the application of a questionnaire with open questions, for a number of 17 teachers trained in Visual Arts, and also , together with those who do not have training in the arts, but teach such a component, working in schools in the years indicated, in order to understand how the BNCC can contribute or not to the teaching of Art in school curricula and, consequently, to the possibilities of interdisciplinary teaching from the point of view of the interviewees.

KEY – WORDS: BNCC; Teaching; Visual arts; Interdisciplinarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO9

1 O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO BRASIL13

1.1 Breve Histórico13

1.2 A formação de professores23

2 A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO OU REFORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO NOSSO PAÍS27

2.1 Um breve histórico temporal de atos políticos e a influência das tendências pedagógicas neste processo28

2.2 Pontos positivos e negativos da BNCC segundo alguns autores42

3 APRENDENDO A SER ÁGUA: O ENSINO INTERDISCIPLINAR DE ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS49

3.1 O conceito interdisciplinaridade e o ensino de Artes Visuais50

3.2 Percepções dos professores: análises e reflexões a partir das respostas obtidas pelo questionário.53

CONSIDERAÇÕES FINAIS78

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS80

APÊNDICES84

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de normatizar um conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais a todos os níveis de escolarização, a Base NacionalComum Curricular (BNCC)[1] assegura o desenvolvimento de dez competências gerais,definidas como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioeconômicas), atitudes e valores para resolverdemandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundodo trabalho.

Podemos observar então que essas competências, objetivadas na BNCC, podem corroborar para a potencial interdisciplinaridade do Ensino de Artes como caminho de transformação da própria educação no âmbito escolar. Pois, termos como cultura, curiosidade, reflexão, análise crítica, imaginação, criatividade, manifestações artísticas, produção artístico cultural, diferentes linguagens (a visual como exemplo), linguagens artísticas, o verbo expressar, a diversidade de saberes, vivências culturais, potencialidades e outros, considerados assim mesmo de forma solta, podem favorecer a compreensão do ensino interdisciplinar das Artes Visuais como potencial caminho de transformação do ensino.

Logo, o estudo em questão “A BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas escolas”, tomando como base a última versão da BNCC, busca refletir sobre o quanto é importante discutirmos sobre este assunto e, de alguma forma, responder a seguinte questão problema: De que modo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) efetivamente contribui ou enfraquece a posição da Arte nos currículos escolares e, consequentemente, as possibilidades do ensino interdisciplinar?

Compreendemos que o documento tem a sua relevância ou significância tanto na escrita (parte textual) quanto na compreensão de seu conteúdo, o qual nos fez

---

1 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para o ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio no Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Base_Nacional_Comum_Curricular. Acesso: 28. Mar.2021.

pensar como seria na prática ou no cotidiano das escolas desenvolver ou aplicar a maior parte das recomendações listadas nas páginas de tal documento.

Diante disso, a partir das experiências profissionais, de leituras e contato das autoras desse trabalho monográfico com a BNCC, vimos que há necessidade de promovermos discussões teóricas que, de certa forma, tratem da história do Ensino de Arte e a formação de professores no Brasil; da importância de criação ou reformulação das políticas públicas para o ensino das Artes Visuais no nosso país; e, principalmente, sobre a relevância ou não desse documento para a interdisciplinaridade no Ensino de Artes.

Além disso, percebemos que para conseguir efetivamente entender como que a BNCC pode contribuir para o ensino da Arte nos currículos escolares e, consequentemente, para as possibilidades do ensino interdisciplinar, foi preciso ouvir o outro lado, ou seja, ouvir os professores que ministram tal disciplina em algumas escolas do 8º e 9º ano da segunda fase do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio públicos e privados, em Goiás, nas cidades de Anápolis e Goiânia.

A escolha de itinerários formativos no Ensino Médio enfatiza a necessidade do diálogo sobre a BNCC e as influências que cercam os caminhos de preparação dos estudantes, muitas vezes associadas às demandas do mercado e não aos interesses discentes ou da própria educação. O ensino de Artes Visuais abre possibilidades ao ensino e aprendizagem, cria condições favoráveis ao aprender a fazer, estar presente, ser perceptivo visual.

Diante do exposto, o objetivo geral desse trabalho é promover uma discussão sobre a relevância e a aplicação objetiva da Base Nacional Comum Curricular e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nos anos finais do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio em algumas escolas públicas e privadas de Goiás. E como objetivos específicos: a) Possibilitar uma análise crítica da sua aplicabilidade em meio a um contexto escolar repleto de contrariedades; b) Apresentar e discutir conceitos relacionados à interdisciplinaridade e o ensino interdisciplinar de Artes nas escolas; sobre o Ensino de Artes no Brasil, a Formação de professores em Arte; as Políticas públicas para o ensino das Artes Visuais; c) Realizar pesquisa de campo junto aos professores formados em artes visuais e, também, junto àqueles que não possuem formação em artes, mas ministram tal componente, nas séries finais do ensino fundamental II e ensino médio, público e privado, com vistas a identificar o

conhecimento e a aplicação da BNCC no ensino de artes; e por fim, promover uma análise crítica dos dados coletados em pesquisa de campo sobre a interdisciplinaridade das artes visuais no contexto escolar, bem como a aplicabilidade da BNCC em meio aos obstáculos cotidianos vivenciados por tais professores nas escolas.

Como já apontado anteriormente, além da Pesquisa Bibliográfica para o desenvolvimento dos temas abordados em cada capítulo da monografia, foi realizada uma pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário com 12 (doze) questões abertas, para uma média de dezessete professores atuantes nas escolas de séries finais do Ensino Fundamental II e no Ensino Médio público e privado, a fim de que as respostas obtidas nos ajudassem a delinear as ideias, os conceitos e os objetivos propostos nesta pesquisa. E como isso foi feito? Entramos em contato por e-mail e\ou telefone com as escolas e os respectivos professores que ministravam a componente de arte para apresentarmos a pesquisa e enviarmos o questionário. Os 17 (dezessete) questionários respondidos estão disponíveis na parte do Apêndice, do presente trabalho.

Acreditamos que estes professores compõem a história pedagógica de nosso país, o que já é de valorosa importância para este trabalho, já que tivemos aqui os primeiros indícios de possíveis “erros” e “dicas de acertos” acerca da BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais como agente transformador para professores e alunos nas escolas.

Já a Pesquisa Bibliográfica foi respaldada pelo conteúdo teórico de leituras bibliográficas, pesquisa de artigos de estudiosos dos assuntos que nos levou a refletir sobre o tema proposto; e, também, ampliar, aprimorar e qualificar o trabalho com novas visões para a construção de conhecimento que envolva um ensino e aprendizagem interdisciplinar de qualidade.

Logo, com a determinação para investigar e destacar os temas e resultados relacionados à pesquisa, além do documento BNCC (Base Nacional Comum Curricular), nós apoiamos nos seguintes autores: ANDRADE (2016), BAPTAGLIN (2015), BARBOSA (2010, 2011, 2012, 2016, 2020 e 2021), CALDAS (2017), COUTINHO (2011), CUNHA (2020), FAZENDA (1992 e 2008), GOMES (2008), GUIMARÃES (2010), HOLZER (2017), IAVELBERG (2018), LIBÂNEO (1990 e 1999), LIMA (2020), MAGALHÃES (2018), MARTINS (2012), MELO (2012), MOITA (2007),

NOGUEIRA (2008), PERES (2015), PIMENTA (1999), PIMENTEL (2018), POPI (2017), QUEIROZ (2007), RIZOLLI (2007, 2012 e 2016), SILVA (2015), WEBSTER (2021).

No Capitulo 1, intitulado “O ensino de Artes Visuais no Brasil” apresentamos uma discussão histórica sobre o ensino de Artes, além de tratar sobre a formação de professores. Já no Capitulo 2, “A importância da criação ou reformulação das políticas públicas para o ensino das Artes Visuais no nosso país” discutimos sobre algumas ações políticas no contexto educacional e como estes atos institucionais reverberam no ensino de Artes, bem como apresentamos algumas alterações propostas na BNCC a partir do ponto de vista ou reflexões de alguns autores. E, por fim, no Capitulo 3, intitulado “Aprendendo a ser água: o ensino interdisciplinar de Artes Visuais nas escolas” apresentamos uma discussão sobre o conceito de interdisciplinaridade e a análise dos questionários realizados com professores atuantes no ensino de Arte para discutirmos acerca dos reflexos da Base Nacional Comum Curricular no cenário educacional atual.

É preciso destacar que houve a necessidade de interrelação entre as estudantes envolvidas neste trabalho de conclusão de curso, já que, todo o conteúdo trabalhado aqui, precisou funcionar de maneira harmoniosa, primeiramente, para as autoras do trabalho em questão que foram as primeiras a “provarem” das vantagens e\ou desvantagens de uma abordagem interdisciplinar. Nesse sentido, cada indivíduo do grupo ocupou uma função sem desprezar os conhecimentos trazidos pelos demais estudiosos\autores do tema em questão e pelos membros do próprio grupo. Logo, a necessidade desta correspondência se fez necessária pelo mesmo motivo dos professores de uma escola de abordagem interdisciplinar, ou seja, de que era preciso trabalhar em equipe para que se pudesse ter bons resultados a partir da metodologia que está sendo adotada ou construída.

1 O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO BRASIL

Como já apontado na parte da Introdução, uma discussão sobre o Ensino das Artes Visuais no Brasil a partir de uma perspectiva histórica se torna importante para o trabalho em questão, pois nos possibilita refletir como os processos ou as concepções de ensino no campo das Artes Visuais foram sendo construídas em nosso país. O que também nos faz pensar se na trajetória histórica do ensino das artes houve efetivamente uma preocupação com o educando, com a formação de profissionais, com elementos da cultura local e\ou com o desafio de ensinar as artes de forma interdisciplinar.

1.1 Breve Histórico

Um passo inicial na prerrogativa de conhecimento do contexto educacional atual para projeções e atuações mais eficazes frente às necessidades e possibilidades da educação brasileira, de forma particular no que tange ao Ensino da Arte, configura-se nessa retomada de fatos marcantes que de modo singelo introduzimos aqui.

> A esse respeito, Barbosa e Coutinho afirmaram significativamente: “precisamos compreender que esta nossa história não é apenas uma sucessão de fatos e acontecimentos isolados que se apresentam de forma linear e pertencem ao passado, mas uma constelação de proposições, ideias e experiências sobre a arte e seu ensino que se sobrepõem e coabitam um mesmo espaço e continuam ativas hoje no ideário educacional”. (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 5).

De acordo com Freitas (2019), os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, liderados pelo Padre português Manoel de Nóbrega, seguido pelo Padre espanhol José de Anchieta, em 1553. Podemos dizer que a função educacional jesuítica foi importante na história da educação brasileira, pois eles fundaram diversas escolas em São Paulo e Salvador. A missão dos jesuítas no Brasil estava relacionada à catequização dos povos indígenas.

No ano de 1640, os Bandeirantes[2] expulsaram os jesuítas do Colégio de São Paulo e, a partir daí, os religiosos dedicaram-se a construção das primeiras escolas de ensino elementar no país, praticando uma pedagogia própria até o ano de 1759. Guimarães nos ensina, citando Ana Mae Barbosa, que nessas vinte e uma décadas a Arte desenvolveu-se com base na transformação do Barroco Jesuítico Português, constituindo-se uma Arte brasileira, um Barroco Brasileiro[3]. (Guimarães, 2010)

É preciso ressaltar que a diferença econômico-social influenciou também o ensino e o desenvolvimento artísticos, onde as produções manuais faziam parte do cotidiano dos mais pobres enquanto as atividades intelectuais eram dirigidas aos mais ricos. Como afirma Barbosa (2012), demonstrava-se acentuado preconceito contra as atividades manuais, como as Artes Plásticas, uma vez que as atividades artesanais e manufatureiras eram consideradas inferiores quando comparadas com as atividades de cunho intelectual, sendo sua execução destinada às classes menos abastadas.

Segundo Freitas (2019), além do envolvimento com o processo educacional, os jesuítas também se envolveram em conflitos para a não escravização dos índios catequizados, considerados índios pacificados. Uma das lutas dos jesuítas ligou-os às guerras guaraníticas, ocorridas na região sul do país, com a intenção de retirada dos índios guaranis e dos jesuítas daquele local. Sem o consentimento de ambos, vários conflitos ocorreram e culminaram na expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759. Barbosa (2019) explica que a educação brasileira esteve a cargo dos jesuítas desde a época do descobrimento até sua expulsão em 1759, justificada com base em razões político-administrativas.

---

2 “Os Bandeirantes foram os descendentes de portugueses, instalados em São Paulo, que exploraram várias partes do Brasil em busca de ouro e captura de escravos fugitivos para quilombos e índios. Participaram da expansão do território brasileiro, além do limite imposto pelo Tratado de Tordesilhas, ocuparam a Região Sul do Brasil, Região Centro-Oeste, Mato Grosso, Goiás e descobriram o ouro em Minas Gerais”.
(Educa Mais Brasil. Bandeirantes. Saíam em expedições pelo território brasileiro buscando riquezas e escravos, 2018, Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/bandeirantes). Acesso em: 19. Mar.2021.

3 “Sabemos que o primeiro produto cultural brasileiro de origem erudita foi o Barroco. Trazido de Portugal, recebeu através da criação popular características que podem ser consideradas de cunho nacional. Os artistas e artesãos brasileiros à maneira antropofágica criaram um Barroco com distinções formais em relação ao Barroco europeu. O ensino da arte barroca tinha lugar nas oficinas através do fazer sob orientação do mestre. Estas oficinas eram a única educação artística popular da época”. (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 4)

Conforme Guimarães e Pereira (2010), a expulsão dos jesuítas foi realizada pelo Primeiro Ministro de Portugal, o Marquês de Pombal, que promulgou o alvará para a substituição do sistema de ensino jesuítico, mas que não possuía reservas para o seu pronto atendido. Ao final do século XVIII, as políticas educacionais para o Brasil eram praticamente inexistentes, não havendo ainda nenhum sistema devidamente estruturado para a substituição da rede educacional jesuítica, ausência que perdurou por mais uns 50 anos.

Seguindo para o início do século XIX, as mudanças na educação continuaram a favor dos interesses dominantes, nesse período, os da Família Real, recentemente chegada ao país (1808). Outra mudança diz respeito ao regime escravocrata para o assalariamento de trabalhadores. Era necessário formar a mão de obra exigida pelo novo regime, desenvolvendo as formas de produção e a economia. No campo das Artes, no mesmo ano em questão, iniciou-se a implantação da Academia de Artes no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. (GUIMARÃES; PEREIRA, 2010). Ainda conforme Guimarães e Pereira (2010), foi em 1816 que um grupo de artistas franceses, denominado por longo tempo de “Missão Francesa”, instalou-se no Brasil.

Barbosa (2012) descreve a atuação da Missão Francesa na fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, designada assim naquele ano de 1816 por decreto, com o nome mudado para Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, por outro decreto promulgado em 1820. No mês seguinte, a denominação da instituição foi alterada para Academia de Artes, nome novamente mudado por decreto em 1826 para Academia Imperial de Belas-Artes e, finalmente, após a Proclamação da República, nasce a Escola Nacional de Belas-Artes.

Observamos ao longo dessa pesquisa que alguns preconceitos se formaram enquanto o Ensino da Arte era organizado ao longo da estruturação do ensino formal no Brasil. Segundo Barbosa, a oposição política foi uma das principais causadoras desses preconceitos, seguida de uma espécie de descontentamento português frente ao Projeto de Lebreton[4] que deu origem à Academia de Arte no Brasil, instituição

4 “Joachim Le Breton (1760-1819), chefe da Missão Francesa, tinha planos para a Escola de Ciências Artes e Ofícios, criada por decreto de D. João VI em 1816, de cunho mais popular do que a orientação seguida no Instituto de França, onde ele ensinava. O projeto repetia os atuais modelos de ensino de atividades artísticas ligadas a ofícios mecânicos empregados na França por Bachelier em sua École Royale Gratuite de Desin, hoje École Nationale des Arts Décorati. Bachelier (...) conseguiu combinar métodos e objetivos de ensino de arte comuns às corporações e às academias. Ele contornou a tradicional luta entre artistas e artesãos, conseguindo apoio das academias para o seu trabalho

artística de expressiva estrutura cuja semelhança não se achava em Portugal (BARBOSA, 2012).

Houve ainda um preconceito estético da parte dos membros da denominada Missão Francesa, orientados predominantemente pelo Neoclassicismo[5], ditador para eles das características nos ensinos e atividades artísticas da Corte. Em contrapartida, a modernidade neoclássica, também expressa em decorações públicas e contrastante com as características do Barroco-rococó[6], contribuiu para um estranhamento da população e o seu distanciamento daquela Arte (BARBOSA, 2012).

Segundo Guimarães e Pereira (2010), o Ensino das Artes na Academia se desenvolveu pelo desenho e pela pintura, com orientações embasadas nas artes da Antiguidade e do Renascimento, numa ordem de técnicas bem definidas, em obediência a uma hierarquia de temas. Iniciava-se pelo desenho de partes, depois a aprendizagem de luz e sombra para finalmente a representação do modelo vivo. A pintura tinha o desenho como pré-requisito e os temas importantes estavam associados ao estilo da nobreza e idealizações humanas, desconexas das experiências cotidianas. Para servir aos ideais e estar ajustado aos esquemas de perfeição representativa, não havia espaço às realidades mais simples e concretas. Naquela época, para aquela arte, um retratista do povo era considerado um artista inferior.

Sobre as influências no trabalho desenvolvido na Academia, as autoras citadas nos explicam que em 1855 a Academia passou por reformas, por meio das quais foram introduzidos princípios liberalistas. Poucos recursos destinados ao ensino

---

pedagógico, exigindo, por exemplo, que os mestres de desenho de sua escola tivessem obtido prêmios da academia". (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 6)

5 "O Neoclassicismo foi um grande movimento artístico e cultural, que surgiu na Europa no início do século XVIII. Ele inovou aspectos na literatura, arquitetura, pintura e escultura, promovendo uma grande valorização das tradições greco-romanas. O movimento, que permaneceu até meados do século XX, teve forte influência do iluminismo, pois em suas pinturas, principalmente, buscava-se ressaltar as formas e belezas estéticas das Artes Clássicas, desprezando um pouco o estilo detalhista encontrado nas artes do Barroco e Rococó.

O seu surgimento ocorreu após a Revolução Francesa, na época em que os filósofos gregos pregavam o evangelho da 'razão', aspecto que cultuava a clareza, a nobreza e a pureza. O Neoclassicismo se transformou em uma nova tendência para as artes europeias".

(Educa Mais Brasil. Neoclassicismo. Arquitetura, Pintura e Escultura, 2020, Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/neoclassicismo). Acesso em 29 mar.2021.

6 O Barroco-Rococó, como o nome sugere, possuía características do estilo Barroco e também do estilo Rococó. O seu principal representante brasileiro foi o artista Aleijadinho. A união dos estilos entrelaçou propostas e formas, principalmente na escultura.

fundamental e médio associados a uma vaga e descomprometida obrigatoriedade prevista na Lei, desarticularam o processo educacional e empobreceram sua oferta, enquanto o exame para acesso ao ensino superior incentivava a abundância de cursos preparatórios. Semelhança com dias atuais não terá sido mera coincidência.

Guimarães e Pereira (2010) seguem explicando que o atraso de dez anos no efetivo funcionamento da Academia ainda foi balizado pela apartação dos integrantes da chamada Missão Francesa. Os interesses iniciais da arte sucumbiram aos interesses da nobreza imperial e sobressaíram-se os princípios liberais com relação aos positivistas, formatando o ensino para atendimento à indústria e ao progresso sob o imperativo dos cursos técnicos. Com o novo estatuto, a Academia capacitava artífices e operários para atendimento da necessidade de formação da mão de obra manufatureira.

Em consequência desse contexto, Guimarães e Pereira (2010) descrevem o movimento de intelectuais brasileiros que se voltaram à sistematização da educação. Políticos e Parlamentares como José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, atuaram efetivamente na política educacional, atendendo as necessidades da economia brasileira na preparação para o trabalho.

No Ensino das Artes, também para as classes mais pobres, destacou-se o desenho como forma de aproximação do Brasil à realidade europeia. A linguagem do desenho destinava-se à indústria, embora também considerado como facilitador do ensino da escrita e favorecedor de comportamentos mais harmoniosos e dignos para a mente e o espírito, mesmo aos estudantes oriundos das classes menos abastadas. Assim, o desenho geométrico disseminou-se durante a Primeira República, perdurando até metade do século XX. E segundo os autores citados acima:

> Assim, em 1919, são criadas as escolas de aprendizes artífices, em todos os Estados, mantidas pelo governo federal e destinadas à formação profissional dos filhos das classes sociais consideradas desafortunadas. Pedagogicamente, essas escolas ainda adotavam concepções de uma educação voltada para a moralização e a correção da população brasileira, considerada predisposta ao ócio, ao vício e até mesmo ao crime (GUIMARÃES; PEREIRA, 2010, p. 84).

Conforme Andrade (2016), o Ensino da Arte no início do século XX possuía tendência pedagógica tradicional e o foco no desenho objetivava a preparação técnica para o trabalho. Essa ênfase no desenho para a indústria reforçou uma dualidade nas

Artes baseada em política e ideologia: preparação dos mais pobres para o trabalho frente às exigências do progresso industrial e itinerário de cultura e refinamento aos mais ricos, numa espécie de normatização aos moldes europeus.

Segundo Guimarães e Pereira (2010), o Ensino de Artes Visuais como conhecemos recentemente não fazia parte dos currículos educacionais estabelecidos oficialmente e, descrevem: “(...) um Ensino de Artes, mais distanciado dos interesses de formação de mão de obra, acontecia de forma extracurricular, em escolas particulares”.

No período da Segunda República, novas ideias educacionais surgem na atuação de alguns Gestores da Diretoria Geral de Instrução Pública, cargo pertencente ao rol das funções públicas de maior projeção. Esse especificamente, da área educacional brasileira cuja atuação partia do Distrito Federal, na época localizado na área que atualmente corresponde ao Município do Rio de Janeiro. Dentre esses Gestores, as autoras destacam Fernando Azevedo, que em 1928 reformou e ampliou a visão dos operários sobre suas técnicas e suas artes, elevando-as ao entendimento dos seus significados sociais. Também Anísio Teixeira manteve seu pensamento pedagógico influente sobre a política educacional brasileira, mesmo após sua demissão por uma campanha anticomunista em 1935, sucedido por seu amigo Faria Góes. Este último permaneceu na política educacional brasileira até 1942, inserindo ideias deweyanas e influenciando a formação geral dos primeiros níveis escolares na educação pública, com o intuito de minimizar as discriminações e injustiças sociais.

Dentro desse período, Andrade (2016) nos fala sobre a atuação dos artistas do Movimento Modernista de 1922, conhecidos pela Semana de 22 realizada no Teatro Municipal, em São Paulo, influenciados pelo modernismo europeu foram estes os introdutores dessa corrente Modernista no Brasil, disseminando a importância da arte além da preparação intelectual. Ênfase de Guimarães e Pereira (2010) ao escritor Mário de Andrade e a pintora Anita Malfatti, instauradores da livre expressão na produção artística das crianças. Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, de 1935 a 1938, Mário de Andrade destacou-se na criação de parques infantis para os filhos de operários com idades de 2 a 12 anos, local de desenvolvimento de atividades de ginástica, marcenaria, bordado, dança, colagem e desenho. Como ainda destaca:

> Algumas experiências como as de Mário de Andrade, criando Ateliês para crianças no Parques Infantis e na Biblioteca Infantil, quando exerceu a função

> equivalente à de Secretário de Cultura de São Paulo em 1936, ou as classes de arte de Anita Malfatti na Escola Americana, hoje Mackenzie ou a criação de Escolas de Arte para crianças bem dotadas em arte pelo Jornal A Tarde em São Paulo foram significativas mudanças cuja disseminação foi interrompida pelo golpe de Estado que instituiu a ditadura do Estado Novo. (BARBOSA e COUTINHO, 2011, p. 16).

Em 1948 foi fundada no Rio de Janeiro a primeira Escolinha da Arte, espalhando-se pelo país e até para fora do Brasil, por meio do ensino extraescolar baseado em princípios da Escola Nova. De acordo com Guimarães e Pereira (2010), a Escolinha de Arte influenciou até o ensino das artes nas escolas, por ter sido o primeiro movimento transformador de filosofias e metodologias para esse ensino. Ela configurou-se em polo de pesquisas e debates sobre as Artes, com o envolvimento de artistas e educadores nacionais e estrangeiros.

Em 1960, a Pedagogia Libertadora surgiu em meio aos influentes pensamentos de reforma, apresentada principalmente por Paulo Freire. Um ano depois (1961) foi estruturado o CIAE – Curso Intensivo de Arte na Educação, no Rio de Janeiro, com um diversificado público de artistas, artesãos, estudantes de Arte, psicólogos, alunos e professores de pedagogia, bem como todos que pudessem contribuir na ampliação das percepções sobre o aluno sob o lema “Aprender Fazendo”. O CIAE foi o único curso de formação de professores em Arte até a promulgação da Lei 5.692/71, instituidora da obrigatoriedade da Educação Artística nos currículos de 1° e 2° Graus. Para atendimento a essa nova demanda, surgiram em 1973 os cursos universitários de Licenciatura em Artes Visuais. (GUIMARÃES; PEREIRA, 2010).

Convém destacar que a partir de 1964 foi consolidado o regime de repressão política da ditadura militar brasileira, que perdurou até 1985. Período em que o governo reprimiu estudantes, professores, intelectuais e artistas ligados aos pensamentos revolucionários, denominados como subversivos. “Com a Ditadura muitos educadores foram perseguidos e uns poucos ex-reformadores se aliaram a ditadura para defender outros interesses, não os da criança. (BARBOSA; COUTINHO, 2011)

Guimarães e Pereira (2010) elucidam a tendência e a prática da livre expressão escolanovista, desvinculada do pensamento originário das Escolinhas de Arte, conferiu ao ensino de arte um caráter livre e descomprometido. Daí a consideração desse ensino como forma de recreação, fortalecendo o preconceito quanto à disciplina de arte, que na permissividade do “tudo pode” foi esvaziada de seus conteúdos.

Considerando as afirmativas de Andrade (2016 apud FERRAZ e FUSARI, 2010), o movimento da escolanovista (1930 e 1940), antes embasado na estética modernista, voltou-se para o Ensino de Arte apoiado nas experiências e expectativas das crianças e valorização de seu progresso natural.

A Lei de Diretrizes e Bases N° 5692/71 regulamentou o denominado ensino de 1º e 2º graus, além de introduzir a obrigatoriedade da disciplina de Educação Artística no currículo das escolas. Contudo, como afirmam Guimarães e Pereira (2010), a obrigatoriedade prevista na LDB em meio à realidade política e estrutural não garantiu a institucionalização do Ensino da Arte, pelo contrário, a estrutura econômica associada à baixa oferta e qualidade insuficiente dos cursos de formação de professores de Artes ficou aquém da demanda legal. Surgiu então a polivalência nas escolas, cuja atuação do professor de artes desenvolveu-se sobre as diferentes manifestações artísticas da Música, da Dança, do Teatro e das Artes Visuais.

É no final da década de 1970 que certo enfraquecimento do regime de repressão abriu caminho a uma pedagogia mais progressista. Nos descreve Andrade (2016) que nas décadas de 1970 e 1980 aflorou a tendência Realista-progressista, que favoreceu a pedagogia libertadora de Paulo Freire e focou no aluno como sujeito histórico de direito. Assim, o professor passa a ser um mediador do conhecimento, numa troca com o aluno que objetiva além do aprendizado deste, a sua formação consciente enquanto sujeito crítico e participante, capaz de analisar situações vividas em sociedade.

Ainda segundo a autora, o movimento Arte-Educação surgiu na década de 1980, com vistas a inovar a atuação dos professores de arte e ampliar os conhecimentos relativos à área. Houve aí a reunião de professores de Arte pela conscientização, organização e mobilização política, considerando conceitos e metodologias existentes, e ainda, engajados na elaboração de um novo projeto para o ensino de artes.

Após trabalho investigativo, Ana Mae Barbosa, “primeira pessoa no Brasil a realizar uma pesquisa de doutorado em Artes, na Universidade de Boston, em 1977” (GUIMARÃES; PEREIRA, 2010), elaborou a Proposta Triangular (1987), alicerçada em três abordagens na construção do conhecimento em Artes, distintas e interligadas, relacionadas à contextualização histórica (conhecer o contexto histórico no qual se está inserido), ao fazer artístico (a prática de fazer Arte) e a apreciação (capacidade

de leitura crítica de uma obra de Arte). A Metodologia Triangular foi proposta mais tarde, somente em 1998, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para a componente de Arte.

> A Proposta Triangular foi sistematizada a partir das condições estéticas e culturais da pós-modernidade. A pós-modernidade em arte/educação caracterizou-se pela entrada da imagem, sua decodificação e interpretações na sala de aula junto com a já conquistada expressividade. (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 31).

Guimarães e Pereira (2010) nos relatam que em 1988, a Promulgação da Constituição Federal do Brasil marcou o início das discussões acerca da elaboração de uma nova LDB. Em 1987, após a Ditadura, foi criada a FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil, que participaram expressivamente na redação da nova LDB e tinham o objetivo de fortalecer e valorizar o ensino de arte para uma educação com identidade social e cultural brasileira. A atual LDB (9394/96), resultado da articulação política e participação intensa dos professores da FAEB, formalizou o ensino de arte obrigatório em todos os níveis de escolaridade da educação básica.

Na década de 1990, os cursos de graduação e pós-graduação para o ensino de arte estavam pautados nas discussões e conscientização sobre a arte enquanto campo que supera a aplicação de técnicas de desenho e pintura. A atuação docente exigia consciência crítica e política, a partir do conhecimento da própria história, da contextualização, do ver e fazer. A fluidez dentre essas expectativas conferia importância à criação e ao acesso das obras, dos espaços, das diferentes manifestações artísticas. Além disso, como afirmam:

> Quando em 1997, o Governo Federal (...) estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Proposta Triangular foi agenda escondida da Área de Arte. Nesses Parâmetros, foi desconsiderado todo o trabalho de revolução curricular que Paulo Freire desenvolveu quando Secretário Municipal de Educação (1989/1990) com vasta equipe de consultores e avaliação permanente. Os PCNs brasileiros, dirigidos por um educador espanhol, desistoriciavam nossa experiência educacional para se apresentarem como novidade e receita para a salvação da educação nacional. (BARBOSA e COUTINHO, 2011, p. 32).

Em 2003, a Lei Nº 10.639/03 foi aprovada, sancionando o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio, incluída em 2004 nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e

para o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana. No parágrafo segundo do seu artigo Nº 26, é destacada a importância desse ensino nas áreas de Educação Artística e de Literaturas e História Brasileiras (GUIMARÃES; PEREIRA, 2010). Essa legislação retoma a necessidade de reconhecimento das influências e características próprias da cultura brasileira, tantas vezes submetidas aos interesses de um grupo explorador, consciente da força adquirida por meio da anulação das construções históricas e culturais do povo explorado, usando a imposição da cultura e do trabalho como ferramenta de dominação.

Além dos movimentos para uma abordagem de mais propriedade e verdade acerca das construções históricas, culturais e consequentemente da educação no Brasil, foram abertos caminhos de mediação que alargaram o alcance do ensino brasileiro: as mediações por meio de novas tecnologias de informação e comunicação, denominadas TICs. O Decreto 5.622 regulamentou a educação à distância no Brasil, nos seus diferentes níveis e modalidades. Nós somos fruto dessa expansão educacional que se ocupa mais com a ascendência qualitativa do que quantitativa, que embora avolume as estatísticas, visa a formação significativa para construções mais conscientes da história, do compromisso e das potencialidades no ensino das artes visuais no Brasil.

> Um ensino de arte compromissado com a compreensão das diferenças deve usar os pressupostos críticos de um multiculturalismo que, distanciando-se dos interesses expansionistas do sistema econômico capitalista mundial, alinhe-se aos interesses para a construção de outros papéis (...) na história contemporânea do ensino de artes visuais no Brasil. (GUIMARÃES; PEREIRA, 2010, p. 104).

Esse breve histórico do Ensino das Artes no Brasil, itinerário dentro do qual surgem as Artes Visuais, nos impulsiona à reflexão das diferentes influências culturais e políticas enxertadas desde o início na educação e Arte brasileiras, mas é também oportunidade de reconhecimento do trabalho desenvolvido por educadores e arte educadores e de nossa necessária pertença às discussões que envolvem os temas da educação. Embora direcionamentos imperativos ao longo de nossa história ainda sejam influentes, como veremos tanto na formação dos professores quanto nos capítulos seguintes, a herança cultural, as construções próprias e os artistas/pensadores resistem, nos instruem e motivam a participarmos ativamente nesse campo que desejamos atuar.

Essa retomada das questões sobre o desenvolvimento da educação no Brasil e em especial do Ensino das Artes é um movimento necessário de reflexão e contextualização, é reconhecimento do caminho trilhado, dos esforços empregados; é posicionamento de pertença ao trabalho pertinente para a educação que desejamos/precisamos. Tal pertença é motivada também pelos exemplos formadores do histórico retomado.

Além disso, acreditamos que a experiência é um apoio nesse desenvolvimento do ensino das artes visuais no Brasil.

> E, se você não conhece esse fluxo que vem do passado, fica parecendo que cada geração, digamos, inventou a roda. Você não sabe porque certos temas voltam, e voltam de maneira diferente. Você fica sem apoios de comparação quando seu estudo é todo assim fragmentado. (BOSI, 2010, p. 14 *apud* BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 33).

Pois, somos favorecidos por essa bagagem histórica para uma postura crítica mas sobretudo participativa e também de reconhecimento das construções que nos foram disponibilizadas, o que nos estimula a pensarmos e repensarmos a educação, a ação docente, as muitas conquistas, as diversas necessidades e aspirações discentes, o contexto cultural e político do qual fazemos parte.

1.2 A formação de professores

Pensar na formação de professores por si só já é um assunto complexo e delicado, principalmente, quando se pauta na docência em artes, visto que há toda uma trajetória sobre suas conquistas enquanto componente até viabilizarmos no cenário atual regida pela BNCC e a completude de sua promulgação em 2022.

Ao questionar quais as falhas, em uma tentativa de apontar neste capítulo, sobrevém uma ousadia em querermos destacar a fala do professor Dr. José Carlos Libâneo proferida em uma aula magna do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia (PPGIELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), unidade Anápolis, em um evento sobre Educação no Brasil Hoje: Finalidades Educativas Escolares, Currículo e Pedagogia[7], no dia 24 de abril de 2019,

7 Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bwp6HP9joN2/.

no qual ele discorreu sobre um estudo prático de pesquisa em que ele observava o professor durante dois meses e realizara entrevistas abordando a formação de professores e a sua atuação, mas, não incluindo na pesquisa o professor da componente de Artes.

Enquanto discente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais uma das autoras do trabalho questão, Vivian, ao indagá-lo sobre as principais dificuldades de pesquisa no campo das Artes Visuais e a ausência do professor dessa componente na pesquisa por ele realizada, já que esta componente tem o poder de ressignificar o mundo, além da importância na formação do sujeito crítico de suas ações e as ações que permeiam o mundo em que ele vive. Em sua fala, Libâneo, destacou a dificuldade do pesquisador em incluir todas as componentes em sua pesquisa devido à falta de recursos e comentou que a intenção inicial incluiria o arte-educador, mas destacou ainda a prevalência do interesse do Governo pelas componentes suspostamente tidas como mais relevantes: português, matemática, ciências, geografia e afirmou que fora necessário fazer uma escolha estratégica para o desenvolvimento de sua pesquisa.

É preciso destacar que Libâneo defende ao longo de seus trabalhos e livros, entre outros temas: a formação docente, a organização escolar, a didática, a prática escolar, a disparidade do ensino público na oferta de uma educação inclusiva no sentido de considerar o educando enquanto agente de sua formação, capaz de exercer a criticidade, a criatividade, a autonomia e ter direito a uma formação de cidadania crítica e participativa.

Posto isso e levando em consideração as dificuldades apontadas pelo professor Dr. José Carlos Libâneo encontramos mais uma inspiração para discutirmos sobre a importância da formação de professores de Arte e como a interdisciplinaridade está presente na atuação docente, em meio a um contexto escolar repleto de contrariedades, considerando a história do Ensino da Arte no Brasil e a formação de professores.

Vale ressaltar que a formação de professores acompanha as movimentações ditadas pelas políticas públicas ao longo da transformação político social de nosso país e que estas foram regidas pelas Teorias Pedagógicas, base para a concepção de ensino como um todo, que será detalhada no capítulo que se segue, tendo em vista

que, tais concepções se afixam no modelo político econômico do qual o Brasil caminhava e caminha.

Aliada a essas circunstâncias temos a globalização, a demanda do mercado de trabalho, fatores que reverberam nas ações educativas e formativas enquanto conjunto articulado de práticas que são produzidos por discursos justificados em sua dimensão política compartilhados de um ideário crítico, transformador, engajado, em que postula a formação de sujeitos para a cidadania.

Ao ponderarmos nessas ações que visam “melhorias” retomamos ao histórico que permeia as conquistas de algumas leis para o ensino de artes com breves aspectos que serão retomados posteriormente: Lei Nº 5692/71, primeira lei que garante a obrigatoriedade do ensino de Arte, ainda que designada como Educação Artística e sob a insígnia de uma atividade educativa, mas como veremos essa lei não instituíra a obrigatoriedade de formação de professores específicos para ministrar Educação Artística, ou seja, as políticas nem sempre estão em prol dos interesses do educando.

Em 1973, buscou-se inovar as metodologias aplicadas ao ensino e a valorização da formação profissional com a institucionalização das licenciaturas de Educação Artística, que na prática não atendiam a demanda e a complexidade que a Arte requer. A LDB Nº 9394/96 que ao incluir o ensino de Arte como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica trouxera a obrigatoriedade de formação em licenciatura para a área, mas esta não especificava as linguagens dessa formação.

No ano de 2016 com uma Ementa (Lei Nº 13278/2016) sobre as linguagens da componente de Arte e a especificação dessas linguagens (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro) incluindo estas no currículo da educação básica em todos os seus níveis na busca de promover o desenvolvimento cultural do aluno, com o prazo para que as instituições escolares se adequassem dentro de cinco anos, mais uma vez, temos a lacuna ao que se alude a capacitação docente. Ao passo que se percebe também a presença insistente no ensino de Arte da formação polivalente, já que, os cursos de licenciaturas oferecem graduações distintas a cada vertente dessas linguagens. E como aponta Penna (2004):

> Vale lembrar que inúmeros livros didáticos de Educação Artística, publicados nas décadas de 1970 e 1980, **inclusive livros de Arte atuais com edição**

> **em 2018**, apresentam atividades nas várias linguagens – artes plásticas, desenho, música e artes cênicas –, embora com predominância das artes plásticas. Além disso, é essa a área em que a maior parte dos cursos – e consequentemente dos professores habilitados – se concentra, de modo que, em muitos contextos, arte na escola passa, pouco a pouco, a ser sinônimo de artes plásticas ou visuais. E isso persiste até os dias de hoje [...] (PENNA, 2004, p. 23 apud CUNHA e LIMA, 2020, p. 85, grifos nossos).

Acerca dessas alterações advindas de medidas provisórias e reedições no texto da LDB Nº 9394/96, Cunha e Lima (2020) afirmam sobre a unanimidade de se considerar o ensino das artes na Educação Básica de natureza polivalente. E essa polivalência por mais que haja a separação destas nos cursos de Licenciaturas ainda está latente na sala de aula, Arroyo (2000) apud Silva e Baptaglin (2015) profere “o que somos como docentes e educadores depende do reconhecimento social dos tempos de vida humana que formamos. Do valor dado a esses tempos”. Logo, podemos dizer que a própria limitação que é dada a componente de Arte reflete não somente no cenário educacional a nível de educação básica, mas subjaz o ensino superior dando uma abertura maior para que outros profissionais licenciados em outras áreas atuem nas aulas de Arte.

É uma faca com “vários gumes” que interferem na formação do educando que se priva da criticidade, ao professor que carece de formação conforme afirma Gatti e Barreto (2009) apud Peres (2015) sobre a oferta de cursos de licenciatura que acontecem “na medida em que postos de trabalho no magistério são criados em consonância com o número de alunos a atender” e no cenário educacional como um todo. Zamboni (2001) apud Silva e Baptaglin (2015) reitera que a arte não só é conhecimento por si só, como também é veículo para a produção de outros conhecimentos, já que “extraímos dela a compreensão da experiência humana e de seus valores.”

Outro impacto a ser refletido na educação com prováveis prejuízos alude a qualidade docente ao que compete a formação técnica e profissional, pois é possível ter professores não licenciados que possuam um notório saber que poderão dar aula no ensino médio e se compararmos esta prescrição da BNCC com a LDB 9394/96 vemos um possível retrocesso nos direitos até aqui alcançados, visto que esta lei prevê a exigência de formação em licenciatura específica para a prática docente na componente de artes.

Diante do exposto, finalizamos este capítulo destacando que é preciso mais reflexões sobre o processo formativo dos professores em meio aos obstáculos históricos e cotidianos vivenciados pelo professor de arte nas escolas. E como apontam Libâneo e Pimenta (1999):

> As investigações recentes sobre formação de professores apontam como questão essencial o fato de que os professores desempenham uma atividade teórico-prática. É difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida. A profissão de professor precisa combinar sistematicamente elementos teóricos com situações práticas reais (LIBÂNEO; PIMENTA, 1999, p. 268).

2 A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO OU REFORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO NOSSO PAÍS

> “Não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”. (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, 1977, Parecer Nº 540/77)

Pode soar como uma provocação ou uma distorção do tempo, mas a epígrafe que inicia este capítulo aborda uma reflexão a ser delineada ao determinarmos a sua função mais clássica, mais tradicional de uma sentença: dar o mote e, é por ela o qual se espera que, ao longo do texto, adquira o sentido que lhe foi atribuído.

Logo nas linhas que se seguem, faz-se necessário enveredarmos em uma discussão sobre o tempo versus as políticas públicas que articulam o pertencimento da componente de Arte em sua trajetória no Ensino Brasileiro. Discursos, conflitos e conturbações oscilantes entre períodos de conquistas, vitórias e retrocessos até as leis atuais vigentes em nosso país e as mudanças a serem promulgadas em 2022 com a BNCC, por exemplo.

Desta forma, este “mote” se faz necessário pela sensação de desconforto, na busca de perscrutar os fatos, ponderar o momento atual com o passado. Destarte quando se tenta digerir estas palavras em uma primeira leitura, esta tem o poder de chocar, de causar espanto, estupefação que é compensada em termos de criticidade. Ao analisar os fatos “friamente” e destacar os novos rumos o qual o ensino de Arte caminha, principalmente no Ensino Médio.

Neste contexto, revela-se imprescindível elencar os roteiros dos trâmites legais que acompanham cada ato político público desde a sua introdução como atividade educativa até a conjuntura atual da componente. Barbosa (2012) refere-se ao ensino de artes como um trajeto que abrange o período jesuítico; O desenho é incluso no currículo e há uma valorização das artes literárias com a reforma educacional feita pelo Marquês de Pombal. E como também já destacado no capítulo anterior, as interferências sociais, políticas e culturais configuraram o ensino de Artes no Brasil com influência das tendências pedagógicas que nortearam o processo de ensino aprendizagem desta componente e do regime educacional em nosso país.

Diante do exposto, pretendemos discutir neste capítulo sobre a criação e reformulação de algumas leis promulgadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) mediante a autorização do Ministério da Educação e Desporto (MEC), fazendo uma cronologia que revela essa trajetória de lutas e conquistas que reverberam em metodologias e práticas docentes para o ensino de Arte na atualidade.

2.1 Um breve histórico temporal de atos políticos e a influência das tendências pedagógicas neste processo

Ao que concerne aos marcos é essencial citar a relevância das tendências pedagógicas no processo de ensino aprendizagem de Arte. Já que, cada pensamento teórico educacional ressoava de forma política, histórica, social e cultural nas reformas educacionais vigentes em determinados períodos refletindo, consequentemente, no ensino de Arte.

A Pedagogia Tradicional consiste na transmissão de conceitos e ao que compete a matéria de arte estava atrelada a reprodução de cópias do natural, desenhos geométricos, decorativos. De acordo com Fusari e Ferraz (1999) essas atividades seriam fixadas pela repetição com a finalidade de exercitar a vista, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral.

A Pedagogia Nova oposta à Tradicional propunha experiências cognitivas de forma progressiva e ativa, em prol dos interesses do aluno. Conhecida pelo movimento denominado Escola Nova, com destaque para a atuação de Anísio Teixeira, um grande incentivador do ensino de arte na formação de professores e um

dos idealizadores do curso de Artes da Universidade de Brasília. Aluno de John Dewey responsável pelo movimento escola novista norte-americano Anísio Teixeira, introduziu alguns ideais de Dewey, entre eles, a arte na liberdade de criação e com base na expressão.

Com a abertura de uma formação técnica, a Pedagogia Tecnicista propunha a preparação do indivíduo para o mercado de trabalho. No tocante que diz respeito ao professor e ao aluno, estes ocupavam um papel secundário tendo em vista que o principal estava na sistematização técnica do curso e da organização da aula. Na componente de Arte o saber construir foi reduzido a um aspecto técnico e ainda que, com materiais diversificados, suas propostas reduziam-se as atividades dos livros didáticos, negligenciando às suas linguagens.

Na década de 1960 surgiu a Pedagogia Libertadora, desenvolvida por Paulo Freire em prol de uma visão crítica, realista na qual buscava elucidar o pensamento liberal por meio de projetos pedagógicos. Em sua concepção, o professor é omediador na ação educacional e o aluno torna-se participante no intuito de exercer sua cidadania de forma crítica e consciente. Este modelo pedagógico propiciaria ao educando o acesso e contato aos conhecimentos básicos e essenciais em prol de uma prática social transformadora.

A partir da significância destas pedagogias para o ensino aprendizagem de Arte conduziram-se mudanças no âmbito educacional por meio da criação de Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB). É preciso ressaltar ainda que, o sancionamento e a promulgação destas leis que garantiam a presença do ensino de Arte na educação básica se deu por intermédio de manifestações e movimentos de arte-educadores que fomentaram discussões para as reformas educacionais vigentes em determinados períodos.

A Lei de Diretrizes e Bases, de 1961, nº 4.024, promulgada em dezembro do ano citado inclui o ensino de Arte ainda que de forma retraída para os níveis de 1º e 2º graus da Educação Básica. Apregoado a atividade complementar de iniciação científica. Ao que cabe o primeiro grau a arte seria vista como artes aplicadas tendo prioridade nos últimos dois anos observadas idade/sexo dos alunos, já no segundo grau o ensino de Arte era ministrado como prática educativa artística de forma optativa conforme é designado no Artigo 38:

> Título VII – Da Educação de Grau Médio. Art. 38 – Na organização do ensino do grau médio serão observadas as seguintes normas: IV – Atividades complementares de iniciação artística. (LDB – Lei nº 4.024/61)

Outro fator que merece destaque é que após o período do sancionamento desta Lei a política brasileira assentava-se no Regime da Ditadura Militar, o ensino tinha como principal aporte a Pedagogia Tecnicista e buscava a qualificação de mão-de-obra para atender a demanda da sociedade e o modelo de desenvolvimento econômico preexistente.

Não obstante a esses ideais, o Brasil havia feito um pacto secreto mediante a Lei 5.540/68, conhecido como acordo MEC/USAID, uma parceria entre a United States Agency for Internacional Development (USAID) e o Ministério da Educação. Seus convênios buscavam uma reforma no ensino brasileiro com a implementação do modelo norte americano nas universidades brasileiras e o assessoramento norte-americano, além da obrigatoriedade do ensino de inglês no primeiro grau.

Essa anuência resultou ainda na exclusão de um ano no ensino brasileiro, totalizando onze níveis educacionais, a retirada de matérias como Latim, Filosofia, Educação Política consideradas ultrapassadas e a redução de carga horária da disciplina de História, sua proposta inicial seria a privatização das escolas públicas.

Em 1969 com o Decreto de Lei 869/68, a matéria de Organização Social Política Brasileira (OSPB) moldava o currículo escolar, dotada de ideologias autoritárias exaltando o nacionalismo e o civismo dos alunos em um dos momentos mais repressivos do regime militar. O ensino se via dentro de uma caixa a modelar educandos com informações ditas “verdadeiras” coibindo a reflexão e análise de fatos, nunca se teve tanta repreensão do conhecimento e da arte, um dos maiores educadores do nosso país, Paulo Freire foi exilado.

Esses retrocessos da educação persistiram no período do golpe militar sendo postergados em alguns aspectos no trilhar da educação brasileira. Essa LDB favoreceu brechas para a discussão da Arte na Lei subsequente, ainda que essa regulamentação não tivesse muita adesão nos espaços escolares. Sob esse regime, tivemos a implementação de uma outra Lei de Diretrizes e Bases, marcada por um período de repressão e censura na sociedade brasileira, a LDB nº 5.692/71 foi promulgada diante de atos institucionais, leis que buscavam legitimar os direitos militares no nosso país. Com forte influência da cultura americana, o ensino de Arte

refletia tais vertentes e dava continuidade a anterior em um caráter tecnicista. Cunhado sob a nomenclatura de Educação Artística, esta foi considerada uma "atividade educativa" e não uma disciplina.

Não existia reprovação nesta componente para o educando, assim como é citado na epígrafe desse texto (Parecer nº 540/77), o ensino de arte não era visto como matéria. Sua prática configurava uma fragilidade metodológica, conforme afirmam as autoras:

> Dentre os problemas apresentados no ensino artístico, após a Lei 5.692/71, encontram-se aqueles referentes aos conhecimentos básicos de arte e métodos para apreendê-los durante as aulas, sobretudo nas escolas públicas. O que se tem constatado é uma prática diluída, [...], na qual métodos e conteúdo de tendência tradicional e novista se misturam, sem grandes preocupações, com o que seria melhor para o ensino de Arte. (FUSARI e FERRAZ, 2001, p. 43 apud GOMES E NOGUEIRA, 2008, p. 585)

Tal fragilidade persistia mesmo com a obrigatoriedade nos antigos ensinos de 1º e 2º graus. Essa precariedade era vista no modo de fazer, ver e aprender Arte nos espaços escolares regidos por estas normas. Ademais este era denunciado no despreparo dos docentes para o ensino de Arte, no avaliar, na metodologia aplicada e as explicitações do planejamento, tendo em vista os objetivos, os conteúdos e métodos utilizados, que além de não demonstrar clareza não possuíam organização.

Posteriormente, os professores que utilizavam em suas aulas conhecimentos específicos de suas linguagens (Trabalhos Manuais, Canto Coral, Artes Aplicadas, Música e Desenho) tiveram seus saberes transfigurados em atividades artísticas.

A LDB de 77 preconizou a formação de professores que ante a essa realidade estavam poucos preparados, com funções polivalentes, desta forma, o Governo Federal criou cursos superiores de curta duração em Educação Artística e Licenciatura Plena em Educação Artística com o intuito de sanar as dificuldades no processo de ensino aprendizagem da disciplina nos espaços escolares.

Tais licenciaturas que foram institucionalizadas em 1973 demandavam a duração de dois anos, para professores do 1º grau e aos que almejavam o ensino de 2º grau, uma Licenciatura Plena em Educação Artística com quatro anos de duração. Esses cursos de fato não conseguiram formar professores capacitados para exercer a profissão, já que em dois anos os professores eram preparados para ministrar cinco disciplinas: artes plásticas, teatro, desenho geométrico, música e dança. Além de

contribuírem para uma certa desestruturação das Escolas de Belas Artes que proporcionavam bacharelados em Artes Plásticas.

Conquanto as ações políticas que visavam a melhoria do ensino de Educação Artística denotavam um grande descompasso no processo de ensino aprendizagem, ressalta-se a reprodução de modelos estereotipados na convergência de tal ensino. A obrigatoriedade da Arte no ensino durante a ditadura servia para mascarar um modelo tecnicista falho. Apesar de ser profissionalizante as ofertas do ensino médio as suas metodologias estavam defasadas em termos de empregabilidade. Um dos meios de sanar esses problemas e soerguer o ensino de Arte foi a criação das Associações de Arte-Educadores que por meio de encontros, discussões e congressos discutiam demandas inerentes ao ensino de Arte desde o infantil à universidade.

De acordo com Fusari e Ferraz (1993), nesta ocasião, tem-se a sistematização da nomenclatura do ensino de Arte no país, os termos arte-educação, educação através da arte se aderem ao vocabulário nacional ainda que sem reconhecimento institucional. Os ideais do filósofo inglês Herbert Read são difundidos no ensino de Arte, a reverberar na arte como conhecimento e não apenas como uma meta educacional, e sim como um processo inerente e criador. O ensino de Arte proposto na LDB de 77 pressupunha uma expressividade individual, a valorização da tecnicidade e profissionalização sem se aprofundar nos temas emergentes da Arte.

Barbosa (2016) ressalta que no Brasil as Artes só tiveram uma importância do mesmo modo que as outras disciplinas no currículo em três reformas: - Reforma Rui Barbosa, com ênfase e maior quantidade de páginas ao ensino de Desenho (1882-1883), esse projeto não foi colocado em prática, mas vigorou nesse período nas escolas; - Escola Nova, com destaque a Reforma Fernando de Azevedo, no Distrito Federal e a Reforma de Minas Gerais (1927-1930), essa reforma perdurou até 1937 com Anísio Teixeira e depois passou a ser perseguida, pois, a palavra educador era considerada um insulto à política brasileira vigente na época; E, por fim, a Reforma Curricular de Paulo Freire, nas Escolas da Prefeitura de São Paulo, Freire enfatizou o ensino de Arte e sua reforma alcançou até o ensino superior englobando o Design (1964), o seu alcance só não fora maior devido a sua prisão.

Nos anos 1990, a educação sofreu algumas alterações mediante as exigências de reestruturação global que se intensificaram na metade da década de 90 com ações

das políticas educacionais concomitante a interferências prescritas de organismos internacionais, como o Banco Mundial. Em Jomtiem, na Tailândia, aconteceu a Conferência Mundial de Educação para Todos (1990) promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), pelo Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (Unicef), pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e pelo Banco Mundial. Após participação, a política brasileira elaborou o Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003) apresentado em Nova Delhi.

Este documento aprovado por organizações internacionais objetivava assegurar as crianças, jovens e adultos, conteúdos mínimos de aprendizagem que atendiam as demandas essenciais da vida contemporânea dentro do prazo determinado. Seus ideais seriam reafirmados na próxima LDB. Mas, para alcançar as conquistas foram necessários mobilizações de arte-educadores no intuito de garantir a permanência do ensino de Arte no Currículo escolar, em seu primeiro projeto não previa a inclusão da arte como componente no currículo da educação básica. Esses movimentos de arte-educadores têm sua atividade intensificada nos anos 90 com suas discussões voltadas a inclusão social e a diversidade cultural e temas que permeavam o currículo nos meios educacionais.

Em 1996, o ensino de Arte torna-se obrigatório na Educação Básica. Promulgada em 20 de dezembro, a LDB 9.394/96 estabelecia essa obrigatoriedade no intuito de promover o desenvolvimento cultural por meio de uma formação integral ao educando com desdobramentos em saberes e conhecimentos pertinentes as linguagens artísticas. Conforme estabelece o Artigo 26, parágrafo 2: “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”

Pensar a expressão “ensino de arte” é capaz de gerar inúmeras interpretações, ao passo que na Lei tem-se esta ambiguidade e indefinição o que carecia de uma descrição precisa. Com ofertas no mínimo em quatro linguagens artísticas a saber: teatro, música, artes visuais e dança. Sob a guisa dessas diretrizes o ensino de Arte se fazia precariamente por questões basilares do currículo e do próprio sistema educativo em que muitos dos deveres que apontavam no documento infelizmente não saíram do papel:

> Os Estados incumbir-se-ão de: III – elaborar e executar políticas e planos educacionais, em consonância com as diretrizes e planos nacionais de educação, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus Municípios. (BRASIL, 1996, LDB nº 9.394/96, Artigo 10 – Inciso III).

Magalhães (2002) apud Gomes e Nogueira (2008), afirma que são várias questões envoltas nas fragilidades conceituais e metodológicas no campo ensino-aprendizagem em Arte. Entre elas o autor destaca: a inexistência de recursos humanos, a inexperiência pedagógica e a consequente falta de questionamentos apontadas no Parecer Nº 540/77, além de frisar a necessidade de ressignificar os currículos escolares, a questão da formação do docente de Arte e preparar este para um posicionamento crítico ante às novas perspectivas teórico metodológicas subjacentes que são propostas nos documentos do MEC. Para sanar essas dificuldades e outras que estariam relacionadas ao currículo foram necessárias ações políticas em buscas de referenciais a fim de complementar o documento.

Em seu texto, a Lei 9394/96 não especificava as linguagens artísticas, só afirmava que a Arte é um componente curricular obrigatório. Esse abstruso gerou uma série de equívocos refletidos nos concursos públicos para a docência de Arte, uma vez que, não discriminavam as modalidades desse ensino, requerendo a formação em Licenciatura de qualquer linguagem artística ao candidato. As provas eram compostas por meio de uma base de formação polivalente, abrangendo conteúdos de diferentes linguagens artísticas, não levando em consideração a formação inicial do professor.

No que tange as normativas sancionadas nesta Lei o MEC propôs três documentos para a concepção de currículos indicados ao Ensino Básico. Sendo eles: o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil; os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Ensino Fundamental, destinados aos 1º e 2º ciclos e o PCN do Ensino Médio com a função de sistematizar o ensino no país independente das diferenças regionais.

Os PCNs foram elaborados ao que afirmou o Ministro da Educação e do Desporto, no texto “Ao Professor”: com a intenção de ampliar e aprofundar um debate educacional que dê origem a uma transformação positiva no sistema educacional brasileiro. Essa declaração consta na abertura de todos os volumes dos PCNs do 6º ao 9º ano.

Os conteúdos obrigatórios da componente de Arte se faziam presentes nos parâmetros curriculares de todos os níveis educacionais servindo de referencial comum da educação básica vigente em todos os Estados brasileiros. Os PCNs (1998) postulavam que o aluno durante a sua escolaridade deveria ter a oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte e durante sua elaboração vários arte-educadores conseguiram participar do processo. Por serem obrigatórios, esses documentos serviam como uma espécie de orientação para a prática pedagógica com sugestões de projetos educativos, atividades avaliativas e planos para as aulas de Arte. Consequentemente, as modalidades artísticas eram obrigadas nos currículos do ensino fundamental.

Outro destaque da LDB 9394/96 é que esta sofreu uma alteração depois de uma mobilização em 2004 a favor da inclusão da música no currículo escolar, em 21 de maio de 2008, sob a Lei Nº 2.732, a música se torna obrigatória no ensino da educação básica. Assim, o artigo 26 da LDB de 1996, tem acrescido em seus parágrafos a implementação da música no currículo escolar e que esta deverá ser ministrada por professores com formação específica na área. Tendo três anos para se adaptarem as exigências da lei. Mas, a verdade é que esta lei nunca fora colocada na prática pela maioria das escolas, cabendo ao professor de Arte durante suas aulas passar este conteúdo que está explicito nos livros didáticos.

A área de Arte foi subdividida em subáreas: música, artes visuais, teatro e dança. Cada uma dessas subáreas criou suas associações, seus cursos de graduação e pós-graduação. Essas alterações reverberaram em mudanças de diretrizes específicas para as graduações em artes, definidas em: Música, Teatro, Dança e Design (Resolução CNE/CES nº 2, de 08 de março de 2004); graduação em Cinema e Audiovisual (Resolução CNE/CES nº 10 de 27 de julho de 2006); graduação em Artes Visuais (Resolução CNE/CES nº 1 de 16 de janeiro de 2009).

Os PCNs definiram uma meta educacional para o ensino mediante ações políticas do MEC para a educação básica e ao que compete o ensino de artes têm-se o resgate da cultura da imagem, estas que eram produzidas pelas mídias (propagandas publicitárias, de TV, a internet e por meio de clips musicais) começaram a ser utilizadas pelos docentes em sala de aula no ensino de Arte: “o professor decide quais imagens farão parte do repertório merecedor da apreciação dos seus alunos” (ALMEIDA, 2003 apud GOMES e NOGUEIRA, 2008). O que passou a ser visto pelos

estudiosos e pesquisadores como um item relevante na formação do educando, conforme cita Gomes e Nogueira (2008).

Ainda nesse aspecto temos a influência da tecnologia nas formas de pensar e expressar a Arte e como ela tem adentrado a vida humana. O impacto destas tecnologias reverberava não apenas nas produções de artistas, mas no modo dos professores ensinarem a Arte na sala de aula e ao longo da história das Artes:

> [...] o artista contemporâneo atento ao desenvolvimento tecnológico e científico vai incorporando novas ferramentas, que são meios diferentes de trabalho, buscando nas diversas áreas do conhecimento um compartilhar de ideias. (ALMEIDA, 2003, p. 73, apud GOMES e NOGUEIRA, 2008, p. 588)

As diretrizes que aparecem nos PCNs, retomam embora não explicitamente, os eixos da Proposta Triangular, legitimada por Barbosa (1998) na área de Artes Plásticas. Consoante aos Parâmetros, os conteúdos estariam articulados dentro do processo de ensino e aprendizagem evidenciado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar. Cabe salientar que a Proposta Triangular corresponde a tendência de resgate dos conteúdos específicos da área, como base da ação pedagógica em que três ações, mental e sensorialmente básicas se completam e ajudam ao educando no conhecimento da Arte.

Já nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), a Arte surge na segunda parte do documento sob o título de: “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. Acerca dessa divisão se tem a justificativa de uma educação de base científica e tecnológica, em que conceito, aplicação e solução de problemas concretos são combinados com uma revisão de componentes socioculturais orientados por meio de uma visão epistemológica a conciliar humanismo e tecnologia numa sociedade tecnológica. Além de citar a Arte como: “[...] expressão criadora e geradora de significação de uma linguagem e do uso que se faz dos seus elementos e de suas regras em outras linguagens.” (BRASIL, 2000).

Destarte, a arte nessa etapa final da educação básica visava não somente o domínio técnico, mas, principalmente, ao uso das linguagens, códigos e as tecnologias em diversas situações ou contextos, ponderando os interlocutores ou públicos. O documento aponta a relevância das relações com as práticas sociais e produtivas e a necessidade de o educando estar inserido em um mundo letrado e simbólico.

Em 2017 após algumas mudanças na LDB Nº 9394/96 se fez necessário a inclusão do artigo 35-a, a Lei Nº 13.415/2017, sancionando a obrigatoriedade do ensino de Arte no Ensino Médio, mas não como disciplina e sim como forma de estudos e práticas conforme está na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nesta lei:

> Art. 35-A - A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas. § 1º - A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural. § 2º - A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia. (LDB 9394/96 acrescida da LEI Nº 13.415/2017).

Ao pensar nas proposições citadas acima e sancionadas em 2017 advém de mudanças que já eram pensadas em 1988, na Constituição Federal, determinadas no Artigo 210 - “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”. A LDB nº 9394/96 em seu artigo 26 institui uma base nacional para a educação básica. Assim, a BNCC é o documento norteador da educação brasileira abrangendo as instituições escolares públicas e privadas. Consoante a essas mudanças, a BNCC sobrevém documentos como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998); os PCNs do Ensino Fundamental (BRASIL,1997) e os PCNEM (BRASIL, 2000).

Posteriormente aos PCNs e ao Programa Currículo em Movimento[8], a BNCC tem uma cronologia até a sua promulgação. A partir das referenciadas leis tem se a sua primeira articulação na Conferência Nacional de Educação (CONAE) em 2010 destacando essa normativa como um Plano Nacional de Educação resultando na Resolução Nº 4 de 13 de julho de 2010 a definir as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNs) sob o desígnio de nortear o planejamento

8 O programa Currículo em Movimento buscava a melhoraria na qualidade da educação básica por meio do desenvolvimento do currículo da educação infantil, do ensino fundamental e ensino médio por meio de pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE)

curricular das escolas e do sistema educacional. A Resolução Nº 5 de 17 de dezembro de 2009, estabelece as DCNs para a Educação Infantil, já a Resolução Nº 7 de 14 de dezembro de 2009, estipula as DCNs para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos e esta última, a Resolução Nº 2 de 30 de janeiro de 2012, designa as DCNs para o Ensino Médio.

Algumas Portarias marcam a transição para a predominância desse documento na educação brasileira: Portaria Nº 867, de 4 de julho de 2012, define o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e Nº 1140 de 22 de novembro de 2013 que visa fortalecer o Ensino Médio por meio do Pacto Nacional de Fortalecimento do Ensino Médio (PNFEM).

Em 25 de junho de 2014 é regulamentado o Plano Nacional de Educação (PNE) através da Lei Nº 13.005. Este plano possui 20 (vinte) metas[9] que visam a melhoria da qualidade da Educação Básica e dentre essas, quatro pronunciam-se sobre a BNCC. Nos dias 19 a 23 de novembro desse ano o Fórum Nacional de Educação (FNE) expôs um documento refletindo acerca de propostas para a Educação Brasileira e se tornou um referencial no processo de mobilização da BNCC. Sob a Portaria Nº 592, de 17 de junho de 2015 antecedido pelo Seminário Interinstitucional para elaboração da BNCC formou-se a Comissão de Especialistas para a Elaboração de Propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Cabe aqui ressaltar que nessa primeira versão não tivera a participação de especialistas no Ensino de Arte, essa versão ficou disponível em 16 de setembro de 2015 para acesso público. Outra preocupação advinda desse documento aos arte-educadores foi a integração do Ensino de Arte na área de Linguagens, junto às componentes de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Física. Esse texto provisório direcionou a arte somente no fazer, descartando a dimensão conceitual e crítica.

Macedo (2014 apud PERES, 2015) destaca uma atuação de instituições privadas ao controle da elaboração da BNCC, que visam interferir nas políticas públicas na educação com a finalidade de impor seus interesses, fazendo o controle dos currículos. Galgada na fala da autora temos a promessa de que um currículo

9 As vinte metas do PNE estão disponíveis em:
http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf

comum irá assegurar a qualidade da Educação, em virtude de estipular o que deve ser ensinado e o que deve ser aprendido, gerando um melhor desempenho na avalição dos alunos.

Em um ofício a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) critica a visão homogênea dos educandos, assim como a destituição da liberdade de cátedra dos professores, que resulta na “desumanização do trabalho docente” (ANPED, 2016), tornando-o mecânico e sem possibilidade do exercício de uma prática criativa, menosprezando a complexidade da vida escolar, conclui Peres (2015).

Barbosa (2016) também contesta essa versão e crítica os rumos que o Ensino de Arte no Brasil se projeta no Congresso Nacional da Federação de Arte/ Educadores do Brasil:

> Os governos federais do Brasil, isto é o Ministério da Educação quer sejam de direita ou de esquerda não importa de qual partido político, tratam as Artes sempre como uma excrecência que se tem de eliminar (1986 a 1996)subjugar às outras disciplinas (2016) enfim minimizar no currículo. (BARBOSA CONFAEB, 2016, p. 32.)

Para a autora citada acima a Fundação Lemann[10] é responsável pelos caminhos que levaram as mudanças promovidas pela BNCC no Ensino de Arte sob a obtenção da hegemonia do poder. E nos pede, para que a luta em prol do Ensino de Arte não se perca as alusões que a BNCC propõe. Para ela, há um discurso falso de interdisciplinaridade e compara este ao mesmo processo que se delineou na Ditadura Militar. Ao antever essas mudanças a Federação de Arte/educadores do Brasil(FAEB), a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), o Instituto TEAR[11], o Ministério da Cultura (MINC), entre outros lutaram contra apromulgação da BNCC e a possível exclusão da Arte no Ensino Médio, já que esta será optativa por meio de itinerários formativos, além de reivindicar alterações no textodo documento.

---

10 A Fundação Lemann é uma organização familiar sem fins lucrativos brasileira que colabora com iniciativas para a educação pública em todo o Brasil e apoia pessoas comprometidas em resolver grandes desafios sociais do país.

11 O Tear atua desde 1980 nas áreas de Arte/Educação e cultura. Em seus pilares estão o desenvolvimento humano e o respeito à diversidade biocultural, nas dimensões ética e estética, social e cultural, no movimento de construção de uma sociedade sustentável, justa e solidária.

Mesmo com manifestações em frente à Bienal, com o envio de mensagens aos senadores, conhecido como “telegramaço” o texto foi passando adiante até chegarmos a sua aprovação e sanção. Durante os dias 2 a 15 de dezembro as escolas foram mobilizadas para discutir o documento preliminar da BNCC, este ficou conhecido como Dia D da BNCC. Em 3 de maio de 2015, a segunda versão do documento foi disponibilizada. De 23 de junho a 10 de agosto de 2016 foramrealizados 27 (vinte e sete) seminários estaduais promovidos pela União Nacional dosDirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e o Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED) com gestores, professores e especialistas para discutir a segunda versão da BNCC.

Em agosto de 2016, começou a ser redigida a terceira versão, em um processo colaborativo com base na versão 2. O MEC entregou a versão final da BNCC em abril de 2017 ao CNE no intuito deste elaborar um parecer e o projeto de resolução da BNCC a serem encaminhados ao MEC. Com a homologação da BNCC iniciou-se o processo de formação e capacitação docente e o apoio aos sistemas de Educação estaduais e municipais visando a adequação e a elaboração dos currículos escolares. No dia 20 de dezembro de 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada pelo ministro da Educação, Mendonça Filho. Dois dias depois tem a Resolução CNE/CP Nº 2 que normatiza e norteia a implantação da BNCC no ensino brasileiro.

No dia 6 de março de 2018, tem se uma mobilização dos educadores brasileiros a fim de compreender a implementação da BNCC e quais os impactos gerados na educação básica brasileira, tendo em vista sua homologação para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. A BNCC (BRASIL, 2017) define dez competências gerais para a Educação Básica, que aludem aos conhecimentos científicos, artísticos, culturais e o desenvolvimento pessoal e social. Dentre as dez competências a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica, evidencia-se duas delas que trazem com maior assertividade a aprendizagem artística:

> Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual motores, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em

> diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2017, p. 9).

As competências são pormenorizadas nas etapas da Educação Básica. A Arte é um componente que se insere na área de conhecimento de Linguagens, em que se tem os objetivos, as unidades temáticas, habilidades e competências específicas (BRASIL, 2017). Ao que compete a visão da Arte, a BNCC descreve: no Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está focado nas seguintes linguagens: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (BRASIL, 2017).

Pondera-se na BNCC a experiência e a vivência artística como práticas sociais e o aluno como protagonista e criador. Na aprendizagem, os processos criativos ganham a mesma importância dos produtos artísticos; a prática investigativa é reconhecida tanto na compreensão histórica da Arte quanto na busca de poéticas pessoais, a partir de seis dimensões do conhecimento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Na Educação Infantil o documento traz a seguinte abordagem: a Arte se insere em um dos campos de experiência alcunhado de “traços, sons, cores e formas” ao qual espera que se revele experiências diversificas, uma vivência direcionada a multiplicidade de formas de linguagens e expressão. Pintura, colagem e modelagem são propostas dentro das artes visuais entre outros (música, teatro, dança e audiovisual). Sua parte versa por três objetivos de aprendizagem e destacam o desenvolvimento para cada nível na Educação Infantil abarcando a “Arte” integrada em suas linguagens.

No Ensino Fundamental, esta lei designa a Arte como um dos componentes curriculares da área de Linguagens, ao olhar de competências a serem adquiridas ao longo deste ciclo. Sua divisão consiste em seis segmentos[12] que aludem a uma integração dos conhecimentos das linguagens artísticas denotadas por: criação,

12 Dimensões apresentadas na BNCC.

crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. O trabalho docente é norteado por objetos de conhecimentos específicos e habilidades a serem desenvolvidas.

Já no Ensino Médio, a Arte está inserida em uma formação geral básica enquanto área de conhecimento. Seus pressupostos partem como itinerários formativos para o Ensino de Arte inseridos dentro da área de Linguagens e suas Tecnologias, obedecendo a DCN do Ensino Médio, presente na resolução CNE/CEB nº 3/2018, Art. 11, § 4º (BRASIL, 2018).

2.2 Pontos positivos e negativos da BNCC segundo alguns autores

Em uma leitura crítica, a autora Webster (s\d) traz um parecer salientando o despreparo do professor em relação as competências sociais e pessoais, a dificuldade de compreender a diversidade do indivíduo, além de questionar a ausência de um quadro acerca das características de cada habilidade.

A autora (s\d), traz inferências importantes que vêm de encontro aos nossos objetivos em pensar a interdisciplinaridade no componente curricular de Arte e como esta terá sua aplicabilidade diante da BNCC. Conquanto ela ressalta que “trabalhar conteúdos de forma interdisciplinar consiste em fazer conexões” e que infelizmente a BNCC não explicita esse significado do “fazer conexões” interligados ao “potencial de cada área” afirma que não há como compreender corretamente o significado intrínseco da interdisciplinaridade e sua práxis na sala de aula. E que esta palavra “conexões” se repete em alguns enunciados da BNCC, ao que se espera na conclusão do ensino básico e a compreensão das competências pessoais e sociais.

Outra falha que se refere a interdisciplinaridade está na “ausência de repertório do professor” e Webster conclui que esta carência leva o docente a utilizar as linguagens da arte apenas como “meio e/ou instrumento de aprendizagem”. E que o “conceito embasador” descrito na BNCC contribui para a facilitação da organização curricular das escolas.

Quanto as definições das linguagens da arte favorecem a “compreensão e execução do planejamento pedagógico” dispondo de uma clarividência em possíveis progressões na proposta curricular quanto ao seu desenvolvimento. Salienta sobre um problema no componente curricular Arte que ao englobar quatro linguagens (arte visuais, dança, música e teatro) não possuem “o mesmo tratamento” em relação a sua

apresentação e ao conteúdo, sendo necessárias unidade na organização de pensamento e linguagem, afirma Webster (s\d). E enfatiza a necessidade de o documento atender a demanda de “dois perfis de professores: o polivalente, nas séries iniciais e o especialista nas séries finais”.

Em suas acepções, ela destaca a inclusão de palavras que geram interpretações dúbias nas linguagens. Tais como:

> *Artes visuais: ...* sendo **o olhar** o elemento de interlocução entre a criação e a recepção... o que carece de uma nota explicativa sobre o termo olhar.
>
> *Dança: sua definição é “complexa” em especial ao professor dos anos iniciais*.
>
> *Música: “a expressão como forma artística propõe o potencial da linguagem da música como meio/instrumento em qualquer ação de interdisciplinaridade, desrespeitando as especificidades da mesma”*
>
> *Teatro: Da mesma forma que está inserida na música, propõe a linguagem do teatro como meio/instrumento em qualquer ação de interdisciplinaridade, desrespeitando as especificidades da mesma.”*

A autora ainda destaca que o maior problema na terceira versão do documento é ser “redação **de** vários autores e não **com** vários autores. E que há uma falta de “unicidade” na organização, redação ao discorrer sobre as quatro linguagens a ponto de inibir a assimilação dos “propósitos das Artes na estrutura curricular”.

Dar ênfase ao fazer e não somente ao resultado final quebra o paradigma e evita “velhas avaliações de certo e errado ou bonito e feio”. A autora frisa sobre a disparidade entre os documentos: PCN (que sobrepõe apenas três dimensões - fruir, fazer e contextualizar interpeladas na Abordagem Triangular de Barbosa) e a BNCC que abrange seis dimensões já citadas anteriormente[13]. Há uma valorização dos processos que corrobora ao respeito da singularidade de cada aluno e visa a construção da formação humana integral.

Quanto as competências específicas Webster (s\d), sublinha que o quadro presente no documento cumpre duas funções: primeiro apresenta “correlações existentes” nos dois níveis de competências e um segundo por ser um “instrumento

13 Vide página44.

orientador” possibilitando trajetórias a serem percorridas pelo docente no “desenvolvimento” na proposta da BNCC, que favorece os alunos tanto pela subjetividade como na amplitude do grupo escolar. Neste sentido, cabe ao docente analisar a quantidade de propostas a serem realizadas de acordo com a competência geral/conquista do aluno em suas dimensões; e competência geral/progressividade do aluno no processo de identificação e desenvolvimento de novas competências.

Um ponto negativo a ressaltar é sobre:

> A complexidade dos processos criativos em arte, as fragilidades formativas do professor de arte e os vícios de avaliação por resultado final e não por processo demandam que para cada nova proposta enunciada se apresente elementos para gerar e fundamentar um aprendizado para o professor. Caso contrário, a proposta se resume apenas em enunciados. (WEBSTER, s. d. p, 5)

Acerca dos objetivos de conhecimento e as habilidades há uma descontinuidade no ensino de Arte quando o aluno entra nos anos iniciais do Ensino Fundamental ao que se refere ao bloqueio da criatividade na criança, possibilitando que essa fluidez seja contínua em sua liberdade de se expressar em “seu fazer investigativo”. Deve se considerar incialmente os elementos que proporcionam a experimentação na especificidade de cada linguagem da arte na construção de novos conhecimentos. Sendo que esta ordem só está presente na área de teatro, tanto na música como na dança não há essa preocupação. Desta maneira, assente a seu aprendizado, o ato de experienciar e experimentar é o processo de aprendizagem nos primeiros anos da criança. Desta forma, na BNCC não se tem a preocupação de utilizar verbos na parte textual das habilidades em seguir essa evolução no desenvolvimento escolar dessa faixa etária. Palavras como experimentar foram substituídas por fazer uso nas habilidades de Artes Visuais. Na introdução se percebe essa troca de verbos nas quais não expressam os objetivos de aprendizagem.

A palavra patrimônio não é citada nas habilidades, uma vez que, está presente nas matrizes estéticas e culturais das linguagens. As linguagens não convergem um todo, elas estão separadas enquanto deveriam estar integradas. Um ponto positivo que a autora pontua é a progressão no desenvolvimento dos conteúdos e nas experimentações. Ela cita como ganho a problematização que faz com que o aluno rompa formas pré-estabelecidas culturalmente, indo além da leitura da imagem

desenvolvendo suas conexões. Enfim, a BNCC nivela os professores em único patamar de conhecimento sendo que isto não corresponde à realidade.

Já as autoras Cunha e Lima (2020) transcrevem alguns pontos positivos, dentre eles a inclusão das artes integradas (performance art, instalações e esculturas sonoras, arte sonora entre outras) como unidade temática denotando uma notabilidade a produção artística híbrida. É o que propõe a BNCC com essa unidade temática, a exploração das relações entre as diferentes linguagens e suas práticas, suas articulações e o uso das novas tecnologias de informação e as quatro linguagens em seus objetivos devem seguir um único direcionamento para que haja integridade de compreensão.

Deste modo, as artes integradas seria uma quinta unidade temática no ensino fundamental juntamente com Música, Dança, Teatro e Artes Visuais. E ao que concerne no documento a sua abordagem é concomitante e permitirá ao professor trabalhar na mesma proposta, alguns aspectos da corporalidade, da sonoridade, da visualidade, da musicalidade, da espacialidade e da teatralidade. Tido como uma novidade pelas autoras citadas as artes integradas já estão presente nos livros didáticos dentre os conteúdos previstos, o que há de ser novo será a forma como ela é abordada (unidade temática) e que talvez não haja essa “incorporação temática” com as diferentes linguagens e práticas e as outras unidades temáticas (Dança, Música, Teatro e Artes Visuais) uma vez que essa aplicação dependerá do professor e sua postura em sala de aula.

Já na parte das habilidades Webster (s\d) faz uma crítica ao que se nota uma falta de cuidado com as características que são inerentes aos bebês: a curiosidade e o ato de investigar. Condição que favorece a aprendizagem e provém de suas pesquisas e descobertas relacionadas a comunicação e interação no ambiente em que vive.

Pontuam positivamente as seis dimensões do conhecimento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Citam que no documento não é explícito a presença de nenhum autor ou concepção teórica da arte, mas se percebe um desdobramento da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, presente nos PCNs. Cunha e Lima (2020) entendem que há uma integração das linguagens artísticas para todos os ciclos educacionais e ressaltam que o documento não prevê um ensino

tecnicista. E que seu texto amplia as fronteiras entre as linguagens, de modo a superar uma visão compartimentada do ensino de artes visuais, dança, teatro e música.

E expõem que a BNCC abre ao ensino de Artes uma integração entre as linguagens propiciando o surgimento de Licenciaturas Interdisciplinares no Brasil. Já que há uma demanda de novas pretensões educativas pautadas em um ensino polivalente diferenciado regido sobre os princípios da interdisciplinaridade. Em suas palavras Cunha e Lima (2020) destaca que esse ensino será “capaz de validar mais atentamente a produção artística contemporânea, a cultura e as questões sociais que se conectam com o ensino das artes no país.”

Em suas contribuições Peres (2015 apud Macedo, 2014) é categórico em dizer que a BNCC tem grande interferência de “agentes sociais privados” que buscam interferir nas políticas públicas para a educação com a finalidade de impor os seus interesses, em prol de um controle dos currículos e que estas definições visam apenas um controle sobre o que deve ser ensinado e o que deve ser aprendido. A seu ver o documento dispõe de práticas expressivas individualizadas, com ênfase no fazer e no fruir, desabonando a dimensão conceitual e crítica da Arte, além da mesma possuir conteúdo ademais a dimensão sensível.

Em sua análise crítica do documento, Peres (2015), caracteriza que a arte está sendo elencada como uma “disciplina acessória” para entendimento de certos conteúdos de Literatura e Língua Portuguesa negligenciando seus próprios conteúdos que contribuem na crítica e reflexão de “objetos artístico-culturais”.

Por conseguinte, as linguagens artísticas (Artes visuais, dança, teatro e música) são tidas como subcomponentes do componente Arte, causando “interpretações equivocadas” volvendo a “famigerada polivalência” com a prerrogativa da “valorização do trabalho interdisciplinar”, tema pertinente ao que se discorre e se busca também investigar no terceiro capítulo deste estudo.

Konder (2002) apud Peres (2015) alerta para o fato de que a Arte não está livre de ideologia, mas que ela viabiliza uma “superação parcial das distorções ideológicas” por meio de “obras de arte bem-sucedidas". Sua fala cita “uma tentativa de esvaziar o ensino da Arte do seu teor crítico reflexivo, para formar sujeitos dóceis e conformados”.

Barbosa (2015) apud Peres (2015) afirma que a Arte é um tipo de conhecimento humano no qual é possível expressar/denunciar de forma criativa os males da

sociedade. Konder (2002) complementa a fala de Ana Mae com “a arte tem sido, predominantemente, expressão de insatisfação, de questionamento, frequentemente de revolta, em face do modo como está organizada a sociedade” e ao que conclui Peres: “um ensino superficial de Arte pode abafar a força vital da imaginação das crianças, jovens e adultos na escola”, pensamento tão pertinente em nossos dias atuais e que deflagram o caminhar político do nosso país.

Pimentel e Magalhães (2018) se aproximam do pensamento de Barbosa (2016; 2020) ao ponderarem e questionarem o porquê da Arte enquanto componente de Linguagens e Tecnologias, as autoras entendem que a Arte deveria ser configurada em uma área específica de conhecimento, já que a “autonomia da área de Artes” (que engloba diversas modalidades artísticas e demanda de um professor especialista para cada modalidade artística) se efetiva por “questões complexas que as Artes lidam”, e que suas linguagens, apesar de serem compostas por princípios comuns, tem uma “variedade de linha epistemológica e paradigmas conceituais” que demandam de maior atenção. E destacam, assim como Barbosa, a preocupação em regredir ao ensino que tinha imposto no período da ditadura (1964-1984) impondo “a polivalência no ensino/aprendizagem em Arte”.

Ao considerarmos que a BNCC não configura o ensino de arte como agente transformador para o ensino médio é imprescindível elucidar essa ressonância em pesquisadores da área, para tanto a exegese de Ana Mae Barbosa em uma entrevista para o canal da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG), em 26 de outubro de 2020, é crucial para engendrar o nosso argumento. Ela disse que há um corte que tira a possibilidade do trabalho com a arte para o ensino médio e cita que a mesma é como uma “fibra ótica da educação”, ela consegue estabelecer relação com todos os conhecimentos, ou seja, a Arte é a base e ao final está sendo como a “cereja do bolo”.

Isto posto, temos uma visão enfraquecida do poder reverberador da arte proposta em um documento prescrito para a educação, onde as ações ficam estanques ao papel ao invés de assumirem o chão da sala de aula. Barbosa (2020) deposita suas esperanças o qual o contexto pandêmico possa ressoar o valorcognitivo epistemológico da arte e sua importância, e que essa notoriedade consiga antever mudanças no legislativo em relação a BNCC, já que as mudanças inseridas no ensino médio têm previsão de serem concluídas em 2022. Além disso, defende a

necessidade de atualização constante do professor, em especial o docente de arte para acompanhar a mudança cíclica do ensino de Arte no Brasil.

3 APRENDENDO A SER ÁGUA: O ENSINO INTERDISCIPLINAR DE ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS

Observando a natureza muito haveremos de aprender sobre o valor do ensino interdisciplinar nas escolas. Certamente, há uma harmonia nos biomas, animais, seres humanos e, em tudo o que se considera natural e, há também, em cada um dos tipos de vidas citados, uma perfeição em seus ciclos, que até hoje desafia cientistas, artistas, filósofos, etc. a buscarem desvendar os mistérios da existência. Esse desejo por desvendar os mistérios do universo, já é algo que une a todos, considerando que cada área do conhecimento, da sua maneira, busca encontrar um porquê para os fenômenos estudados.

E não seria o encontro da arte com a interdisciplinaridade uma harmonia que há muito tempo viemos buscando? Já que o ensino de artes acaba sendo desvalorizado quando comparado a outras disciplinas, como a matemática, por exemplo?

Ao pensarmos a educação em uma perspectiva interdisciplinar, na definição de interação entre duas ou mais componentes, se faz necessário entendermos o conceito de interdisciplinaridade que vai além dos saberes disciplinares para que, assim, os professores efetivamente possam combinar ações educativas na construção de um conhecimento integral, proporcionando um diálogo entre as componentes e o conteúdo a ser delineado e explanado.

Diante do exposto, nos próximos subtítulos apresentamos uma discussão sobre o conceito de interdisciplinaridade a partir das contribuições de alguns autores e, em seguida, por meio das respostas obtidas pela aplicação dos questionários, analisamos como os professores pesquisados compreendem a aplicação da BNCC no ensino de artes e a interdisciplinaridade. O desafio aqui é como o da água dos rios, que precisa se adaptar às margens, condições de solo, profundidade da depressão terrena e diversos outros fatores, para manter seu curso. Superando os desafios que trazem às adaptações necessárias, como o rio que se des’água no oceano, o arte educador precisa ser habilidoso a fim de contornar os obstáculos que surgem.

3.1 O conceito interdisciplinaridade e o ensino de Artes Visuais

Podemos dizer, mais uma vez, que a maneira como cada uma das autoras que aqui vos escreve, é por si só, um exemplo de como a arte tem essa capacidade integradora e, não perde a sua autenticidade e identidade enquanto disciplina, ao contrário, é como a gota, que não se perde no oceano e sim se expande.

Assim como o educador de artes não deixa de ser artista, já que se torna, como a profissão se apresenta, arte educador, poderíamos também considerar que o aprendizado dos alunos é como pinturas, só que feitas nas consciências dos mesmos: as cores seriam os conteúdos, os símbolos as diversas formas de conhecimento, etc. E, se o professor de arte é um artista, é possível também que a sua disciplina possa dialogar com outras áreas do conhecimento.

Observamos ao longo dessa pesquisa que diversos estudiosos e pesquisadores que relutam na busca de conceitos concretos da interdisciplinaridade e defini-la nos direcionamentos de unir a teoria com a prática, com intervenções pedagógicas que norteiam o ensino e a aprendizagem nas escolas, se preocupam em esclarecer o significado de tal conceito dentro do contexto a ser estudado.

E os estudos do termo ‘Interdisciplinaridade’ ainda requerem a adoção de perspectivas de novas visões de pensamento, diálogo, sendo que ainda pode ser difícil tanto para os professores quanto para os alunos se adentrarem nas situações de ensino que interaja com outras disciplinas.

Diante do exposto, para o trabalho em questão, consideramos o conceito de interdisciplinaridade trabalhado pelos autores Caldas, Holzer e Popi (2017) que defendem que:

> [...]pensar interdisciplinar é permitir o diálogo de qualquer disciplina com as demais do currículo escolar para promover um trabalho contextualizado. Assim, torna-se importante buscar a criação de um novo conceito de conhecimento propondo a visão de totalidade, para que os alunos possam perceber que a escola, mesmo com disciplinas e conhecimentos fragmentados, pode ser unificada e tornar o aprendizado mais efetivo aplicando-o na vida, pois a sociedade onde vivem possui diversos fatores que são fundamentais para a totalidade. (CALDAS; HOLZER; POPI, 2017, p.166).

E ainda de acordo com as contribuições do autor Rizolli (2016):

> Para pensar a arte em sua natureza interdisciplinar é preciso emergir-se no universo instrumental da linguagem... reconhecendo as instâncias nascentes das linguagens artísticas. Conhecer, sob o compêndio de teorias e práticas, os meandros próprios do ato criativo ao mesmo tempo auto-gênico, derivado e, imaginariamente, definitivo - até que se manifeste um novo e necessário desejo de linguagem. (RIZOLLI, 2016. p.14)

Nos indícios de pesquisa dos autores em questão, nos estudos de Rizolli (2007) “a arte e o seu conhecimento semiótico são traduzidos em atitudes interdisciplinares no mundo contemporâneo” numa dinâmica entre a arte e a interdisciplinaridade atreladas na importância e nos desafios encontrados no espaço escolar rumo às significativas expressões humanas fincadas na relação de saberes que vão ao encontro da teoria e a prática.

E na concepção freiriana para se obter uma pesquisa interdisciplinar só é possível mediante a criação de uma situação problema, um projeto que abrace uma causa comum, tendo em vista um mesmo objeto e que conte com a disponibilidade dos indivíduos envolvidos estarem abertos a uma redefinição. Nesse sentido, Fazenda (2008) “defende que mais importante que o produto seja o processo”, pensamento que vai de encontro com a tríade da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) já que pensar, refletir, planejar estratégias e ações didáticos-pedagógicos contribuem para o ensino de artes.

Nesse contexto, podemos dizer que trabalhar com o uso de metodologias didáticas adequadas para essa perspectiva de ensino interdisciplinar dentro dos aspectos relevantes quanto à historicidade e criticidade mediadas pelos professores possibilitarão aos alunos uma aprendizagem que edifique sua realidade com intenções de compreender os contextos histórico, social e cultural dentro da complexidade do mundo a qual se inserem. E, sendo a arte formadora de comunicação entre os indivíduos, a aprendizagem associada à incorporação das tecnologias na prática escolar, por exemplo, pode ser uma ferramenta relevante na mediação pedagógica para fins de compreensão do mundo cultural, histórico, sujeito a transformações, recriações nas diversas formas de expressões da arte.

Desenvolver a metodologia interdisciplinar num projeto de trabalho que integra os conteúdos de outras disciplinas na proposta do ensino de Artes Visuais possibilita a formulação de um saber crítico-reflexivo que pode ser valorizado no processo de ensino aprendizagem criando novas perspectivas no que tange o relacionamento e compreensão da realidade. A partir desse pensamento, a interdisciplinaridade no

ensino de Artes Visuais possibilita o enfrentamento reflexivo dos temas estudados, assim os autores Rizolli, Martins e Melo (2012) discorrem que:

> A dinâmica do fenômeno artístico acentua a importância e os desafios da interdisciplinaridade no mundo contemporâneo, constituindo-se num saber que relaciona saberes que propõe o encontro entre o fazer o teorizar e entre as humanidades e as ciências, em complexas formas de cognição, tomando para si o papel de pensamento mediador entre os mais diversificados universos da expressão humana. Algo assim: entre a criação na linguagem, a inovação friccional no método e a estreita relação com o cotidiano e a subjetividade, sendo a arte seu espelho e ficção.

Logo, podemos afirmar que a Arte integra naturalmente o cotidiano nas diversas situações que envolve as áreas de ensino, sendo possível afirmar que a interdisciplinaridade implica nas ações disciplinares que buscam os interesses em comum. Dessa forma, as metas educacionais só serão atingidas com eficácia devido as prévias ações estabelecidas e compartilhadas dos envolvidos no processo educativo.

Segundo Libâneo (1990) “o processo de ensino é uma atividade de mediação pela qual são providas as condições e os meios para os alunos se tornarem sujeitos ativos na assimilação de conceitos.” Diante disso, acreditamos que o professor de artes deve estar em constante processo de aprimoramento, de estudo e de pesquisa. E sendo a arte uma área da educação que visa amplo resultado nos níveis de reflexão e compreensão sobre o cotidiano escolar, o educando como sujeito transformador do seu modo de pensar, agir, faz com que o professor interaja com os alunos com metodologias nos diversos âmbitos educacionais com a finalidade de desenvolver um olhar crítico, pertinente ao sistema educacional. Contando ainda que o ensino de artes dado a esses alunos seja de qualidade com conteúdo e metodologia voltados para a realidade e\ou aplicados dentro dos interesses tanto do aluno quanto do espaço escolar, para fins de eficácia no processo de ensino e aprendizagem.

Para finalizar este subtítulo, nos estudos de Caldas, Holzer e Popi (2017) “a arte surge no mundo como forma de transformar a experiência vivida em objetos de conhecimento que demonstram percepção e imaginação.” Podemos perceber então que a arte foi e continua sendo fonte de estudo através de registros que possibilitam o aperfeiçoamento e o desenvolvimento da linguagem artística nos remetendo a expressões com manifestações artísticas, o que pode aprofundar e contribuir numa proposta de currículo escolar dentro de um projeto interdisciplinar em arte.

Nesse intuito, acreditamos que o ensino interdisciplinar de artes visuais nas escolas tem como finalidade o despertar do aluno para a pesquisa, interagir nos trabalhos em equipe e desenvolver sua capacidade criativa nas relações de trabalhar um tema nas diversas disciplinas, o que possibilita a construção de sua formação de ideias. Caminhando então nas contribuições de todos os autores citados acima observamos que é necessário entender que o conceito de interdisciplinaridade não se deve limitar apenas às componentes escolares, mas que carece estar presente também na formação dos professores.

3.2 Percepções dos professores: análises e reflexões a partir das respostas obtidas pelo questionário.

Antes de refletirmos a partir das opiniões dos 17 (dezessete) professores que responderam as 12 (doze) questões abertas propostas no questionário é preciso destacarmos o perfil acadêmico, o gênero, a idade e o tempo de atuação profissional de tais professores.

Além disso, a fim de preservarmos a identidade dos envolvidos na pesquisa optamos por adotar nomes de pintores(a) famosos sempre que fizermos referências às opiniões ou as respostas dos professores entrevistados. Assim, de acordo com a ordem dos questionários que foram inseridos no Apêndice deste trabalho temos: o Sandro Botticelli, a Artemisia Gentileschi, Caravaggio, Tarsila do Amaral, Yayoi Kusama, Mary Cassatt, Paula Rego, Van Gogh, Leonardo Da Vinci, Frida Kahlo, Anita Malfatti, Rafael Sanzio, Pablo Picasso, Leonora Carrington, Michelangelo, Salvador Dalí e Sofonisba Anguissola.

Dos 17 professores pesquisados, 15 possuem formação acadêmica em Artes Visuais. Dentre eles, 4 são formados em Educação Artística, 3 em nível superior: Artemisia Gentileschi, Caravaggio e Tarsila do Amaral, a primeira com habilitação em Artes Cênicas e os dois seguintes com habilitação em Artes Plásticas. Paula Rego não informou sua formação superior e sim sua pós-graduação em Educação Artística com habilitação em Música.

Os outros 11 entrevistados são formados em Artes, 10 são licenciados em Artes Visuais e Mary Cassatt em Artes Plásticas. Temos ainda 2 docentes que não são licenciados em Artes: Pablo Picasso é bacharel em Artes e Frida Kahlo é formada em

Letras Português/Espanhol. Então, observamos que somente Pablo Picasso e Sofonisba Anguissola são bacharéis em Artes, o primeiro possui o bacharelado como única formação e a segunda possui o bacharelado e a licenciatura em Artes Visuais.

Dos docentes entrevistados que possuem mais de uma formação temos a Sofonisba Anguissola, citada anteriormente, licenciada e também bacharel em Artes Visuais; Salvador Dalí, licenciado em Artes Visuais e em Artes Cênicas e Van Gogh, licenciado em Artes Visuais e Pedagogia.

De todos os professores entrevistados, somente 4 possuem curso em nível de pós-graduação: Artemisia Gentileschi é especializada em Libras e Arte Intermidiática Digital, Paula Rego é pós-graduada em Educação Artística com habilitação emMúsica, Leonardo Da Vinci é especializado em Ensino de Artes e Mestre em Arte e Cultura Visual, Sandro Botticelli é pós-graduando em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais e Mestrando em Artes Visuais. Assim, dos 4 entrevistados com pós-graduação, apenas Leonardo Da Vinci concluiu o Mestrado e Sandro Botticelli é Mestrando.

Em relação ao gênero observamos que 9 (nove) são mulheres e 8 (oito) o número de homens com uma média de idade entre 27 a 56 anos. Apenas 4 possuem idade abaixo de 40 anos, entre eles o mais jovem, Pablo Picasso com 27 anos, seguido de Anita Malfatti com 29, Sandro Botticelli com 30 e Tarsila do Amaral com 38 anos. Os outros 12 entrevistados possuem idade que varia de 40 a 56 anos, começando por Michelangelo com 40, Yayoi Kusama, Mary Cassatt, Van Gogh e Frida Kahlo com 42, Artemisia Gentileshi e Leonora Carrington com 44, Salvador Dalí com 45, Rafael Sanzio, Caravaggio, Leonardo Da Vinci e Paula Rego com 48, 49, 51 e 56, respectivamente. Sofonisba Anguissola não informou sua idade.

Já em relação ao tempo de atuação profissional, isto é, há quanto tempo o professor leciona a componente de Artes em escolas públicas e\ou escolas privadas observamos que 10 professores lecionam há mais de 10 anos. Leonora Carrington e Sandro Botticelli informaram experiência docente de 6 e 4 anos, enquanto Caravaggio e Anita Malfatti descreveram 3 anos de atuação. Os docentes com menor período de experiência, Pablo Picasso, Sofonisba Anguissola e Frida Kahlo, lecionam há 2 anos, 1 ano e 4 meses e 3 meses, respectivamente. O intervalo do período de experiência dos nossos entrevistados compreende de 3 meses à 28 anos.

Quanto ao tipo de escola, 9 professores trabalham em escolas públicas, Caravaggio atua em escola privada e 7 professores descreveram somente as séries que lecionam sem especificarem a atuação em escola pública ou privada. Entre os anos escolares destacados, a experiência dos entrevistados compreende o maternal, perpassa pelas séries iniciais do ensino fundamental e também do 6º ao 9º ano fundamentais, do 1º ao 3º ano do ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Frida Kahlo, que é formada em Letras Português/Espanhol, informou que está há 3 meses ministrando aulas de Arte em uma escola pública para o ensino médio, em todos os anos. Além dela, Tarsila do Amaral, há 10 anos ministra tal componente na escola pública, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Anita Malfatti, está com três anos de experiência na rede pública e já atuou da creche ao ensino médio. Já Salvador Dalí disse que leciona há cerca de 11 anos na rede estadual de educação, no ensino fundamental, do 6º ao 9º ano e também, no ensino médio e na EJA.

Com uma experiência de atuação profissional mista, ensinando em escolas públicas e particulares temos: Artemisia Gentileschi, há 25 anos lecionando Artes em escola pública, como efetiva e contrato temporário, possuindo ainda 5 anos de experiência em escola particular. Sua atuação na rede particular foi com alunos de 2 a 9 anos e também ensino médio. Já na rede pública, trabalhou com alunos do ensino fundamental II e ensino médio.

Caravaggio leciona Artes há 3 anos, no entanto, a maior parte foi em escolas privadas, nos três seguimentos: fundamental I e II e ensino médio. Mary Cassatt lecionou Arte em escola privada por cerca de 3 meses, mas, a maior parte do tempo, 20 anos, foi na escola pública. Ao longo de sua experiência, alguns anos foram nas séries iniciais do ensino fundamental e atualmente leciona nas séries finais do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano.

Leonardo Da Vinci se dedicou 11 anos à escola da rede estadual, enquanto em Escola de Artes municipal de ensino não regular possui experiência desde 1995, completando assim 25 anos. Ministrou aulas para alunos do ensino médio e da fase final do ensino fundamental. Somente ele relatou essa experiência como docente de Escola de Artes de ensino não regular. Já Michelangelo leciona na escola pública há 15 anos e na escola privada lecionou por volta de 11, do 6º ano até a 3ª série do ensino médio.

Os demais professores informaram o tempo de atuação e as séries, mas não identificaram suas experiências quanto ao desenvolvimento do ensino em escolas públicas e/ou privadas. Sandro Botticelli, atuante desde 2016 com interrupções, totalizando cerca de 4 anos, tem experiência do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Yayoi Kusama tem experiência de 10 anos no ensino fundamental I e II, Paula Rego atua há 28 anos, desde 1993, do maternal ao 9º ano fundamental, Van Gogh tem 18 anos de trabalho desde a educação infantil até o ensino superior.

Rafael Sanzio, que trabalha com Ensino de Artes há 10 anos, possui experiência no ensino fundamental e médio, Pablo Picasso é docente há 2 anos, atuando do 6º ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio.

Leonora Carrington leciona desde 2015 como professora de Artes, sempre no ensino médio, já Sofonisba Anguissola atua do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, há 1 ano e 4 meses.

Temos apenas 2 professores que não informaram experiência no ensino fundamental, mas somente no médio. Dos 15 docentes com experiência no ensino fundamental, 6 especificaram a etapa II e 9 acrescentaram ao fundamental II a experiência no ensino médio.

Quando questionados **na questão 4 se já ouviram falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, 10 professores disseram que “Sim”. Artemisia Gentileshi disse: “Sim, trata-se de um documento que norteia os conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas em todas as séries das escolas do país, unificando a forma de aprendizagem em todo país”.

Frida Kahlo respondeu: “Sim, todas as nossas aulas são planejadas tendo a BNCC como um norteador”.

Pablo Picasso descreveu: “Sim, mas não estudei tanto, uma vez que sou Bacharel em Artes, mas quando comecei a dar aulas, busquei a BNCC e a li”.

Já Leonora Carrington detalhou:

> “Sim. Aliás, os planos de aulas devem conter os códigos retirados da BNCC. Os objetos de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas nas aulas, são retirados da matriz curricular estruturante. Essa matriz contém as aprendizagens essenciais de cada componente curricular para cada ano escolar”.

Michelangelo expressou: “Sim claro! É a pauta do momento”.

Salvador Dalí completou: “Sim, os professores da Rede Estadual todos tiveram de participar da elaboração e implantação da BNCC”.

Somente Leonardo Da Vinci não respondeu à questão 4, no entanto, suas respostas nas demais questões relacionadas a BNCC demonstram seu conhecimento a respeito. Portanto, podemos afirmar que 100% de nossos docentes entrevistados possuem conhecimento sobre a BNCC.

Ao comparar as respostas apresentadas, na **quinta questão: “Você concorda com que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?”** inferimos opiniões divergentes e algumas que se convergem denotando a importância da investigação e da prática pedagógica no contexto escolar e como estas percepções reverberam no que se propõe refletir acerca das mudanças impostas pela Base Nacional Comum Curricular, desta forma, os entrevistados corroboraram para que tenhamos uma visão mais ampla da definição de “currículo comum”.

Diante deste panorama e a partir do feedback dos 17 docentes, no qual se desdobram em salas de aula diversas e em diferentes situações, que se traduzem na inserção de locais definidos por contrastes, tanto pela diversidade sociocultural como pela questão econômica e estrutural, um dos professores nos chamou a atenção para a aplicabilidade da BNCC no ensino da zona rural referindo-se a uma experiência que ele tivera nesse âmbito. Além disso, em seus relatos, os entrevistados não citaram a parte diversificada que inclui as características regionais e locais da sociedade, que fica a cargo de cada Estado elaborar o seu de acordo com as especificidades de cada região.

A não ser a entrevistada Leonora Carrington que ao defender a BNCC e o protagonismo que ela preconiza ao discente cita alguns objetos de conhecimentos propostos no Documento Curricular para Goiás Ampliado (DC-GO). Salientamos que nas questões propostas para este estudo não foram inseridas perguntas relativas à parte diversificada que complementa a BNCC.

Artemisia Gentileschi, Rafael Sanzio, Sofonisba Anguissola e Tarsila do Amaral foram unânimes em responder que “não concordam” com que a BNCC propõe para o ensino de Arte. Com exceção de Rafael Sanzio que expressou inconformidade na retirada da Arte como “patamar de conhecimento e a coloca como uma linguagem” indo de encontro com o pensamento dos teóricos: Barbosa, Pimentel e Magalhães (2016; 2020) que questionam o porquê da Arte como componente de Linguagens e

Tecnologias, os demais defenderam a autonomia da componente curricular de Artes e seu ensino/aprendizagem, uma vez que, esta engloba diversas modalidades artísticas e demanda de um professor especialista para cada modalidade artística, além de sua “variedade de linha epistemológica e paradigmas conceituais” que necessitam de maior atenção.

Peres (2015), cita que a arte está sendo elencada como uma “disciplina acessória” com o papel de ajudar no entendimento de certos conteúdos de Língua Portuguesa e Literatura. Fala que converge com a resposta escrita por Rafael Sanzio.

Os pensamentos se cruzam nos argumentos de Artemisia Gentileschi, Sofonisba Anguissola e Tarsila do Amaral no que remetem ao conteúdo da BNCC, já que é um documento orientador que busca traçar o que se espera de desenvolvimento dos alunos ao longo da educação básica. Diante disso, as entrevistadas pensam nas diferenças que envolvem o contexto social e cultural dos estudantes que deveriam ser levados em consideração visando propostas que contemplem a diversidade. Cabe destacar na resposta da Artemisia Gentileschi: “acredito que toda forma de arte é válida, mas é muito mais acolhedor quando se parte da realidade do aluno para o entendimento do macro”.

Tarsila do Amaral ao dizer que a BNCC deixa “engessado o conteúdo”, de uma forma específica, acaba complementado os apontamentos das duas entrevistadas citadas anteriormente no que diz respeito a BNCC ser o documento orientador que ditará os conteúdos a serem ministrados em sala de aula. Aos que concordam em partes temos Caravaggio, Mary Cassatt, Michelangelo, Paula Rego, Salvador Dalí e Sandro Botticelli. Caravaggio cita que o documento oferece “possíveis caminhos para o fortalecimento do caráter ético-político-estético”.

Michelangelo ao ponderar sobre a BNCC menciona o tratamento da Arte no Ensino Médio em que “praticamente acaba com a disciplina e que ela pode ser um tema transversal dentro de linguagens” crítica realizada por Ana Mae Barbosa (2020) em uma entrevista[14] onde ela menciona que esse corte tira a possibilidade do trabalho com a arte para o ensino médio e ressalta a importância da Arte na educação fazendo uma analogia dela ser uma “fibra ótica da educação”. Assim, ela consegue estabelecer

14 No canal da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG), em 26 de outubro de 2020.

relação com todos os conhecimentos, ou seja, a Arte é a base e no final está sendo a “cereja do bolo”.

Paula Rego e Salvador Dalí expressam um ponto em comum, a primeira citou as “lacunas entre os objetivos e os conteúdos relacionados a eles”, Dalí disse que “em alguns pontos as disciplinas de Arte ficaram desatendidas e mesmo sendo discutidas na elaboração do documento estas ficaram de fora; o currículo está solto. Propõe a interdisciplinaridade, mas sem um objetivo e orientações”, desta forma, o pensamento dos dois professores se definem na crítica apresentada por Webster (s/d) sobre a falta de “unicidade” na organização e redação ao discorrer sobre as quatro linguagens a ponto de inibir a assimilação dos “propósitos das Artes na estrutura curricular”.

Salvador Dalí ao aprofundar sua opinião acerca da interdisciplinaridade frisando que não há objetivos e orientações para que este processo ocorra, seu juízo acerca dessa pauta está face a face com o que Webster (s/d) ressalta, pois, “trabalhar conteúdos de forma interdisciplinar consiste em fazer conexões” e que infelizmente a BNCC não explicita esse significado do “fazer conexões” interligados ao “potencial de cada área”. Afirma que não há como compreender corretamente o significado intrínseco da interdisciplinaridade e sua práxis na sala de aula. Para mais, a autora cita outra falha que se refere a interdisciplinaridade apontando a “ausência de repertório do professor” e Webster conclui que esta carência leva o docente a utilizar as linguagens da arte apenas como “meio e/ou instrumento de aprendizagem”.

Sandro Botticelli destaca que a BNCC “poderia contribuir muito para o ensino de Artes, porém a realidade de muitas escolas públicas e privadas ficam muito aquém do que é proposto e que o texto não contempla meios objetivos de realização das demandas”, deste modo, infere-se ao que aponta Rizzoli (2007) sobre a importância da teoria e a prática na relação dos saberes para o ensino da Arte.

Superar os desafios encontrados no espaço escolar mediante a aplicação do texto proposto pela BNCC irá carecer de uma ação docente pautada na mediação do espaço escolar e sua clientela, assim como salienta Pablo Picasso ao dizer que o documento não atende a demanda na escola da área rural. E este poderá ser um ponto a mais a ser trabalhado por meio de formações extras promovidas pelas Secretarias Estaduais Regionais como uma possível solução, já que na própria leitura crítica da BNCC, a autora Webster (s\d) traz um parecer salientando o despreparo do

professor em relação as competências sociais e pessoais, a dificuldade de compreender a diversidade do indivíduo.

Mary Cassatt coloca em foco as quatro linguagens artísticas (Dança, Artes Visuais, Teatro, Música e Artes Integradas[15]) inseridas na BNCC ressaltando que estas são de extrema importância na formação integral do ser humano", mas que o professor na sala de aula dificilmente possui formação equivalente para as quatro linguagens. A maioria possui apenas uma formação específica em uma dessas linguagens além de citar a falta de estrutura e a desvalorização das mesmas na educação. Peres (2015), destaca como se divide a estrutura dessas linguagens na BNCC e conclui que as mesmas são tidas como subcomponentes do componente Arte, causando "interpretações equivocadas" volvendo a "famigerada polivalência" com a prerrogativa da "valorização do trabalho interdisciplinar".

Acerca das artes integradas como mencionado anteriormente e como a entrevistada nos relata sobre a dificuldade por falta de formação equivalente do docente e como essa orientação irá ressoar no contexto curricular geram várias dúvidas como o professor irá trabalhar essas propostas concomitantes na sala de aula, uma vez que a BNCC traz apenas como unidades temáticas e não como blocos de conteúdos como era referido nos PCNs, por intermédio desses blocos havia a possibilidade ao professor de Arte a inserção da performance art, instalações e esculturas sonoras, arte sonora entre outras a aproximação dessas vertentes artísticas com a historicidade da Arte e seus movimentos.

Na contramão desse pensamento temos a defesa das autoras Cunha e Lima (2020) ao entender que há uma integração das linguagens artísticas para todos os ciclos educacionais e ressaltam que o documento não prevê um ensino tecnicista, ampliando as fronteiras entre as linguagens, de modo a superar uma visão compartimentada do ensino de artes visuais, dança, teatro e música.

As autoras ainda expõem que a BNCC abre ao ensino de Artes uma integração entre as linguagens propiciando o surgimento de Licenciaturas Interdisciplinares no Brasil. Já que há uma demanda de novas pretensões educativas pautadas em um ensino polivalente diferenciado regido sobre os princípios da interdisciplinaridade. Em suas palavras Cunha e Lima (2020) destaca que esse ensino será "capaz de validar

15 Artes Integradas refere-se a performance art, instalações e esculturas sonoras, arte sonora entre outras.

mais atentamente a produção artística contemporânea, a cultura e as questões sociais que se conectam com o ensino das artes no país.” Além de sublinharem a importância da inclusão das Artes integradas (performance art, instalações e esculturas sonoras, arte sonora entre outras) como unidade temática denotando uma notabilidade a produção artística híbrida. Inclusão esta que se dá apenas por esta ser considerada como unidade temática tendo em vista que já havia no currículo essas vertentes artísticas nos livros didáticos. O que a BNCC preconiza é que ela abre a possibilidade dessa unidade temática ser trabalhada em concomitância com as outras (Artes Visuais, Dança, Teatro e Música).

O entrevistado Leonardo Da Vinci, na questão 4, não respondeu se conhece a BNCC assim como na questão 5 não opinou dizendo sim ou não, somente discorreu sobre a relação do ensino de Arte não polivalente que o mesmo seja de acordo com a formação do professor, reprovando então a polivalência, tema abordado anteriormente nas análises de alguns autores. Outra crítica que o docente fez remete a quantidade de “temas postos aleatoriamente sem muito objetivo” e exemplifica a escolha do livro didático onde cada autor acaba trabalhando o conteúdo de forma diferente. Em sua opinião “deveriam ater-se mais à História de Arte (voltada aos princípios estéticos) e a teoria da imagem como fios condutores”.

Pablo Picasso e Yayoi Kusama concordam com a BNCC, mas, apresentam ressalvas, o primeiro acredita que a BNCC é importante para o currículo de Arte e fala que seguir somente ela é um problema curricular de muitas escolas. Em nossa pesquisa não perguntamos sobre as situações de ensino diferenciadas em outros Estados, porém, o entrevistado apresenta o argumento compartilhando conosco de sua experiência em escolas de Campo, na zona rural do Paraná e destaca que os “conceitos e a forma de aprendizagem proposta pela BNCC nem sempre dão conta da realidade local”.

A retificação feita por Yayoi Kusama aponta que uma “regra geral” para o Brasil, por se tratar de um país extenso pode não funcionar bem; a mesma acha favorável a inserção das várias linguagens vendo isto como um ponto positivo assim como as autoras Cunha e Lima (2020). Sua percepção da “regra geral” casa ainda com a crítica realizada por Webster.

Leonora Carrington embora não tenha dito nem sim e não para a questão tece seus argumentos baseados no DC-GO, clarificando que já utiliza os códigos das áreas

de conhecimento/objeto/habilidades/série e justifica que o documento coloca os estudantes como “protagonistas em suas aprendizagens”. Cita as quatro linguagens em suas materialidades, contextos e práticas, além de, ponderar que o documento por meio da “circulação do currículo” induz “uma ordem dos conteúdos a serem repassados” e, ainda, que o aluno mude de escola, de cidade o mesmo não terá atraso, pois o “corte temporal será aplicado em todas as unidades escolares”.

O participante Van Gogh acredita que se “bem aplicado teremos avanços na educação brasileira” alinhado ao pensamento de Webster (s/d) que alude a uma valorização dos processos que corrobora ao respeito da singularidade de cada aluno e visa a construção da formação humana integral. Frida Kahlo considera fantástico” pautando na interdisciplinaridade como ponto positivo da BNCC. Cabe transparecer que a participante Frida Kahlo é graduada em Letras (habilitação Português/Espanhol) e a maior parte da sua experiência docente é em Espanhol e Língua Portuguesa tendo a oportunidade de ministrar aulas de Arte este ano.

Portanto, as dificuldades inerentes a componente de Arte/BNCC/interdisciplinaridade e o modo como esta possa reverberar na sala de aula denotará uma demanda de tempo a ser trilhada. E pra finalizar temos a resposta de Anita Malfatti em concordância na qual se refere a uma “base bem completa”, afirmação esta, que não nos possibilitou uma análise mais profunda e nem um determinante de seu conhecimento acerca da BNCC.

Ao analisarmos a **questão 6, “Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?** Nesse momento fomos guiadas pelas respostas diretas dos entrevistados que ainda não possuem uma opinião a respeito do assunto para as mais complexas. Tendo em vista que este tema corrente foi aprovado pela Lei nº 13.415/2017 e ainda está em trâmite a implementação da BNCC para o Ensino Médio, prevista para 2022.

Rafael Sanzio e Yayoi Kusama não responderam tal questão, pois, a entrevistada tem experiência apenas com o Ensino Fundamental nos anos Iniciais e finais, já Rafael Sanzio afirmou lecionar no Ensino Médio e Ensino Fundamental. Leonardo Da Vinci, Leonora Carrington, Pablo Picasso, embora tivessem relatado experiência no Ensino Médio e Paula Rego disseram não ter opinião sobre essa proposta. O primeiro leciona no Ensino Médio e na fase final do Ensino Fundamental e diz “ser algo novo para ter uma conclusão” e alega “devido a ampla gama de

possibilidade de trabalho que podem ser desenvolvidos, é algo que venha a melhorar o ensino de Arte".

Já a participante Leonora Carrington diz que "atualmente não está lecionando no Ensino Médio e não está vivendo esta realidade" e cita "ser importante para o jovem aprender uma profissão integrada com a escola formal e usa como exemplo o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI. Já Paula Rego, sua prática docente consiste do maternal ao 8º ano do Ensino Fundamental, anos finais.

Tanto Caravaggio como Van Gogh respondem com um "talvez" e "acredito que sim". Van Gogh afirma que por meio dos itinerários será possível "aprofundar em conceitos que tratamos de modo elementar nas disciplinas regulares". O outro expõe que é necessário "definir bem esses itinerários, buscar caminhos que dialoguem com o dia a dia dos jovens" e que a Arte apresentada como algo que faz parte de suas vidas, o "interesse maior é em aprender ou desenvolver práticas artísticas". Frida Kahlo e Michelangelo afirmaram que isso dependerá de como as escolas trabalharão os itinerários pensando na autonomia que essas instituições terão previstas na lei, e ao que conclui Michelangelo "se a instituição optar pelo itinerário de linguagens pode ajudar".

Artemisia Gentileschi e Sandro Botticelli em seus pareces não utilizam as palavras sim ou não, mas tecem argumentos a serem considerados como positivos com ressalvas. A primeira admite a redução da carga horária da componente de Arte e afirma "sendo o ensino como está, não achei ruim não" concluindo que ao invés desse corte na carga horária "deveria haver professores de várias linguagens para que o aluno optasse por aquela que tivesse mais afinidade e desenvolvesse habilidades que fizesse mais sentido à sua vida profissional e social e sem direcionamento à aprovação no ENEM[16] e vestibular como é hoje".

Já Sandro Botticelli destaca que "desde que não haja prejuízo para a formação geral básica, que já contempla os conteúdos curriculares em Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), e que esta não seja substituída pelo currículo flexível", ele acredita que, os formativos itinerários poderão contribuir para o ensino de Artes e "aproximando o estudante das diversas categorias e linguagens produzidas no artesanato, design, etc." Ao considerar sua fala percebemos uma interpretação

16 ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

equívoca da BNCC ao passo que discorremos que a mesma dividirá o currículo em duas partes: a obrigatória (Língua Portuguesa e Matemática) e a flexível que engloba a componente de Arte e as demais disciplinas.

Alguns entrevistados desconhecem as mudanças que serão realizadas no Ensino Médio pela BNCC. Em suas respostas Van Gogh, Frida Kahlo e Michelangelo ponderam um ponto positivo nos itinerários formativos onde a escolha da escola poderá influenciar. Michelangelo define: “que se esta contemplar a área de Linguagens poderá beneficiar o ensino de Arte”. Conquanto concluímos pelas assertivas dos entrevistados que suas ideias estão em sincronia com as opiniões de sites que defendem a proposta da BNCC por serem empresas privadas que já podem estar lucrando com essas alterações.

Barbosa (2016) afirma que há um envolvimento de entidades privadas que desenharam a BNCC sob o discurso falso da interdisciplinaridade e ressalta que sob esse elóquio fomos enganados pela ditadura com uma formação polivalente obtida em dois anos. A autora revela que o currículo deste documento é pautado no núcleo comum americano.

Entre os entrevistados que discordam das alterações no Ensino Médio proposta pela BNCC temos: Anita Malfatti, Mary Cassatt, Salvador Dalí, Sofonisba Anguissola e Tarsila do Amaral. Todos foram unânimes em dizer que os estudantes não optarão pela componente de Arte e que sem essas alterações, ela já é desvalorizada pelos alunos e as instituições escolares. Mary Cassat ponderou sobre a falta de “maturidade do aluno” e prevê um retrocesso no ensino da componente e realça que todas as áreas são de “extrema importância para o currículo e a formação”. Anita Malfatti e Sofonisba Anguissola discorrem sob a “escolha do aluno voltada ao mercado de trabalho em busca de formação profissional” e esta última ainda cogitou o desaparecimento da componente de Arte.

Tarsila declarou que há interferências políticas com o desígnio de desfavorecer a criticidade do alunato. Salvador Dalí ressaltou a cobrança de números e gráficos que são utilizados para medir o desempenho da educação obtidos por meio de provas na qual a componente Arte não está presente. Sua fala permeia o desenvolvimento estudantil que ficará prejudicado e que as alterações dos itinerários formativos irá ampliar o descaso pela disciplina de Arte e ao que conclui Peres (2015) “um ensino

superficial de Arte pode abafar a força vital da imaginação das crianças, jovens e adultos na escola".

Observamos que o posicionamento destes participantes convergem com o recorte teórico realizado por Barbosa (2020) que aponta que a "Arte é importante para os seres humanos e como a mesma tem demonstrado isso nesse contexto pandêmico e nos faz refletir o que seria da tecnologia sem a qualidade estética, a qualidade da imagem que transmite conhecimento e emoção". Ademais cita um exemplo que se enquadra na perspectiva dessa negligência apontada por aqueles que não concordam com essas modificações no Ensino Médio.

> A arte é tão importante para o desenvolver da inteligência do ser humano **e há exemplos disso comprovados em estudos.** Há uma pesquisa de uma vida inteira para a tese de mestrado e doutorado alegando que Arte desenvolve a capacidade racional lógica da inteligência humana que pode ser aplicada em outras áreas, outras disciplinas. **Em exemplo, ela cita uma dessas** pesquisas realizadas com alunos que trabalharam com o desenho livre, criador, autônomo durante o período de três anos na qual ele fora capaz de estabelecer relação entre três textos completamente diferentes, que falam de temas diferentes. A Arte consegue estabelecer uma ligação com todos os lóbulos cerebrais e uma relação com todos os conhecimentos. (BARBOSA, 2020, **grifos nossos.** Em uma entrevista para o canal da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG), em 26 de outubro de 2020.)

Diante do exposto podemos afirmar que com a BNCC corremos o risco de menosprezar o ensino da Arte e denigrir a imagem que fora construída ao longo dos anos por meio de intervenções de arte-educadores, das confederações e entidades que lutaram para obter os direitos na LDB 9394/96, como disciplina obrigatória na Educação Básica, conquistas que se dissolvem não somente na retirada da componente de Arte do Ensino Médio, uma vez que sabemos que no Brasil a maioria da população irá aderir percursos a serem trilhados alicerçados no mercado de trabalho, na formação técnica e profissional.

Na **questão 7,** "**O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?** Nota-se novamente uma variedade de respostas que sugerem experiências diversificadas no cenário educacional e que incidirão na próxima questão a fim de ser um divisor de águas inerente a prática docente da componente de Arte e quais enfrentamentos são deflagrados no chão da sala de aula.

Para tal elucidação é necessário ater aos pontos comuns que seguem nos questionários desembaraçando os argumentos, no intuito de ligar esses a um dos

testemunhos de nossos entrevistados na busca de solucionar a questão problema que indaga se a BNCC efetivamente contribui ou enfraquece a posição da Arte nos currículos escolares e, consequentemente, as possibilidades do ensino interdisciplinar.

Nesta questão alguns dos professores participantes da pesquisa apontaram argumentos superficiais não sendo possível remeter a uma análise profunda. Anita Malfatti, Paula Rego e Tarsila do Amaral contribuíram de forma suscinta não gerando uma justificativa. Caravaggio, Michelangelo, Rafael Sanzio, Sandro Botticelli, Van Gogh e Yayoi Kusama consideram fundamental, pois, para Van Gogh podem produzir uma educação mais efetiva. Já para Caravaggio, Michelangelo e Rafael Sanzio a Arte dialoga com várias áreas de conhecimento.

Artemisia Gentileschi, Frida Kahlo e Leonora Carrington atestam como “maravilhosa a oportunidade de se trabalhar a Arte de forma interdisciplinar, visto que, hoje os conteúdos não são isolados”, “fantástico” e “complementares e complexas mencionando que a Arte dialoga com as quatro linguagens artísticas e as demais componentes que compõem o currículo do Ensino Fundamental”. As falas de Frida e Artemisia convergem nas experiências sentidas no “chão da sala de aula”. A primeira denota em sua justificativa o saber “do outro lado”, já que não é formada na Área de Artes (sua experiência na docência de Arte foi apenas em 2021) e sim em Letras e especifica que trabalhou em 2020 com o professor de Arte o tema Romantismo e diz que os alunos gostaram. Já a segunda entrevistada menciona o exemplo do teatro e o alcance que esse tem nas outras componentes: literatura, composição visual dentro da Arte, física e elétrica, química e matemática, além de outras possibilidades.

Mas, fez uma crítica sobre a interpretação que se tem de interdisciplinaridade a partir ou com o professor de Arte: “decoração, suporte para realização de outras matérias tidas como mais importantes”, além do papel de confeccionar lembrancinhas, encenações para as datas comemorativas, ensaio das danças para as festas juninas, e o que ela considera como o pior, “fazer mural e encapar livros didáticos”. Leonora disse que é necessário realizar essas “parcerias e apenas acrescer o código dos objetos de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas nas aulas, exigidas no documento da BNCC.

Por consequência desses relatos nos atemos ao que Fazenda (1993) **apud** Caldas, Holzer e Popi (2017) explica que ao pensar de forma interdisciplinar destaca-

se as diferentes formas de conhecimento, seja por uma estratégia formal ou de senso comum enriquecendo as relações com o mundo. Complementa-se no discurso de Artemisia o que Ferreira (1993) **apud** Caldas, Holzer e Popi (2017) diz: o que caracteriza uma prática interdisciplinar é o sentimento intencional presente nela.

Pablo Picasso e Salvador Dali expõem a interdisciplinaridade na componente de Arte como “um dos pontos mais cruciais” e “essenciais” e retratam as dificuldades desse processo interdisciplinar devido o ensino segmentado das disciplinas, a burocracia escolar e curricular, a própria formação docente na qual não são “preparados para atuarem em conjunto com outros professores em outras áreas” e por último a impossibilidade de “ser concretizado com o número de aulas de Arte que são disponibilizadas na educação regular”. Críticas que tendem a se agravar mais com as alterações propostas na BNCC, principalmente, no Ensino Médio que provavelmente ficará sem a componente curricular na sua grade devido as escolhas dos itinerários formativos pelas instituições educacionais e pelos alunos.

Mary Cassatt teceu em suas contribuições a necessidade de valorização da componente de Arte em sua “essência” e acrescentou que a “Arte tem esta flexibilidade para trabalhar sobre vários conteúdos e demais componentes enriquecendo ainda mais a formação integral do educando em várias áreas do conhecimento”. Em contrapartida, Leonardo Da Vinci argumenta importância “de haver uma conexão entre a teoria e a prática, uma ponte maior entre a leitura da obra de Arte, contextualizar e o fazer”. Por conseguinte, temos nesse comentário o pensamento que vai de encontro com a tríade da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) já que pensar, refletir, planejar estratégias e ações didáticos-pedagógicos contribuem para o ensino de artes.

Por último e não menos importante temos o apontamento feito por Sofonisba Anguissola que destacou “para que aconteça realmente a interdisciplinaridade na componente de Arte, é necessário que os conteúdos das outras disciplinas, que serão trabalhadas tenham um potencial para construção dos conhecimentos em Arte”.

Após refletirmos sobre a **questão 8, “Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?** Verificamos um fato interessante: todos os professores responderam que já trabalharam a Arte dentro de um contexto da interdisciplinaridade. Dado relevante para a nossa pesquisa, já que podemos inquirir que este processo já ocorria com ou

sem a BNCC e nos leva novamente a pensarmos na nossa questão problema sobre de que modo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) efetivamente contribui ou enfraquece a posição da Arte nos currículos escolares e, consequentemente, as possibilidades do ensino interdisciplinar.

Uma vez que analisamos as experiências docentes aqui apresentadas, foi possível percebermos que mesmo em realidades diversas tem-se a presença da interdisciplinaridade e da componente Arte, apesar desta não ser da maneira que esperamos e como esta merece ser trabalhada devido ao seu caráter de importância para o indivíduo como um todo e em suas particularidades. Quanto as componentes citadas, os professores de Artes alegaram que trabalharam a interdisciplinaridade juntamente com as respectivas disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências, Química, Inglês, Educação Física, Filosofia, Biologia, Sociologia, Literatura e Física.

Dentre as mais trabalhadas em conjunto com Artes temos: História, Geografia, Língua Portuguesa e Matemática. Artemisia Gentileschi, Leonora Carrington, Mary Cassatt, Salvador Dalí e Tarsila do Amaral disseram já ter trabalhado em projetos. Salvador Dali relata que já trabalhou projetos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA e Artemisia descreve que só participa de projeto que seja escrito, com objetivos, adequação curricular e justificativa para a participação. E Caravaggio destaca “que o tempo ofertado pelas escolas para as aulas de Arte não possibilita fazer muita coisa”. Deste modo, não se pode afirmar que a presença da interdisciplinaridade é ou será uma contribuição advinda da BNCC.

Na **questão 9, ‘No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?’**

Entre as respostas obtidas Tarsila do Amaral destacou “a dificuldade de professores de se planejar e sair do seu mundo.” Na opinião de Michelangelo “pode ser a falta de tempo para planejar e desenvolver os projetos”; assim como Sofonisba Anguissola opinou que “a falta de planejamento e participação de professores de outras disciplinas” pode ser um dos fatores que dificulta o ensino interdisciplinar de arte nas escolas.

Já para Van Gogh pode estar relacionado a falta de desejo da equipe docente; tempos escolares rígidos e estrutura física ou falta de apoio dos gestores” assim como outros entrevistados também discorreram nos seus apontamentos.

Para Rafael Sanzio as dificuldades estão relacionadas a “alguns professores e coordenadores que percebem a arte como inferior a outras componentes” sendo que no pensamento deles a Arte fica em segundo plano para o desenvolvimento dos projetos interdisciplinares. Além disso, Anita Malfatti, apontou que “nem todos os professores gostam de trabalhar em equipe” e Yayoi Kusama complementou discorrendo que “alguns professores” solicitam as trocas de ensino “com relação a parte prática da arte” não dando assim a devida atenção ao que a disciplina de Arte pode proporcionar aos alunos.

É importante salientar que para Sandro Botticelli, muitos arte-educadores encontram dificuldade na compreensão da disciplina de Arte e “deve, antes de tudo, ser útil à formação integral dos estudantes” destacando as “questões sociais e científicas” e em acordo com a visão de Yayoi Kusama ele nos diz que “há muito preconceito dos educadores de demais áreas, que enxergam o ensino de Artes como mera recreação ou um saber de menor importância.”

De acordo com a entrevistada Artemísia Gentileschi, a “falta de um projeto e objetivo pré-determinado” são algumas das dificuldades encontradas e, também, aponta que o “desmerecimento de algumas disciplinas em relação à outras e o entendimento que trabalhar de forma interdisciplinar é juntar todos os professores para decorar a escola para uma festa para os pais e\ou alunos”

Enquanto isso, o entrevistado Pablo Picasso apontou que a “falta de formação e interesse dos professores” nas discussões dos projetos em prol do ensino interdisciplinar pode gerar “mais trabalho de forma geral” e “a falta do uso da possibilidade da docência compartilhada, onde dois professores dão aulas juntos.” Nesse sentido, Caravaggio, vê a “formação mais especializada dos professores" como um dos motivos que pode resultar em um ensino interdisciplinar de qualidade e destacou ainda que para que essas aulas aconteçam dentro dos processos curriculares exigidos, não devem ser feitas em “tempos reduzidos de aulas”, pois, o professor pode se sentir desestimulado pela busca de conteúdo para o desenvolvimento de um ensino interdisciplinar.

Já Salvador Dalí destacou que “as aulas reduzidas, os horários inflexíveis das escolas, a falta de horário para planejamento das aulas interdisciplinares” e as “cobranças por resultados numéricos nas provas diagnósticas” podem ser uma problemática que resulte na insatisfação de alguns professores para que esse ensino

aconteça. Esclareceu ainda que “muitos professores não se encontram para trocar ideias”.

A entrevistada Frida Kahlo em comum acordo com Salvador Dalí menciona a “disposição dos professores” desde que seja de forma incentivadora para que a relação entre professores e coordenação resulte na “viabilização de horários para que essas aulas conjuntas possam acontecer” e que sejam dentro de uma estrutura física escolar que valide o desenvolvimento do ensino interdisciplinar de arte.

Leonardo Da Vinci define que “o principal problema, consiste na adequação de uma matéria de uma disciplina com a de outra.” Enfatiza também que “há o problema de, na maioria das vezes, ter que interromper a sequência programada das matérias.”

Para Leonora Carrington, a aplicação de “atividades artísticas” é vista como “um desenho para pintar” e, assim como para Mary Cassatt, alguns professores acham “que Arte se restringe apenas a aulas de desenho” a desvalorizando “como um componente curricular”. Leonora Carrington ainda reforça que alguns dos professores “não consultam o professor de Artes quanto ao conteúdo, quando poderiam sentarem juntos e fazerem um plano integrado de disciplinas” pontuando que “há certa distorção ou não interpretação da proposta da BNCC” ressaltando ainda “a importância dos professores e alunos explorarem suas habilidades, e não aos docentes atuarem fora de sua área de formação.”

Diante dessa problemática, na percepção de Mary Cassatt, é necessário “maior valorização e seriedade quanto aos benefícios que a Arte favorece ao aprendizado de forma geral” destacando, também, que algumas instituições não trabalham com o ensino interdisciplinar.

Alguns dos entrevistados também pontuam fatores que problematizam o ensino interdisciplinar de Arte nas escolas relacionados a falta de trabalho em equipe onde dois ou mais professores não dialogam entre si para a realização de um projeto interdisciplinar de Arte nas escolas, numa visão de desvalorização da disciplina de Artes em relação às demais e com alegação de que unir as disciplinas pode comprometer no conteúdo curricular no ano em curso.

Partindo dessas respostas, constatamos que dentre todos os ‘autores’ entrevistados, Paula Rego, não tem dificuldade em trabalhar a interdisciplinaridade nas escolas, mas ao correlacionar à questão posterior: ‘**O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?**’ Paula Rego

concorda com alguns dos entrevistados como Caravaggio e reflete que, “formamos em uma especialidade, não somos polivalentes, como muitas escolas querem que sejamos ... Trabalho um pouco das áreas de Visuais e Teatro por vontade e estudos próprios.” Caravaggio, ainda acrescenta que:

> “O documento deveria trazer uma força de lei, garantindo o funcionamento pleno do processo de aprendizado e desenvolvimento dos alunos, bem como trazer de alguma forma, algo que facilitasse a vida dos professores, com recursos diversos.”

Van Gogh demonstra que com “diálogo, coragem e sensibilização dos ‘personagens’ envolvidos” pode ser um caminho para que a equipe docente seja mais harmônica e quando apoiada pela equipe gestora é possível aplicar horários flexíveis na carga horária para que o ensino interdisciplinar ocorra de forma satisfatória.

Mary Cassat aponta que essas dificuldades podem ser sanadas ao ponderar: “maior seriedade e valorização do componente Arte nas instituições, reconhecendo os infinitos benefícios, através de diversas formas e métodos exercidos pela mesma” que visa “a melhoria do ensino na Educação.”

Pablo Picasso evidencia que:

> “[...] não se atar a preocupação conteudista ajudaria a abrir espaço para maior experimentação por parte dos professores. Acredito que talvez mesmo dentro do currículo possa ser criado um espaço interdisciplinar de projetos, no qual os alunos conduzam projetos de aprendizagem diversos, onde todos os conteúdos podiam se relacionar e professores poderiam fazer a tutela conforme a temática do projeto.”

Para Leonora Carrington o “planejamento coletivo entre professores para o desenvolvimento de atividades interdisciplinares” implica na “importância da aplicação de aulas interdisciplinares aos professores e alunos.” E consequentemente, assegurar a “liberdade ao discente em transitar entre os cortes temporais da matriz curricular”

Nos apontamentos de Michelangelo, devido a disciplina de Arte ter “uma aula nas escolas que eu trabalho, falta tempo para planejar e executar a ações com outros professores.”

Sandro Botticelli relata,

> “Creio que a solução para essas questões esteja fundamentalmente ligada à formação de professores. Há, em geral, poucas oportunidades de intercâmbio e trabalho conjunto entre as diferentes disciplinas ao longo da formação

> acadêmica, e essa deficiência na formação acaba sendo carregada para a atividade profissional."

Yayoi Kusama esclarece que "mudar o pensamento das pessoas é muito difícil ... Tem que ser feito aos poucos no dia a dia. É sentar com esses professores e mostrar que podemos falar sim, que nosso trabalho também é pautado em objetivos, habilidades, etc."

Artemísia Gentileschi diz que:

> "Já faço há algum tempo. Gosto de trabalhar com uma pedagogia de projetos. Escrevo, apresento à coordenação e direção. Após aprovação tenho um respaldo legal e apresento aos colegas. Ninguém é obrigado a participar, mas quem se prontificar já sabe que irá trabalhar muito e terá que reformular suas aulas. Normalmente gosto de envolver a escola toda, então o projetoacontece todo o ano e a culminância é no final do ano."

Tarsila do Amaral sugere: "Professores que amem sua profissão e se entregue mais ao novo. As novas tecnologias."

Rafael Sanzio detalha que,

> "Compreender a componente Arte como uma disciplina é tão importante quanto às demais, para o conhecimento humano, que contribui para o aprendizado de todas as outras componentes. Como afirma a formadora e professora de arte Marisa Szpigel[17]: "Os alunos também precisam aprender sobre generosidade, amor, poesia, algo que só é traduzido pela arte. As artes ajudam a sensibilizar as pessoas".

Já Anita Malfatti destaca que "a união dos professores, trabalhando sempre pelo bem maior, a educação." Sofonisba Anguissola, defende a "participação da coordenação e dos professores no planejamento anual das disciplinas com propostas interdisciplinares" como sendo o ponto essencial para que o desenvolvimento curricular aconteça.

Leonardo Da Vinci sustenta que: "é algo difícil. Teria que haver uma sincronização das matérias trabalhadas interdisciplinarmente, sem que houvesse

---

17 A citação de Rafael Sanzio se refere a fala da professora Marisa Spizel (Coordenadora de Arte na Escola Viva em São Paulo e selecionadora do Prêmio Victor Civita Educador Nota 10) escrito em 12. fev.2018 para a Revista Nova Escola sob o título:" **confira 3 etapas para elaborar aulas e avaliações alinhadas à Base.** Disponível em: https://box.novaescola.org.br/etapa/4/bncc-na-pratica/caixa/55/bncc-de-arte-sensibilidade-e-expressao-em-foco/conteudo/14519.

qualquer coisa que venha atrapalhar ou interromper a sequência progressiva dos conteúdos previstos em cada disciplina.”

Salvador Dalí reforça que precisa de uma "mudança urgente nos currículos e no sistema de avaliação diagnósticas da educação.” Fala que se reverbera ao que Caravaggio propõe com: “o documento deveria trazer uma força de lei garantindo o funcionamento do processo de aprendizado”, uma vez que, nem sempre essas avaliações promovidas pelo MEC se refletem na aprendizagem concreta do aluno e apenas simbolizam em números distantes da realidade do chão das escolas brasileiras. E quem dirá no Ensino de Arte, uma vez que esta componente não se faz presente nos conteúdos contemplados nessas avaliações seriadas.

Dentre as palavras dos nossos entrevistados nos atemos as palavras/sinônimos que traduzem o sonho de um arte-educador: formação docente proficiente, reconhecimento da Arte, diálogo, coragem e sensibilização. E sobre estas revertemos possíveis ações para sanar o ensino interdisciplinar de Arte das quais destacamos ser necessário: um planejamento frutífero entre as componentes no intuito de contemplar o conhecimento e a aprendizagem do aluno, apoio da equipe gestora/coordenação, infraestrutura, respeito a formação e sua área de atuação (as linguagens artísticas e suas formações respectivas), além do enaltecimento da Arte como detentora de conhecimento e aprendizagens essenciais ao indivíduo como um todo.

Quanto ao questionamento proposto na **pergunta 11: “Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?”** As respostas nos mostram que 3 docentes preferiram não opinar a respeito das contribuições da BNCC nos currículos e para o ensino interdisciplinar. Em contrapartida o restante dos nossos entrevistados aponta sobre a interdisciplinaridade, a avaliação, a homogeneização, a valorização das linguagens, aos conteúdos e as componentes, a BNCC e o currículo nacional, e o aumento das horas das aulas de Arte.

Para tanto, é necessário enfatizar algumas dessas contribuições para nos determos a um resultado limiar, visto que, essa discussão é delicada e carece de apontamentos que surgirão com a efetiva prática docente para a Educação Básica. Ressalta-se que foi necessária uma adaptação e reelaboração dos currículos estaduais e municipais, além da adequação dos materiais didáticos e a reformulação

das políticas de avaliação e acompanhamento da aprendizagem. Desta forma, os apontamentos sugeridos pelos demais professores seguem nas linhas abaixo.

Sobre a avaliação Van Gogh respondeu que “talvez, principalmente por conta dos apontamentos proposto no documento e das mudanças nos processos de avaliação (ENEM entre outros)”. Quanto a valorização das linguagens Mary Cassatt indica que:

> “Justamente ampliando conhecimentos com a inclusão das linguagens propostas pela BNCC, através das Artes Visuais, da Dança, da Música, do Teatro e das Artes Integradas, dando espaço também aos profissionais específicos de cada linguagem.”

Acerca da homogeneização temos duas falas respectivamente, uma crítica e outra sobre a extinção. Para Sofonisba Anguissola, “a BNCC traz uma visão homogênea do contexto social e cultural dos estudantes, e também a destituição da liberdade dos professores, no sentido de construírem uma prática criativa no ensino de arte, que não contemple a polivalência.” Artemísia Gentileschi, deixou registrado que,

> “Na minha opinião, deixando de existir! Cada Estado deveria ter sua autonomia e respeitar sua própria necessidade, demanda e mesmo calendário. Em Brasília mesmo não deveria ter aula no mês de agosto e não o recesso de julho. A umidade do ar chega a 8 e 12% e muitos alunos passam mal nas salas. É impossível ocorrerem as aulas de educação física, por exemplo. E em outros lugares onde ocorre festivais importantes como em Goiás Velho, período de colheitas e mesmo atividades religiosas. Há locais que os alunos correm risco de vida com a cheia dos rios, mas tem que ir para escola porque o calendário é o mesmo, imagina o conteúdo. Nesta pandemia mesmo houve momentos em que tinha que falar do período Barroco, tendo famílias desempregadas, alunos sem acesso à internet, famílias dilaceradas e professores doentes. Qual o sentido disso? Deveria haver maior liberdade para cada lugar e comunidade estruturar seus conteúdos de acordo com a demanda e clientela local.”

Em relação aos conteúdos e interdisciplinaridade Leonora Carrington fala que “acho que contribui através dos códigos, podemos fazer analogias entre o trabalho dos colegas e o nosso, funciona como um mapa para a construção dos currículos escolares. O documento diz respeito aos conteúdos que devem ser apreendidos.” Sobre disciplina e interdisciplinaridade Michelangelo afirma: “se a disciplina for um itinerário formativo poderá ser trabalhada com mais diálogo com as outras áreas e sair do campo das ideias (teoria).”

Numa crítica pautada nas disciplinas, Frida Kahlo expressou a ideia de “que nosso país deveria acabar com a questão da disciplina e trabalhar em sala de aula as áreas assim como na teoria. Professores atuando juntos em sala de aula, fazendo a interdisciplinaridade de verdade.” E ao que diz a interdisciplinaridade temos:

> Yayoi Kusama escreve “com relação a disciplina Artes é muito bom poder fazer um mix com outras linguagens e com relação a outras disciplinas o professor formado em artes meio que já faz quando mostra uma imagem da história do contexto, mas agora pode trabalhar mais fundo com a ajuda de outras disciplinas.”

Já Sandro Botticelli afirmou que,

> “Um bom esclarecimento a respeito da necessidade da formação interdisciplinar e integral, aliado ao domínio de temas interdisciplinares (no campo político, científico, social etc.) pelo arte-educador, pode sem dúvida contribuir para concretizar as disposições da BNCC a respeito do ensino de artes como prática social, criativa e criticizante, em vez de mera aquisição de técnicas e códigos de linguagem.”

Ao que consta de opiniões sobre a contribuição com a interdisciplinaridade e o estudo histórico da Arte, Caravaggio argumenta que “A BNCC contribui não só pela interdisciplinaridade curricular, mas sobretudo, porque ela valoriza o ensino de Artes ao traçar um histórico da luta pela presença da componente como disciplina nos currículos da Educação Básica brasileira.” E Leonardo Da Vinci discorre “sobretudo na orientação de como se deve fazer essa interdisciplinaridade. Pois tem havido o uso de uma disciplina apenas como forma de apoio de outra, e isso não caracteriza, necessariamente, interdisciplinaridade.”

Para Salvador Dalí esta não favorece, pois “acredita que na atual forma que está estruturada as disciplinas nas escolas a BNCC não tem muito a contribuir com a interdisciplinaridade. Está no papel, mas na prática é quase inviável.” No tocante ao currículo da Base Nacional Tarsila do Amaral infere “o que foi melhor desenvolvido na BNCC foi um Currículo Nacional. Onde todos os alunos do país inteiro irão ter o mesmo conteúdo.” E para finalizar, uma pauta tão cara aos docentes e tão pertinente nesse momento pensando na “exclusão” da componente de Arte no Ensino Médio com a opção de escolha dos itinerários formativos e esta que vem sendo alvo de lutas constantes batalhadas pelos arte-educadores temos o discurso de Rafael Sanzio:

> “O Ensino de arte só poderia ser melhorado, enriquecido, ampliado, valorizado (...) se houvesse interesse em conservar e ampliar o número de aulas de arte tanto no ensino fundamental como no médio. Não adianta o professor de arte trabalhar incansavelmente na preparação de conteúdos, obedecendo às propostas de todas as “SIGLAS” burocráticas e ter que sair mendigando aulas de colégio em colégio e muitas vezes assumindo outras disciplinas para completar sua carga horária.”

Na última questão do questionário: **“Há algo mais que você gostaria de acrescentar?”** Anita Malfatti, Van Gogh, Paula Rego, Pablo Picasso, Leonora Carrington, Caravaggio e Michelangelo não sinalizaram uma resposta. Mas, Mary Cassatt, relatou que,

> “Gostaria novamente de enfatizar o quanto a Arte contribui para a formação integral dos educandos, o quanto permite o desenvolvimento e habilidades que lhe serão úteis não só na sua vida estudantil, mas também na sua vida como um todo. Ao longo desses quase 20 anos lecionando esta disciplina tão importante, vejo o quanto ainda precisamos que seja valorizada e respeitada por todos, na instituição escolar, por parte dos alunos, dos pais e da sociedade em geral. O caminho é longo e difícil, mas o fato de ter a convicção do quanto a Arte contribui, há que esforçarmos para que futuramente isto se torne realmente possível.”

Já Sandro Botticelli pontuou que:

> “É preciso que os arte-educadores se dediquem a compreender, da melhor forma possível, o papel fundamental que exercem na formação de cidadãos críticos e capazes de apreciar, fruir e criticar as imagens, códigos e manifestações à sua volta. Isso só será possível através de uma formação e atividade politicamente engajadas, que tenha como objetivo maior a emancipação de cada estudante em formação e a sustentação de uma sociedade verdadeiramente democrática. Nossa tarefa imediata, para que esse objetivo seja atingido, é superar a anemia política, a superficialidade do debate, a alienação e o espontaneísmo vazio de conteúdo, irrefletido, que se abatem sobre grande parte dos educadores em formação e atividade hoje.”

Artemísia Gentileschi apresentou uma opinião mais polêmica ao dizer que:

> “Sou adepta do homescholling, já aprovado aqui na minha cidade. Educação não é somente obrigação do Estado, mas de toda sociedade e principalmente da família. Acho o cúmulo ter que chamar atenção dos alunos por jogarem lixo no chão tendo uma lixeira enorme na sala. Há muito o que mudar na educação, espero que esta pandemia sirva para que possamos refletir sobre novas formas de aprender e ensinar.”

Para finalizar, Yayoi Kusama destacou que:

> “Só fico incomodada com a intensão de preparar o jovem para o mercado do trabalho com alvo claro para a mão de obra e as questões de acesso de materiais, pois parece que podemos colocar o ensino público de igual patamar ao ensino particular ou mesmo as públicas que dependendo da região são tão diferentes em questão de investimento, pessoal etc.”

E Tarsila do Amaral complementa dizendo que “A BNCC foi formulada por grande maioria de entidades privadas. Onde a realidade deles não é a mesma que a pública.”

As respostas sugerem possíveis trilhas à efetivação de propostas e abrangência da BNCC. Os acréscimos dos professores retomam a importância do ensino das Artes ao desenvolvimento integral dos educandos, o papel fundamental do docente tanto da vertente pública quanto privada, apoiado pela família, sociedade e políticas públicas. Identificada também a necessidade dos documentos de base sem objetivo de homogeneização, mas sim a consideração das características regionais assim como a clareza dos objetivos de formação para a cidadania e/ou o mercado de trabalho.

Desse modo, o que se conclui é que a teoria deve estar envolta na prática e assim como alguns autores analisaram a BNCC e apontaram pontos positivos e negativos é preciso repensar a educação a partir do que é proposto na BNCC, em busca de uma formação do indivíduo oferecendo a este os benefícios que a Arte traz ao ser humano e demonstrar como ela está relacionada aos saberes. Com relação ao processo de interdisciplinaridade podemos inferir pelas respostas dos entrevistados que esta prática é inerente à docência e envolve processos pedagógicos tanto na sala de aula como na gestão escolar. Cabe ao professor e parte gestora da instituição educacional reparar os pontos positivos ao longo do seu planejamento anual visando a melhoria da educação e pautando no bem maior: o alunato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que, aparentemente, o reflexo da BNCC para o ensino médio, a um primeiro olhar, assevera uma positividade sobre os resultados a serem alcançados, contudo, este documento com força de lei em si não é capaz de assegurar que todas as premissas nele contidas sejam efetivadas mediante a práxis. E, ainda, essa formatação talvez não garanta que estes desafios sejam seguidos diante a falta de formação e capacitação dos docentes para execução de práticas profícuas pautadas na interdisciplinaridade.

Por conseguinte, acreditamos que as múltiplas dimensões a serem incorporadas pelos alunos descritas na BNCC tendem a se distanciar das ações educacionais por não terem uma relação tão estreita ou clara com a interdisciplinaridade.

E através da análise das pesquisas de campo junto aos professores formados em artes visuais, atuantes nas séries finais do ensino fundamental II e ensino médio, público e privado, tivemos a oportunidade de refletir um pouco sobre o conhecimento, as possibilidades das práticas pedagógicas para a interdisciplinaridade no ensino das artes visuais e a aplicação da BNCC em meio aos obstáculos cotidianos vivenciados por tais professores de Arte nas escolas.

Ademais aqueles que por acaso escolherem como itinerário formativo a área de Linguagens poderão sofrer pressão psicológica de familiares visto que, sempre há uma exaltação para a área de exatas ou biológicas, como se estas fossem dotadas de um conhecimento superior a de humanas. Sob a pauta de Pimentel e Magalhães (2018, p. 223) é necessário ações no intuito de resvalar nesses atos políticos uma vez que o momento é tão crítico que precisamos resistir para existir no cenário educacional contemporâneo, superando as ameaças que surgem para o componente curricular Arte e seu ensino/aprendizagem.

De resto é importante rememorar que este documento tanto denigre e dissolve a Arte enquanto disciplina que a tirou de componente de área e a rebaixou como uma subcomponente da área de Linguagens e Tecnologias possibilitando a brecha desta ser somente mais um tema transversal a ser trabalhado em algum projeto anual ou semestral. O que reafirma nossa necessidade de conhecermos os documentos oficiais da educação e os esforços engendrados pelos educadores, particularmente arte

educadores, empenhados nas discussões, trabalhos e conquistas de fato convergentes na direção dos interesses e necessidades da educação, do ensino das artes, de todos os seus participantes.

Para finalizar, temos consciência que o tema abordado no trabalho em questão é pertinente, atual e carece de novas discussões e contribuições a partir de outros pontos de vista. A BNCC já é referenciada há bastante tempo, é contemporânea e sua aplicação ainda reserva muitas aprendizagens e ajustes, portanto, esperamos que as discussões motivadas aqui contribuam para nortear e ajudar outros alunos e pesquisadores que também se interessam por Arte, Educação e Interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Darlene Queiroz dos Santos. A História do Ensino da Arte no Brasil: tendências e concepções. **Revista de Magistro de Filosofia**, Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, Ano IX, no. 20, p. 107-118, 2016/2. Disponível em: http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2016/09/a-hist%C3%B3ria-do-ensino-da-arte-no-brasil-tend%C3%AAncias-e-concep%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil.** 7ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **Ana Mae Informa: Políticas Públicas Para o Ensino da Arte no Brasil.** Disponível em: http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002791825.pdf. Acesso em 03 mar.2021.

BARBOSA, Ana Mae. O ensino da arte constantemente, interrompido. *In*. CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL. **Anais eletrônicos [...].** Roraima, XXVI, 2016. Disponível em: https://faeb.com.br/confaeb/anais-confaeb-2016/. Acesso em: 1 abr. 2021.

BARBOSA, A. M; COUTINHO, R. G. Ensino da Arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos. **UNESP/Redefor** - 2a Edição 2011/2012 Especialização em Arte. São Paulo, Módulo I, Disciplina 02, p. 1-64, 2011. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** A etapa do ensino médio: versão 3, Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 29 mar. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação, (2000). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Brasília, MEC/SEF.

CALDAS, F. R., HOLZER, D. C., POPI, J. A. A interdisciplinaridade em arte: algumas considerações, **Revista Nupeart**, Santa Catarina, v.17, pp. 161-171, 2017.

COC by Pearson. **BNCC - dúvidas frequentes.** Disponível em: https://www.coc.com.br/escola/bncc/faq/. Acesso em 29 abr. 2021.

CUNHA, Daiane Solange Stoeberl da; LIMA, Sonia Albano R. de. O ensino de arte para a educação básica à luz dos ordenamentos vigentes: paradoxos em análise. **Revista Tulha.** Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, pp. 78 – 109, jan.-jun. 2020.

Educa Mais Brasil. **Bandeirantes. Saíam em expedições pelo território brasileiro buscando riquezas e escravos;** [S.I.]; 22/12/2020; https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/bandeirantes. Acesso em: 29 mar. 2021.

Educa Mais Brasil. **Neoclassicismo. Arquiteturas, Literaturas e Pinturas**; [S.I.]; 07/12/2018; https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/neoclassicismo. Acesso em: 29 mar.2021.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Revista do Centro de Educação e Letras.** Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 93- 103, 1 º sem. 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **A integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GOMES, Karina Barra; NOGUEIRA, Sonia Martins de Almeida. Ensino da Arte na escola pública e aspectos da política educacional: contexto e perspectivas. **Ensaio:** aval.pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 583-596, out./dez. 2008

GUIMARÃES, L; PEREIRA, V. O. **História do Ensino das Artes Visuais no Brasil.** In: GUIMARÃES, L. M. D. B, (Org.). Licenciatura em artes visuais: percurso 2 [Ebook]. Goiânia: Gráfica da UFG, 2010. Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/index.html#percurso2.html. Acesso em: 28 fev. 2021.

IAVELBERB, Rosa. **A Base Nacional Curricular Comum e a formação dos professores de arte.** Horizontes, v. 36, n. 1, p. 74-84, jan./abr. 2018.

Jesuítas no Brasil. Brasil Escola. 7min10s. Disponível em: https://youtu.be/Jf8cphxETG0. Acesso em 13 mar. 2021.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 4024. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm. Acesso em: 04 mar. 2021

LDB - Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 5692. 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 04 mar. 2021

LDB - Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9394. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 05 mar. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo, Editora Cortez, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade.** São Paulo**,** ano XX, n. 68, dezembro/99.

MEC – Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/9#:~:text=%C3%89%20aprovada%20a%20Lei%20de,comum%20para%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica. Acesso em: 26 mar. 2021.

PAR Plataforma Educacional - Itinerários Formativos do Ensino Médio: O Que São? Disponível em: https://www.somospar.com.br/itinerarios-formativos-do-ensino-medio-o-que-sao/. Acesso em 29 abr. 2021.

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental, 1º ao 5º ano. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf. Acesso em: 11 mar. 2021.

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

PCNEM- Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf. Acesso em: 13 mar. 2 021.

PERES, José Roberto Pereira. **Questões Atuais do Ensino de Arte no Brasil: O Lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular**. 2015. Fortaleza. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/1163-2512-1-SM%20(1).pdf. Acesso em 04 mar. 2021.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa e MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. Docência em Arte no contexto da BNCC: É preciso reinventar o ensino/aprendizagem. **Revista GEARTE.** Porto Alegre, v. 5, n. 2, p.220-231, maio/ago.2018.

PNFEM- Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio. Disponível em: http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=41&Itemid=116. Acesso em: 27 mar. 2021.

PNE – Programa Nacional de Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 23 mar. 2021.

PNE – Programa Nacional de Educação. 20 Metas PNE. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

QUEIROZ, Cecília; MOITA, Filomena. Fundamentos sócio-filosóficos da educação. As tendências pedagógicas e seus pressupostos. **UEPB/UFRN**, Campina Grande, 2007. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/fundamentos_socio_filosoficos_da_educacao/Fasciculo_09.pdf. Acesso em 25 mar. 2021.

Revista Nova Escola. **Novo Ensino Médio: como preparar os alunos para escolher os itinerários formativos.** Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/18760/novo-ensino-medio-como-preparar-os-alunos-para-escolher-itinerarios-formativos. Acesso em 29 abr. 2021.

RIZOLLI, M., MARTINS, M. C. F. D., MELLO, R. L.S. Arte e interdisciplinaridade: um convite à partilha. Rio de Janeiro, 2012, pp. 784-797. In: Anais da ANPAP. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/marcos_rizolli_regina_lara_e_mirian_celeste.pdf

SAE Digital - **Itinerários Formativos do Ensino Médio.** Disponível em: https://sae.digital/itinerarios-formativos-do-ensino-medio/#:~:text=A%20carga%20hor%C3%A1ria%20do%20Ensino,e%20as%20inten%C3%A7%C3%B5es%20de%20carreira. Acesso em 29 abr. 2021.

SILVA, Ivete Souza da; BAPTALGLIN, Leila Adriana. Políticas públicas e o ensino de artes: o contexto de formação e atuação docente em Roraima. **Diálogos:** Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História, Maringá, v. 19, n .2, pp. 849-870, 2015.

VILARINHO, Fabrícia. **Entrevista com Ana Mae Barbosa.** 26 de out. 2020. (54m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=o0S5pqG-O50.Acesso em 01 mar. 2021.

WEBSTER, Maria Helena. **Leitura crítica: Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Componente Curricular: Arte.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/Parecer_4_AR_Maria_Helena_Webster.pdf. Acesso em: 02 mar. 2021.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS PROFESSORES DE ARTE

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD
Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que **seguem. Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Victor Tufani Nunes
- **Formação acadêmica:** Professor de Artes Visuais (IART/UERJ), mestrando em Artes Visuais (PPGARTES/UERJ), estudante da pós-graduação em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais (PROPGPEC/Colégio Pedro II)
- **Idade:**30
- **Telefone:** 99739-1315
- **E-mail:** victortufani@gmail.com

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

Desde 2016, com interrupções.

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

6º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental.

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim.

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Há diversos pontos de discordância e concordância. O texto da BNCC em geral é propositivo e sua aplicação em âmbito nacional poderia contribuir muito para o ensino de Artes, porém a realidade de muitas escolas públicas e privadas fica muito aquém do que é proposto, e o texto não contempla meios objetivos de realização das demandas.

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Desde que não haja prejuízo para a formação geral básica, que já contempla os conteúdos curriculares em Artes (Artes visuais, dança, música, teatro), e que esta não seja substituída pelo currículo flexível, os itinerários formativos podem contribuir para o ensino de artes, inclusive aproximando o estudante das diversas categorias e linguagens produzidas no artesanato, design etc.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

É fundamental. Sem uma abordagem interdisciplinar torna-se inviável a compreensão crítica e problematizadora das diversas questões suscitadas durante o ensino e aprendizagem das artes.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim, em parceria com professores de história e geografia.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

Uma das maiores dificuldades está ligada à reputação das artes no contexto escolar. Há dificuldade de muitos arte-educadores em compreender que nossa disciplina deve, antes de tudo, ser útil à formação integral dos estudantes, e não um tema apartado das demais questões sociais e científicas; e, em contrapartida, também há muito

preconceito dos educadores de demais áreas, que enxergam o ensino de artes como mera recreação ou um saber de menor importância.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Creio que a solução para essas questões esteja fundamentalmente ligada à formação de professores. Há, em geral, poucas oportunidades de intercâmbio e trabalho conjunto entre as diferentes disciplinas ao longo da formação acadêmica, e essa deficiência na formação acaba sendo carregada para a atividade profissional.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Um bom esclarecimento a respeito da necessidade da formação interdisciplinar e integral, aliado ao domínio de temas interdisciplinares (no campo político, científico, social etc.) pelo arte-educador, pode sem dúvida contribuir para concretizar as disposições da BNCC a respeito do ensino de artes como prática social, criativa e criticizante, em vez de mera aquisição de técnicas e códigos de linguagem.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

É preciso que os arte-educadores se dediquem a compreender, da melhor forma possível, o papel fundamental que exercem na formação de cidadãos críticos e capazes de apreciar, fruir e criticar as imagens, códigos e manifestações à sua volta. Isso só será possível através de uma formação e atividade politicamente engajadas, que tenha como objetivo maior a emancipação de cada estudante em formação e a sustentação de uma sociedade verdadeiramente democrática. Nossa tarefa imediata, para que esse objetivo seja atingido, é superar a anemia política, a superficialidade do debate, a alienação e o espontaneísmo vazio de conteúdo, irrefletido, que se abatem sobre grande parte dos educadores em formação e atividade hoje.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas***". O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. Certamente **sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Rosa Pires Fernandes
- **Formação acadêmica:** Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas, com especialização em Libras e Arte Intermidiática Digital.
- **Idade:** 44
- **Telefone:** (61) 98530-0498
- **E-mail:** rosapiresfernandes@hotmail.com

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

Este ano completo 25 anos lecionando artes em escola pública como efetivo e contrato temporário. Em escola particular acredito que trabalhei uns 5 anos, conciliando neste mesmo período com a escola pública.

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Na rede particular passei um ano com alunos entre 2 a 9 anos.
Em outra rede particular tive a oportunidade de trabalhar por 4 anos com o ensino médio. E na rede pública trabalhei com alunos do ensino fundamental II e ensino médio.

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?
Sim, trata-se de um documento que norteia os conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas em todas as séries das escolas do país, unificando a forma de aprendizagem em todo país.

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Não concordo, pois nosso país tem uma extensão territorial continental, além de ser bastante eclético. Muitas vezes essa proposição do conteúdo desmerece a cultura local em prol de outros de regiões e países diferentes. Acredito que toda forma de arte é válida, mas é muito mais acolhedor quando se parte da realidade do aluno para o entendimento do macro. Faz parte do nosso processo de aculturação a supervalorização do que vem de fora, em desmerecimento do que faz parte da nossa região.

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

O ensino da Arte sofreu uma reestruturação, tendo uma redução considerável na sua carga horária. Sendo o ensino como está, não achei ruim não. Mas em vez de reduzir a carga horária deveria haver professores de várias linguagens para que o aluno optasse por aquela que tivesse mais afinidade e desenvolvesse habilidades que fizesse mais sentido à sua vida profissional e social como as disciplinas de dança, teatro, artes visuais e música. Mas que esses componentes não fossem direcionados à aprovação no ENEM e vestibular como é hoje. Deveria considerar tanto a parte prática quanto teórica.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Acho maravilhosa a oportunidade de se trabalhar de forma interdisciplinar, visto que hoje os conteúdos não são isolados. Numa peça de teatro, por exemplo você pode trabalhar literatura, composição visual, física e elétrica na iluminação e som, química nas maquiagens e mesmo matemática, produção, dentre outras coisas. Num texto jornalístico hoje você abrange numa mesma matéria história, filosofia, estatística, política! O problema da interdisciplinaridade da Arte nas escolas é que tem sendo entendido como mera decoração ou suporte para realização de outras matérias tidas como mais importantes. Aí o professor de Arte fica com as encenações das datas comemorativas para os pais, fazer lembrancinhas e ensaiar as danças nas festas juninas e o pior de todos os mal entendido é achar que nossa função é fazer mural e encapar os livros didáticos.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Muitas vezes e com praticamente todas as disciplinas. Mas só aceito o desafio quando há um projeto escrito que justifique a participação, objetivos e adequação curricular. Caso contrário, não tenho o menor problema em dizer não.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

Falta de um projeto e objetivo pré-determinado. Desmerecimento de algumas disciplinas em relação à outras e o entendimento que trabalhar de forma interdisciplinar é juntar todos os professores para decorar a escola para uma festa para os pais e alunos quebrar a rotina monótona da escola. Evento sem finalidade pedagógica alguma e é o que mais tem hoje, infelizmente.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Já faço há algum tempo. Gosto de trabalhar com uma pedagogia de projetos.Escrevo, apresento à coordenação e direção. Após aprovação tenho um respaldo legal e apresento aos colegas. Ninguém é obrigado a participar, mas quem se prontificar já sabe que irá trabalhar muito e terá que reformular suas aulas. Normalmente gosto de envolver a escola toda, então o projeto acontece todo o ano ea culminância é no final do ano.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Na minha opinião, deixando de existir! Cada Estado deveria ter sua autonomia e respeitar sua própria necessidade, demanda e mesmo calendário. Em Brasília mesmo não deveria ter aula no mês de agosto e não o recesso de julho. A umidade do ar chega a 8 e 12% e muitos alunos passam mal nas salas. É impossível ocorrerem as aulas de educação física, por exemplo. E em outros lugares onde ocorre festivais importantes como em Goiás Velho, período de colheitas e mesmo atividades religiosas. Há locais que os alunos correm risco de vida com a cheia dos rios, mas tem que ir para escola porque o calendário é o mesmo, imagina o conteúdo. Nesta pandemia mesmo houve momentos em que tinha que falar do período Barroco, tendo famílias desempregadas, alunos sem acesso à internet, famílias dilaceradas e professores doentes. Qual o sentido disso? Deveria haver maior liberdade para cada lugar e comunidade estruturar seus conteúdos de acordo com a demanda e clientela local.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Sou adepta do homescholling, já aprovado aqui na minha cidade. Educação não é somente obrigação do Estado, mas de toda sociedade e principalmente da família. Acho o cúmulo ter que chamar atenção dos alunos por jogarem lixo no chão tendo uma lixeira enorme na sala. Há muito o que mudar na educação, espero que esta pandemia sirva para que possamos refletir sobre novas formas de aprender e ensinar.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD
Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas***". O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. Certamente **sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Jandir Leite Moreira
- **Formação acadêmica:** Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas - UFRJ
- **Idade:**49 anos
- **Telefone:** 99191-4564
- **E-mail:** jandirleite.m@gmail.com

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

Há 3 anos leciono. Parte foi em escola pública, porém a maior parte em escolas privadas.

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Nos 3 segmentos: Fundamental 1 e 2 e Ensino Médio.

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim.

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Eu concordo em partes. O documento apresentado oferece possíveis caminhos para o fortalecimento do caráter ético-político-estético, porém de forma ainda bem geral.

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Acredito que sim, mas é preciso definir bem esses itinerários, buscar caminhos que dialoguem com o dia a dia dos jovens. Porque quando a arte é apresentada como fazendo parte da vida deles, o interesse é maior em aprender ou desenvolver práticas artísticas.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Acho bem interessante porque mostra que a Arte não é algo que está isolado, que ela perpassa e se relaciona com vários campos do conhecimento.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Pelo tempo ofertado pelas escolas para as aulas de artes, não dá para fazer muita coisa. Geralmente o que faço é aproveitar os tempos de culminâncias temáticas da escola e desenvolvo salas temáticas envolvendo algumas disciplinas: Biologia, Matemática, etc.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

Várias: falta de uma formação mais especializada dos professores, falta de incentivo, até mesmo financeiro, porque, ganhando mal, o professor se limita muito a fazer o básico. Faltas de recursos, os tempos reduzidos de aulas, etc.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

O documento deveria trazer uma força de lei, garantindo o funcionamento pleno do processo de aprendizado e desenvolvimento dos alunos, bem como trazer de alguma forma, algo que facilitasse a vida dos professores, com recursos diversos.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

A BNCC contribui não só pela interdisciplinaridade curricular, mas sobretudo, porque ela valoriza o ensino de Artes ao traçar um histórico da luta pela presença da Arte como disciplina nos currículos da Educação Básica brasileira.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Não.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas***". O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. Certamente **sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Kelly Kremer
- **Formação acadêmica:** superior lic. educação artística. Artes Plásticas UFRJ
- **Idade:** 38
- **Telefone:** 987258111
- **E-mail:** Kelly.kremer@hotmail.com

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

10 anos. Artes Visuais na escola pública

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

6° ao 9° ano do ensino fundamental

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Não. Pois nos deixa muito engessados ao conteúdo

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Não contribui em nada. Pois a arte está sendo extinguida para nosso povo não pensar e não criticar. Quanto mais mão de obra mais pessoas não pensantes e os governantes terão várias marionetes para mandar e desmandar.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Acho interessante.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim nos projetos da escola onde trabalho. Biologia, história, matemática, português e inglês.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

A dificuldade de Professores de se planejar e sair do seu mundo.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Professores que amem sua profissão e se entregue mais ao novo. As novas tecnologias.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

O que foi melhor desenvolvido na bncc foi um currículo nacional. Onde todos os alunos do país inteiro ira ter o mesmo conteúdo.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

A bncc foi formulada por grande maioria de entidades privadas. Onde a realidade deles não é a mesma que a pública.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas***". O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Renata Vieira Pareto
- **Formação acadêmica:** Licenciatura em Artes Visuais
- **Idade:** 42
- **Telefone:** 976404904
- **E-mail:** vieirapareto@gmail.com

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

10 anos

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Fundamental I e II

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Em termos gerais eu concordo. Primeiro porque amplia o conhecimento onde Artes não fica restrita a só artes visuais, ou música, teatro etc. Podemos englobar as diferentes linguagens. Mas acho que o Brasil é muito extenso e ditar uma regra geral não sei se funciona muito bem.

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

---

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Vejo como fundamental o trabalho com outras disciplinas. É um meio de tirar a disciplina arte do lugar de tapa buracos e mostrar aos alunos e a outros que a arte está em todo lugar.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim. Ciências, história e geografia

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

Acho que é ainda ver alguns professores pedirem ajuda somente com relação a parte pratica da arte. EX: maquete...

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Mudar o pensamento das pessoas é muito dificil, mas tem que ser feito aos poucos no dia a dia. É sentar com esses professores e mostrar que podemos falar sim, que nosso trabalho também é pautado em objetivos, habilidades etc.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos

Com relação a disciplina artes é muito bom poder fazer um mix com outras linguagens e com relação as outras disciplinas o professor formado em artes meio que já faz

quando mostra uma imagem ele fala da história, do contexto mas agora pode trabalhar mais a fundo com ajuda de outras disciplinas.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Só fico encomodada com a intensão de preparar o jovem para o mercado do trabalho com alvo claro para a mão de obra e as questões de acesso de materiais, pois parece que podemos colocar o ensino púplico de igual patamar ao ensino particular ou mesmo as públicas que dependendo da região são tão diferentes em questão de investimento, pessoal etc.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Eliara S. Martins
- **Formação acadêmica:** Licenciatura em Artes Plásticas
- **Idade:** 42
- **Telefone:** 62 96394719
- **E-mail:** eliaramartins@yahoo.com.br

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

Eu já lecionei como professora de Arte em escola privada por pouco tempo, cerca de 3 anos. Na escola pública é que leciono há bastante tempo, há quase 20 anos.

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Já lecionei alguns anos nas séries iniciais do Ensino Fundamental e, atualmente leciono nas séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Concordo em parte, pois a proposta para o ensino de Arte, segundo a BNCC, é proporcionar aos educandos a Arte nas 4 linguagens artísticas – Dança, Artes Visuais, Teatro, Música e Artes Integradas. Todas essas linguagens são de extrema importância na formação integral do ser humano. Porém, os profissionais licenciados têm até então - segundo conhecimentos que obtive a respeito desta proposta - apenas formação específica em uma dessas linguagens. Outro aspecto, é a falta de estrutura e desvalorização que cada uma dessas linguagens enfrenta na Educação, e que têm tanto a oferecer um ensino de qualidade para nossos educandos.

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Eu penso que não contribui para o ensino de Arte, pois acho que os alunos do Ensino Médio ainda não têm maturidade suficiente para escolher e se aprofundar somente nas áreas ou disciplinas que lhe despertem interesse. Acho que todas as áreas de conhecimento são de extrema importância para o currículo e formação no Ensino Médio. Se a componente Arte, já é desvalorizada também no Ensino Médio pelas instituições e até mesmo pelos alunos, penso que haverá retrocesso através da formação de itinerários.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Eu acho muito bom, pois a Arte tem esta flexibilidade para trabalhar sobre vários conteúdos e demais componentes, enriquecendo ainda mais a formação integral do educando em várias áreas de conhecimento. Porém, há que valorizar também o componente Arte em sua essência, intensificando o seu espaço como componente curricular.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim, por várias vezes, principalmente em atividades relacionadas a projetos desenvolvidos na instituição escolar. Já trabalhei com componentes de Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, praticamente todas os componentes.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

Percebo que se necessita de maior valorização e seriedade quanto aos benefícios que a Arte favorece ao aprendizado de forma geral. Infelizmente, ainda existem muitas escolas, que acabam criando obstáculos para tal realização. Há alguns anos atrás, já trabalhei em instituições que resistiram em trabalhar de forma interdisciplinar, e até mesmo partindo de colegas de profissão, achando que Arte se restringe apenas a aulas de desenho, sem grande importância, não valorizando a mesma como um componente curricular.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Maior seriedade e valorização do componente Arte nas instituições, reconhecendo os infinitos benefícios, através de diversas formas e métodos exercidos pela mesma, para a melhoria do ensino na Educação.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Justamente ampliando conhecimentos com a inclusão das linguagens propostas pela BNCC, através das Artes Visuais, da Dança, da Música, do Teatro e das Artes Integradas, dando espaço também aos profissionais específicos de cada linguagem.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Gostaria de novamente enfatizar o quanto a Arte contribui para a formação integral dos educandos, o quanto permite o desenvolvimento e habilidades que lhe serão úteis não só na sua vida estudantil, mas também na sua vida como um todo. Ao longo desses quase 20 anos lecionando esta disciplina tão importante, vejo o quanto ainda precisamos que seja valorizada e respeitada por todos, na instituição escolar, por parte dos alunos, dos pais e da sociedade em geral. O caminho é longo e difícil, mas o fato de ter a convicção do quanto a Arte contribui, há que esforçarmos para que futuramente isto se torne realmente possível.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG

Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Flávia Sobrosa Machado

- **Formação acadêmica:** Pós graduada em Educação Artística _ Habilitação Música
- **Idade:** 56 anos
- **Telefone:** (62) 983109961
- **E-mail:** flavia.sobrosa@hotmail.com

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

Desde 1993, ou seja, há 28 anos.

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Do maternal até a 8ª série.

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim.

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Concordo parcialmente, pois existem lacunas entre os objetivos e os conteúdos relacionados a eles.

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Não tenho opinião formada a este respeito, pois não li sobre o assunto e nunca trabalhei no Ensino Médio.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Interessante e importante.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim. Com Português, Matemática (tudo a ver com música), Inglês, Ciências, História, Geografia e Educação Física.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

Nenhuma.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Eu não encontrei dificuldade para o ensino interdisciplinar de Arte nas escolas. A única dificuldade que vejo no ensino de Arte nas escolas é que nos formamos em uma especialidade, não somos polivalentes, como muitas escolas querem que sejamos. Eu trabalho um pouco das áreas de Visuais e Teatro por vontade e estudos próprios, mas, apesar de saber dançar, não me aventuro a sair dando aulas práticas de Dança.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Penso que deve ser reavaliada e discutida.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Não.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG

Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Rubens Alves Costa Júnior

- **Formação acadêmica:** Licenciatura em Artes Visuais e Pedagogia
- **Idade:** 42 anos
- **Telefone:** 62 999011279
- **E-mail:** professorrjunior@yahoo.com.br

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

18 anos

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Da Educação Infantil ao Ensino Superior

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Sim, acredito que se bem aplicado teremos avanços na educação brasileira

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Talvez, pois em alguns itinerários poderemos aprofundar em conceitos que tratamos de modo elementar nas disciplinas regulares.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Fundamental, pois todos os componentes curriculares se trabalhados de modo interdisciplinar promovem uma educação mais efetiva.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim – quimica, matemática, língua portuguesa entre outras

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

Falta de desejo da equipe docente. Tempos escolares rígidos. Estrutura física ou falta de apoio dos gestores (direção e coordenação)

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Diálogo. Coragem. Sensibilização dos “personagens” envolvidos.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Talvez, principalmente por conta dos apontamentos proposto no documento e das mudanças nos processos de avaliação (ENEM entre outros).

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Não.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG

Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Cláudio Dutra

- **Formação acadêmica:** Licenciatura em Artes visuais UFG, Especialização em Ensino de artes, Mestrado em Arte e cultura visual UFG
- **Idade:** 51 anos
- **Telefone:** 62 99387 0337
- **E-mail:** cgeralbdhq@gmail.com

1. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

Em escola da rede estadual,11 anos. Em escola de artes municipal de ensino não regular, desde 1995.

2. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Ensino médio e fase final do ensino fundamental.

3. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

---

4. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Com relação ao ensino de Arte não polivalente, isso é, o ensino de Arte que seja de acordo com a formação do professor, acho bastante válido. Pois não seria um ensino de forma autêntica se o professor tivesse a obrigação de lecionar fora da sua área de atuação. Com relação ao conteúdo, atualmente está havendo uma grande quantidade de temas postos aleatoriamente, sem muito objetivo. A prova disso é que quando vemos os livros que nos mandam para escolher, cada um tem um conteúdo bem diferente. Deveriam ater-se mais à História da Arte e à Teoria da imagem, como fios condutores. História da arte mais voltada para os princípios estéticos do que da História em si.

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

É algo novo para eu ter alguma conclusão, mas acredito que, devido a ampla gama de possibilidade de trabalhos que pode ser desenvolvidos, é algo que venha a melhorar o ensino de Arte.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

É algo bom no sentido de haver uma conexão entre a teoria e a prática, uma ponte maior entre a leitura da obra de arte, contextualizar e o fazer. Um componente curricular potencializa o desenvolvimento do outro.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim, com a Filosofia, Biologia, Língua portuguesa e Matemática.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

O principal problema, consiste na adequação de uma matéria de uma disciplina com a de outra disciplina. Além disso, há o problema de, na maioria das vezes, ter que interromper a sequência programada das matérias.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

É algo difícil. Teria que haver uma sincronização das matérias trabalhadas interdisciplinarmente, sem que houvesse qualquer coisa que venha atrapalhar ou interromper a sequência progressiva dos conteúdos previstos em cada disciplina.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Sobretudo na orientação de como se deve fazer essa interdisciplinaridade. Pois tem havido o uso de uma disciplina apenas como forma de apoio de outra, e isso não caracteriza, necessariamente, interdisciplinaridade.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Acredito que o problema da educação brasileira tenha sido deixado de lado, como sempre. Isso é um problema de políticas públicas. A forma de dar notas e avaliar os alunos, por exemplo, é uma delas. Não condiz muito com a realidade. Basta ver como são feitas nas maiorias das escolas particulares e no mercado de trabalho. Lá não existe pressão para que o aluno seja aprovado. Fiquei sabendo de aluno que chegou a faltar uma, duas semanas, aparecia na escola um dia e faltava outro tanto e que, ao final do ano, foi aprovado. Assim nunca vão levar os estudos a sério. Já para cima do professor, uma avalanche de trabalho e responsabilidades, na maioria das vezes desconectadas da realidade.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG

Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor: Maria Cristina Medeiros de Paiva**
- **Formação acadêmica: Letras Português\ Espanhol**
- **Idade:42**
- **Telefone: 062 991062007**
- **E-mail: mariacristinaeducadorapaiva@hotmail.com**

2. **Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?**

Estou somente há 03 meses ministrando aulas de arte na escola pública

3. **Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?**

Estou com o Ensino Médio em todos os anos.

4. **Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?**

Sim, todas as nossas aulas são planejadas tendo a BNCC como um norteador.

5. **Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?**

Sim, pois os temas e conteúdos vão de encontro as necessidades dos alunos em terem uma maior conhecimento quanto ao que se refere a linguagem e as características artísticas de cada conteúdo. E principalmente indo de encontro com outras disciplinas da área de linguagem.

6. **Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?**

Depende da forma como as escolas trabalharão os itinerários, já que elas terão autonomia para escolher.

7. **O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?**

Acho fantástica! No ano passado eu estava trabalhando com o 2º ano do médio como professora de língua portuguesa que é minha formação e tive a oportunidade de fazer com o colega de arte essa ponte no conteúdo do Romantismo. Foi muito bom e os alunos gostaram.

8. **Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?**

Foi respondido na pergunta anterior

9. **No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?**

Tudo irá depender da disposição dos professores e principalmente do incentivo e apoio da coordenação. Como por exemplo viabilizar horários para que aulas conjuntas possam acontecer.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Foi respondido na pergunta anterior

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Sinceramente acredito que nosso país deveria acabar com a questão da disciplina e trabalhar em sala de aula as áreas assim como na teoria. Professores atuando juntos em sala de aula, fazendo a interdisciplinaridade de verdade.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

A BNCC é de fato um referencial do qual nós professores precisamos, mas temos que colocar em prática de verdade e para isso precisamos cada vez mais de professores capacitados. O fato de estar ministrando Arte sem ter formação me incomoda mas fui obrigada devida há várias circunstâncias que ocorrem principalmente na esfera pública, tendo em vista que trabalhei 15 anos em escolas particulares e isso não acontecia. É preciso investir de fato em uma educação pública de excelência. O simples fato de responder a esse questionário já é algo positivo para mim e para a Universidade que precisa saber como está a realidade do ensino. Agradeço desde já e espero ter ajudado a contribuir com algo que acredito tanto que é o poder transformador de uma educação de qualidade.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG

Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. **IDENTIFICAÇÃO**

- **Nome do professor:** Tamires kutzki
- **Formação acadêmica:** FORMADA EM ARTES VISUAIS, PELA UNIASSELVI
- **Idade:** 29 ANOS
- **Telefone:** (47) 99709-4411
- **E-mail:** tamireskutzki@gmail.com

2. **Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?**

TRES ANOS, SEMPRE EM ESCOLA PUBLICA

3. **Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?**

De creche a ensino medio

4. **Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?**

SIM

5. **Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?**

SIM, EU CONCORDO, POIS, ACHO A BASE BEM COMPLETA

6. **Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?**

Acredito que não pois nem todos os alunos dão tanto valor a artes já que ela não costuma ser muito valorizada no mercado de trabalho

7. **O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?**

ACHO BOM, POR QUE OS PROFESSORES SEMPRE DEVEM TRABALHAR EM CONJUNTO

8. **Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?**

SIM, EM EDUCAÇÃO FÍSICA, TRABALHAMOS DANÇA E COREOGRAFIAS

9. **No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?**

NEM TODOS OS PROFESSORES GOSTAM DE TRABALHAR EM EQUIPE

10. **O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?**

A UNIÃO DOS PROFESSORES, TRABALHANDO SEMPRE PELO BEM MAIOR, A EDUCAÇÃO

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Valdson Ramos Pereira
- **Formação acadêmica:** Artes Visuais - Licenciatura
- **Idade:** 48
- **Telefone:** 62 999575232

- **E-mail:** valdsonramos@gmail.com

Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

10 anos.

2. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Ensino fundamental e médio.

3. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim.

4. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Não. Tirou a arte de um patamar de área de conhecimento e a colocou como uma linguagem.

5. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

---

6. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

É necessária, tendo em vista que a arte está introduzida em toda área de conhecimento.

7. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim. Geografia, ensino religioso e português.

8. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

São o ponto de vista de alguns professores e coordenadores que percebe a arte como inferior a outras componentes, entendendo que seu papel sempre será de coadjuvante.

9. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Compreender a componente Arte como uma disciplina tão importante quanto às demais, para o conhecimento humano, que contribui para o aprendizado de todas as outras componentes. Como afirma a formadora e professora de arte Marisa Szpigel: “Os alunos também precisam aprender sobre generosidade, amor, poesia, algo que só é traduzido pela arte. As artes ajudam a sensibilizar as pessoas”.

10. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

O Ensino de arte só poderia ser melhorado, enriquecido, ampliado, valorizado (...) se houvesse interesse em conservar e ampliar o número de aulas de arte tanto no ensino fundamental como no médio. Não adianta o professor de arte trabalhar incansavelmente na preparação de conteúdos, obedecendo às propostas de todas as "SIGLAS" burocráticas e ter que sair mendigando aulas de colégio em colégio e muitas vezes assumindo outras disciplinas para completar sua carga horária.

11. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Sim. É muito bonita a proposta apresentada pela BNCC, inclusive aquela parte onde **"**prevê atenção especial ao processo criativo e sensível, mais do que ao resultado das atividades na aula de Arte". É claro que desde quando eu entrei na sala de aula pela primeira vez com a intenção de ensinar, já previ isso também e ainda o faço dentro das possibilidades. Creio que qualquer professor de bom senso também prevê isso. Mas seria muita ingenuidade da minha parte se não visse como utopia essa bela proposta, já que sou um agente prático dentro da realidade. Realidade essa que está longe de apresentar uma fórmula onde consigo estimular a criatividade e ativar a sensibilidade de quarenta alunos numa sala de aula sem nenhuma estrutura física apropriada num prazo de 45 minutos por semana.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas***". O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Vitor Pavan
- **Formação acadêmica:** bacharel em Artes (UFPEL)
- **Idade:**27
- **Telefone:** 19997512225
- **E-mail:** vitor.pavan@hotmail.com

2. **Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?**

2 anos

3. **Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?**

Do sexto ano até o terceiro ano do ensino médio

4. **Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?**

Sim, mas não estudei tanto, uma vez que sou Bacharel em Artes, mas quando comecei a dar aulas, busquei a BNCC e a li.

5. **Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?**

Vou concordar que a BNCC é importante para o currículo das artes, mas acredito que seguir somente ela é um problema curricular de muitas escolas. Eu trabalhei em escolas do Campo, na área rural do Paraná, nesse ambiente, os conceitos e a forma de aprendizagem proposta pela BNCC nem sempre dão conta da realidade local. Acredito que mesmo em escolas urbanas de forma geral, o currículo deve ser adaptado tendo a BNCC como orientação, mas não como modelo definitivo.

6. **Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?**

Não tenho opinião ainda sobre essa proposta.

7. **O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?**

Eu acho esse um dos pontos mais cruciais do ensino das Artes e talvez um dos menos aproveitados devido a própria dificuldade do ensino segmentado por disciplinas e da burocracia escolar e curricular. As artes se relacionam de muitas maneiras com todas as disciplinas, mas isso é pouco aproveitado, em minha opinião pelas dificuldades acima citadas, e também pela formação dos professores, que não são preparados para atuarem em conjunto com outros professores em outras áreas de maneira mais interdisciplinar.

8. **Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?**

Já, geografia, história, filosofia, ciências e língua portuguesa**.**

9. **No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?**

Falta de formação e interesse dos professores em se conversarem e preparem materiais e discutirem o que estão ensinando, pois isso gera mais trabalho de forma geral. Falta do uso da possibilidade da docência compartilhada, onde dois professores dão aulas juntos**.**

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Acredito que não se atar a preocupação conteudista ajudaria a abrir espaço para maior experimentação por parte dos professores. Acredito que talvez mesmo dentro do currículo possa ser criado um espaço interdisciplinar de projetos, no qual os alunos conduzam projetos de aprendizagem diversos, onde todos os conteúdos podiam se relacionar e professores poderiam fazer a tutela conforme a temática do projeto.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Não tenho opinião ainda sobre essa proposta.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Não

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas****".* O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Janieire Rodrigues Rosa Biano
- **Formação acadêmica:** Licenciatura em Artes Visuais
- **Idade:** 44
- **Telefone:** 993227468

- **E-mail:** rosajanedesign@gmail.com

Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

Leciono desde 2013, mas como professora de artes desde 2015.

2. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

Do 4 ano ao ensino médio.

3. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim. Aliás, os planos de aulas devem conter os códigos retirados da BNCC. Os objetos de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas nas aulas, são retirados da matriz curricular estruturante. Essa matriz contém as aprendizagens essenciais de cada componente curricular para cada ano escolar.

4. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

A BNCC, propõe o ensino de arte, tendo os educandos como protagonistas em suas aprendizagens, os objetos de conhecimento/conteúdo são as próprias linguagens artísticas com suas especificidades: – Arte/Artes Visuais – materialidades, elementos da linguagem, matrizes estéticas e culturais, contextos e práticas, processos de criação e sistemas da linguagem (espaços e atuações). – Arte/Dança – elementos da linguagem, processos de criação-GO, materialidades e contextos e práticas. – Arte/Música – materialidades, processos de criação, elementos da linguagem, contextos e práticas, notação e registro musical. – Arte/Teatro – contextos e práticas, elementos da linguagem, processos de criação-GO, matrizes estéticas e culturais-GO, materialidades-GO e sistemas da linguagem. As habilidades do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, permitem circulação do currículo, produzindo uma ordem dos conteúdos a serem repassados. O bom disso tudo, é que ainda que o estudante mude de escola, não ficará “atrasado”, pois, o corte temporal será aplicado em todas as unidades educacionais.

5. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Atualmente não estou lecionando no ensino médio, portanto não estou vivendo essa realidade. Mas, acho importante para o jovem aprender uma profissão, integrada com a escola formal. Como já é no SENAI e em outras escolas. Eles devem escolher os cursos, para ser melhores aproveitadas as habilidades.

6. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

O componente Arte dialoga entre as quatro linguagens artísticas, respeitando o movimento de integração entre os componentes da área de linguagens e os demais componentes que compõem o currículo do Ensino Fundamental. Atividades colaborativas entre arte e outras disciplinas são ótimas, muito diferenciadas, complementares e complexas. Deveriam ser realizadas em parcerias entre

professores, e apenas acrescentar o código dos objetos de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas nas aulas.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Já trabalhei com projetos interdisciplinares com professores das disciplinas de ciências, português, matemática, educação física, geografia e história. Gosto de aproveitar algumas atividades do teatro, pois fiz alguns cursos na ciranda da arte. Os demais componentes de arte, não tenho aptidão. Acho que todas as disciplinas dialogam.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

Percebi que vários professores aplicam atividades artísticas sem contextualizarem, vi até mesmo darem só um desenho para pintar. Não consultam o professor de artes quanto ao conteúdo, quando poderiam sentarem juntos e fazerem um plano integrado de disciplinas (interdisciplinar). No meu ponto de vista há certa distorção ou não interpretação da proposta da BNCC, que ressalta a importância dos professores e alunos explorarem suas habilidades, e não aos docentes atuarem fora de sua área de formação.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Planejamento coletivo entre professores para desenvolvimento de atividades interdisciplinares. Explicação da importância da aplicação de aulas interdisciplinares aos professores e alunos. Liberdade ao discente em transitar entre os cortes temporais da matriz curricular.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Acho que contribui através dos códigos, podemos fazer analogias entre o trabalho dos colegas e o nosso, funciona como um mapa para a construção dos currículos escolares. O documento diz respeito aos conteúdos que devem ser apreendidos.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Não.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas***". O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Marival Gonçalves Junior
- **Formação acadêmica:** Artes Visuais Licenciatura
- **Idade:** 40
- **Telefone:** (62) 981382328
- **E-mail:** junioraris@hotmail.com

2. **Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?**

Na escola pública, leciono há 15 anos, e na escola privada lecionai 11 anos.

3. **Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?**

Do 6º ano até a 3ª série do EM

4. **Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?**

Sim claro! É a pauta do momento.

5. **Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?**

Concordo em partes, pois praticamente acaba com a disciplina no EM, ela pode ser um tema transversal dentro de linguagens.

6. **Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?**

Se a instituição optar pelo itinerário de linguagens pode ajudar.

7. **O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?**

Fundamental, pois a arte dialoga com outras áreas do conhecimento.

8. **Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?**

Sim, trabalhei com um professor de história e também com a área da matemática.

9. **No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?**

Poder ser a falta de tempo para planejar e desenvolver os projetos.

10. **O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?**

Bom, como a disciplina tem uma aula nas escolas que eu trabalho, falta tempo para planejar e executar a ações com outros professores.

11. **Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?**

Se a disciplina for um itinerário formativo poderá ser trabalhada com mais diálogo com as outras áreas e sair do campo das ideias (teoria).

12. **Há algo mais que você gostaria de acrescentar?**

Nada mais no momento.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas***". O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Haroldo de Araújo
- **Formação acadêmica:** Licenciatura em Artes Visuais e Licenciatura em Artes Cênicas
- **Idade:** 45
- **Telefone:** 62- 991465553
- **E-mail:** haroldoprolicen@gmail.com

1. **Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?**

Leciono a cerca de 11 anos na Rede Estadual de Educação

2. **Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?**

Ensino fundamental 6º aos 9º anos e também Ensino médio e EJA

3. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim, Os professores da Rede Estadual todos tiveram participar da elaboração e implantação da BNCC.

4. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Em partes sim. Em alguns pontos as disciplinas de artes ficaram desatendidas. Propostas que foram feitas e discutidas na elaboração não foram contempladas no documento final. O currículo de artes está solto. Propõe a interdisciplinaridade, mas sem um objetivo e orientações. A redução dos números de aulas de artes também inviabiliza a realização de projetos e deixa a disciplina com poucos meios para atingir o seu objetivo.

5. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Não, porque as áreas de humanas e novas linguagens como é o caso da disciplina de artes não serão o foco de muitos estudantes e das escolas. A disciplina já sofre o descaso diante da cobrança de números e gráficos que apontam o desempenho da educação. Não existe uma estrutura e projetos que façam com que as disciplinas de artes sejam vistas como importantes no desenvolvimento do estudante. Esse tipo de itinerários no Ensino Médio só vai reforça o descaso pelas disciplinas de artes.

6. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Essencial no atual contexto, mas como disse não é difícil ser concretizado com a o número de aulas de artes que são disponibilizadas na educação regular.

7. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim, já realizei projetos interdisciplinares tanto no EJA como no Ensino Médio e Fundamental. As disciplinas que já realizei projetos foram: Português, Ciências, História, geografia, sociologia, filosofia, Física e Química.

8. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

No atual momento são as aulas reduzidas, os horários inflexíveis das escolas, a falta de horário para planejamento das aulas interdisciplinares (muitos professores não se encontram pra trocar ideias) e as cobranças por resultados numéricos nas provas diagnósticas.

9. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Mudança urgente nos currículos e no sistema de avaliação diagnósticas da educação.

10. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Acredito que na atual forma que está estruturada as disciplinas nas escolas a BNCC não tem muito a contribuir com a interdisciplinaridade. Está no papel, mas na prática quase inviável.

11. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Sim, acredito que precisamos um maior envolvimento das instituições formadoras de Arte educadores nas discussões e elaborações curriculares da educação. E principalmente na exigência de melhores estruturas e carga horárias para que a arte educação seja valorizada e consiga atingir seus objetivos. Como está atualmente muitos educadores de artes somente ministram os conteúdos sem uma análise crítica e reflexiva.

Muito Obrigado(a)!

Universidade Federal de Goiás – UFG
Curso de Artes Visuais – Licenciatura - EAD

Questionário de Pesquisa

Olá!

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de TCC intitulada: "***BNCC e o ensino interdisciplinar das Artes Visuais nas Escolas***". O trabalho é orientado pela Professora Ma. Welbia Carla Dias (98166-6154) e composto pelas alunas: Vivian de Souza e Silva Pereira e Weridiana Maria Almeida Araújo Santana.

Por meio desta pesquisa buscamos analisar o contexto educacional vislumbrando as possíveis mudanças e quais serão os reflexos mediante a aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ensino da componente de Arte em nosso país e, consequentemente, como tais mudanças podem favorecer ou não o ensino interdisciplinar de Arte no Ensino Fundamental II (anos finais) e no Ensino Médio.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas no Trabalho de Conclusão de Curso já citado acima. **Em hipótese alguma, suas informações pessoais (nome, telefone, e-mail, locais de trabalho, etc.) serão evidenciados no trabalho ou em qualquer outro meio impresso ou digital.**

Agradecemos a sua participação e colaboração por meio das respostas às perguntas que seguem. **Certamente sua contribuição será fundamental para a nossa pesquisa!**

1. IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do professor:** Maria de Fatima França Rosa
- **Formação acadêmica:** Licenciada e Bacharel em Artes Visuais
- **Idade:**
- **Telefone:** (62) 985258403
- **E-mail:** fatimaprolicen@gmail.com

2. Há quanto tempo você leciona a componente de Arte em escola pública e\ou escola privada?

1 ano e 4 meses

3. Quais as séries ou anos escolares você leciona ou já lecionou essa componente?

6ª à 9ª Série do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

4. Você já ouviu falar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Sim.

5. Você concorda com o que a BNCC propõe para o ensino de Arte? Por quê?

Não. A BNCC e o currículo para o ensino de artes apresentam objetivos também distintos. A BNCC se trata de um documento orientador que aponta o que se espera que os alunos desenvolvam ao longo da Educação Básica, e o contexto social e cultural dos estudantes deveriam ser levados em consideração, com uma abertura para propostas que realmente contemplassem essa diversidade.

6. Na sua opinião, a formação de itinerários no Ensino Médio pode contribuir ou não para o ensino da componente de Arte? Por quê?

Não, pois os itinerários formativos para o novo Ensino Médio permitirá que o estudante escolha por ter uma formação profissional, e sobre esse aspecto a oferta do ensino da componente de Arte poderá desaparecer.

7. O que você acha da interdisciplinaridade na componente de Arte?

Para que aconteça realmente interdisciplinaridade na componente de Arte, é necessário que os conteúdos das outras disciplinas, que serão trabalhadas tenham um potencial para construção dos conhecimentos em arte.

8. Você já trabalhou o ensino de Arte de forma interdisciplinar? Se sim, com quais componentes (disciplinas)?

Sim. Educação Física.

9. No seu ponto de vista, quais as dificuldades que podem ser encontradas no ensino interdisciplinar de Arte nas escolas?

A falta de planejamento e participação de professores de outras disciplinas.

10. O que poderia ser feito para sanar as dificuldades apontadas por você na questão anterior?

Participação da coordenação e dos professores no planejamento anual das disciplinas com propostas interdisciplinares.

11. Na sua opinião, como a BNCC pode contribuir para o ensino de Arte nos currículos e para o ensino interdisciplinar?

Percebo que a BNCC traz uma visão homogênea do contexto social e cultural dos estudantes, e também a destituição da liberdade dos professores, no sentido que de construírem uma prática criativa no ensino de arte, que não contemple a polivalência.

12. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Considero, importante ressaltar que a Federação de Arte-Educadores do Brasil encaminhou à Comissão de elaboração da BNCC, do Componente Arte, um documento contendo as principais críticas ao último texto divulgado, e que as questões levantadas pela Federação de Arte-Educadores não foram levadas em consideração.